

MARGARIDA MARIA DE JESUS SIMÕES PANDEIRADA

***TESTEMUNHOS DO OCEANO:
EMIGRAÇÃO E LITERATURA
EM
FERREIRA DE CASTRO***

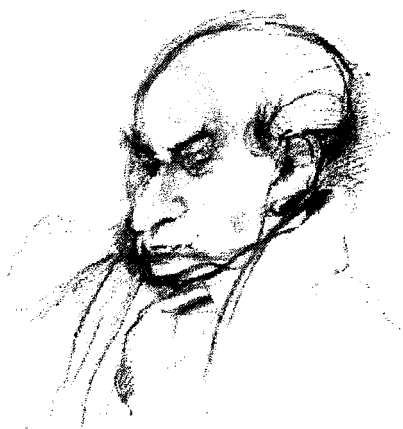


FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2004

MARGARIDA MARIA DE JESUS SIMÕES PANDEIRADA

***TESTEMUNHOS DO OCEANO:
EMIGRAÇÃO E LITERATURA
EM
FERREIRA DE CASTRO***



Dissertação apresentada para a obtenção do grau de
Mestre em Estudos Portugueses e Brasileiros apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Sob a orientação da Doutora Maria de Fátima Marinho Saraiva
Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2004

*Pelo muito que lhes devo, consagro,
dedico e ofereço este estudo ao
João e aos nossos filhos,
Joana e Adriano*

À memória dos meus pais

Nota Prévia

Quero expressar a minha gratidão a todos quantos, de qualquer forma, contribuíram para tornar possível o percurso, que culmina com a apresentação desta dissertação. Não posso deixar de endereçar uma palavra especial de reconhecimento

à Professora Doutora Fátima Marinho, que orientou esta dissertação, pela disponibilidade constante e pelo conselho sábio que enriqueceram este trabalho. Cumpre-me agradecer-lhe, ainda, pela sugestão do autor visado, o empréstimo de vários volumes da sua biblioteca pessoal, a leitura e a correcção incisiva dos meus erros;

aos meus amigos Mara, Isabelle, Miguel, Carmen, José, Sónia, Luís, Jussara e Bruno, que em muitos momentos me apoiaram e trilharam comigo os penosos caminhos;

aos funcionários do Museu Ferreira de Castro em Sintra, em especial o Doutor Ricardo Alves e a Doutora Elsa Martinho;

a Carlos Castro do Centro de Estudos Ferreira de Castro em Salgueiros - Ossela;

à D. Manuela, responsável pela Casa Museu de Ferreira de Castro e da Biblioteca;

aos funcionários do Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, que, generosamente, facultaram o material necessário na pesquisa do movimento;

à minha filha, Joana, que, pacientemente, leu todo o estudo, corrigiu as minhas primeiras falhas, e sugeriu alternativas.

Não posso deixar de dar uma palavra de incentivo aos meus irmãos, Pedro, Lurdes e Victor, emigrantes na Venezuela, que enfrentam dificuldades num país que actualmente os rejeita, sonhando um regresso sempre adiado; e ao meu sobrinho Juan Carlos, um imigrante cujo sucesso, profissional e pessoal, fruto da coragem e do empenho, tem sido crescente.

Finalizo, homenageando todas as pessoas que integram, mantêm e defendem as instituições Ferreira de Castro, pela forma honrosa como representam o escritor, dignos porta-vozes do seu nome e da sua mensagem.

Índice

Nota Prévia

Índice

Prólogo	7
 I Capítulo – Emigração/Imigração	 15
1. Intróito	15
2. A Emigração de Portugal para o Brasil	18
2.1. Perspectiva histórica	18
2.2. Causas/motivações	25
2.3. Consequências	26
3. O perfil do emigrante português e a sua evolução histórica	29
4. Literatura e Emigração	35
4.1. A emigração vista pelos escritores portugueses	35
4.2. A personagem emigrante: sua evolução na literatura	37
 II Capítulo – Biografia de um emigrante, migrante e viajante	 41
1. Intróito	41
2. Biografia de um emigrante	43
3. Biografia de um migrante no Brasil	49
4. O regresso de um emigrante	52
5. Biografia de um migrante em Portugal	53
6. Biografia de um viajante	54
 III Capítulo – O movimento Neo-realista e Ferreira de Castro	 59
1. Intróito	59
2. O Neo-Realismo: o que é, o que pretende	60
3. O Neo-Realismo e Ferreira de Castro	65

IV Capítulo – O romance <i>Emigrantes</i> como testemunho	76
1. Intróito	76
2. A Narração	78
3. As Personagens	84
4. A Acção	96
4.1. O percurso migratório	97
4.1.1. As razões – a fome de riqueza	98
4.1.2. A viagem – etapas de um destino	105
4.1.3. A adaptação – um sonho sempre adiado	114
4.1.4. O regresso – matar as saudades	118
5. O Espaço	123
6. O Tempo	129
Epílogo	133
Bibliografia	139
Anexos	148

Ars

*Os muros brancos da indiferença
desafiam os pintores
a pintar neles a esperança
amarelos sóis girando
roxos violetas azuis
como há e não há inventados
largas janelas abertas
para a vida e para o sonho
vermelhos entusiasmos
castanhos terra serenos
de horizontes rasgados*

Joaquim Namorado

Prólogo

A viagem tem sido um factor crucial na história da humanidade desde os seus primórdios. Ela simboliza, resumidamente, a busca da “verdade, da paz, da imortalidade, na procura e na descoberta dum centro espiritual”¹. Ela exprime ainda, para além disso, “um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais ainda do que deslocação local”². De acordo com a teoria do psicólogo suíço Carl Jung, ela “indica uma insatisfação que leva à busca e à descoberta de novos horizontes”³. Efectivamente, ao viajar para lugares desconhecidos, o indivíduo tem oportunidade de estar mais desperto, mais atento, e essas mudanças trazem à superfície todas as virtudes e fraquezas do homem, assim como as ilusões e miragens que seduzem e enganam ao mesmo tempo.

Ela é, pois, não só um transporte no espaço mas também a busca de mudança ou recuperação de uma experiência vivida. Ainda citando Jung, o desejo de viajar surge do “anseio nunca saciado, que em parte alguma encontra o seu objecto”⁴. Este objecto pode ser identificado como a “mãe perdida”, mas ele pode ser representado, do mesmo modo, como a “fuga da mãe”: o corte do cordão umbilical e a consequente ruptura para uma nova vida⁵. Sérgio Motta usa a expressão “viagem-aprendizado”⁶ e, sob esta perspectiva, a viagem seria vista, não só como uma ruptura com o quotidiano, mas também como um fenómeno evolutivo em que a colocação do homem face a novas experiências, o levaria a partir para o desconhecido apesar de isso representar uma experiência assustadora: “Mas o desejo da descoberta supera o medo e instiga a caminhada”⁷.

O tema tem inspirado poetas e prosadores ao longo de toda a história da Literatura desde a longa viagem de Ulisses, na *Odisseia* de Homero, ao Êxodo dos hebreus na Bíblia rumo à Terra Prometida, da viagem dos portugueses em *Os Lusíadas* de Luís de Camões, até *A Jangada de Pedra* de José Saramago. No “sentido primário, viajar é procurar. Além de viajante, o homem é a própria viagem.”⁸, daí a necessidade intrínseca que já nasce com o

¹ Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “Viagem” in *Dicionário de Símbolos - mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*, Editorial Teorema, Lda., Lisboa, 1994, pág. 691.

² *Idem, ibidem*.

³ Maria de Fátima Sendão Gomes Morashashi, USP, www.geocities.com/ail_br/imagemutopicaaviagememjangada.html - 15k

⁴ *Idem, ibidem*.

⁵ Posteriormente verificar-se-á como Ricardo António Alves focaliza este factor e a sua repercussão na biografia de Ferreira de Castro,

⁶ Sérgio Motta, “Ciência do Ser” www.sergiomotta.com.br/dir/d_210.html - 22k

⁷ Marco Aurélio, www.bhnet.com.br/lendasolar/especiais/aviagem.htm - 6k

⁸ Maria de Fátima Sendão Gomes Morashashi, USP, www.geocities.com/ail_br/imagemutopicaaviagememjangada.html - 15k

homem e daí também que ela acabe por ser um *ex-libris* em muitas obras de grande fôlego literário.

Directamente associada à viagem, surge-nos um outro tema: a migração, a emigração e a imigração. Esta tríade subsiste à custa da viagem. Baudelaire afirma que “os verdadeiros viajantes são aqueles que partem por partir”⁹, porém a emigração não é o resultado apenas do desejo de viajar, mas de algo mais.

Incontestavelmente, a emigração tem sido ao longo dos séculos, uma força civilizadora de incomparável amplitude humana e cultural mas tem sido, igualmente, fonte de inspiração para artistas de todas as áreas culturais, em particular na Literatura.

As migrações de pessoas e povos não são de hoje, mas de sempre. A espécie humana formou-se nessas mudanças. Sempre que escasseia a mão-de-obra, os imigrantes tornam-se um importante recurso económico. Contudo, mais do que um fenómeno económico, tornar-se-ia num fenómeno de amplitude sociológica e histórica, de primordial importância, particularmente no século XX.

No entanto, o imigrante tem sido visto como um problema, para além da sua mais-valia; o racismo tem as suas raízes profundas neste turbilhão de questões e sentimentos, no receio que a vinda de imigrantes, para um determinado país, possa significar a perda de poder, identidade cultural, bem-estar ou segurança. Por isso as migrações, frequentemente, não tardam a constituir não só uma ameaça, mas um perigo, no caso de expansão.

A América do Norte e do Sul formar-se-iam a partir dessa massa de população anónima; esses países sobreviveriam, económica e humanamente, durante séculos deste movimento de imigração. Portugal seria um dos importantes doadores de recursos humanos para a sua formação. Desse diálogo, nem sempre pacífico e amigável, surgiriam histórias, dramas humanos, de dimensão épica.

Alexandre Herculano, não deixaria de condenar veementemente a política da emigração. Este tema constituiu, “três anos antes da sua morte, a sua última polémica pública” que “começou a ser travada após a edição dos dois primeiros tomos dos *Opúsculos*, numa altura em que se resolvera a sair do silêncio a que se votara desde 1867”¹⁰, polémica essa que foi publicada nas onze cartas que escreveu e que enviou, entre 1873 e 1875, ao conselheiro Carlos Bento da Silva, e que serão também, oportunamente, objecto de estudo neste trabalho.

⁹ Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *op.cit.*, p. 692.

¹⁰ Alexandre Herculano, *Opúsculos II*, Organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia. Editorial Presença, Porto, 1983, p. 63. Já em 1838 Alexandre Herculano se tinha debruçado sobre este assunto tendo publicado um artigo intitulado “A Emigração para o Brasil”.

Apesar desta “polémica” ter ocorrido no século XIX, é interessante analisar a sua contemporaneidade, bastando fazer uma rápida leitura de alguns cabeçalhos dos periódicos, ou ouvir os destaques dos noticiários nacionais,

Assunto actual, portanto, quer no tema em si, quer na obra e no autor em destaque, propõe-se este trabalho relacionar o fenómeno com a Literatura, visto que a migração, se tornou fonte de inspiração para os escritores, sobretudo do século XX, alguns deles também emigrantes, reabilitando deste modo a sua imagem, que o preconceito do século anterior tinha caricaturado.

Nos Estados Unidos e no Canadá, no Brasil e na Argentina, esses escritores celebraram a odisseia da emigração. Neste sentido, sua contribuição, é mais do que literária. O imigrante é frequentemente, uma figura menosprezada. Mas o olhar do imigrante sobre a realidade local é o olhar privilegiado, para dizer o mínimo. Ele vê coisas que passam despercebidas, não apenas em termos de conflitos como de oportunidades. (...) Mas do olhar do emigrante nasce também a indignação diante da injustiça, da desigualdade. Deste olhar resulta a matéria-prima para a criação literária.¹¹

As migrações serão, portanto, um dos primeiros tópicos a abordar e que ocupará o I Capítulo deste estudo, quer ao nível antropológico, histórico e, necessariamente, literário.

Vários autores inseridos na primeira metade do século XX, tendo vivido a experiência migratória, procuraram reabilitar a imagem do emigrante: Miguel Torga, José Rodrigues Miguéis e aquele sobre o qual este trabalho se vai debruçar – Ferreira de Castro. É importante salientar ainda em que medida este autor, através da sua arte, se aproxima e envolve na problemática da emigração. Mas como contorná-la quando ele próprio a sentiu na pele? Como evitá-la se foi ela que o fez crescer como escritor? Ferreira de Castro tinha uma visão lúcida sobre a emigração, por isso ela foi tema e motivo de alguns dos seus romances (nomeadamente *Emigrantes*, *A Selva* e *Instinto Supremo*). Paralelamente revelou-se um exímio teorizador sobre o assunto:

Os homens transitam de Norte para Sul, de leste para Oeste, de país para país, em busca de pão e de futuro melhor.

Nascem por uma fatalidade biológica e quando, aberta a consciência olham para a vida, verificam que só a alguns deles parece ser permitido o direito de viver. Uns resignam-se logo à situação de elementos supérfluos, de indivíduos que excederam o numero de seres que o são

¹¹ URL: Moacyr Scliar, <http://www.museujudaico.org.br/livros/scliar.html> - tamanho 6k

apenas no sofrimento, no vegetar fisiológico de uma existência condicionada por milhentas restrições.(...) Alguns porém não se resignam facilmente. A terra em que nasceram e que lhes ensinaram a amar com grandes tropos farfalhantes, existe apenas, como o resto do mundo, para fruição de uma minoria (...) E deslocam-se, e emigram, e transitam de continente, de hemisfério a hemisfério, em busca do seu pão.¹²

Esta postura, largamente difundida como “humanista”, terá levado a sua geração e a seguinte a considerá-lo o precursor do Neo-Realismo em Portugal. A honra com que o agraciaram, advém da “linguagem directa e despojada e nas abordagens da questão social”¹³, o que poderá estar na origem do seu esquecimento. Daí que o objectivo deste trabalho se proponha igualmente elevar a arte de um autodidacta, que merece uma singela mas merecida homenagem. E se com ela pudermos reavivar a sua memória não só ao nível da vida, mas, e sobretudo da obra, então esta não terá sido uma tarefa inglória. A sua arte não poderá ser marcada somente por um momento: o conteúdo da sua escrita é universal e intemporal. Os problemas que aborda não são de ontem, ou de hoje, mas de sempre, porque o drama da emigração é universal e actual.

Para além dos assuntos já propostos, o autor será, no II Capítulo, alvo de um estudo biográfico como emigrante, imigrante, migrante e viajante. Este percurso esteve presente ao longo de toda a sua vida. Para além da obra romanesca, largamente influenciada pela viagem, ficaram ainda outros testemunhos seus de viagens, tais como *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, onde para além de descobrir o encanto da natureza, é atraído pelo ser humano habitante nos mais recônditos lugares, na viagem pela arte em *As Maravilhas Artísticas* ou, por fim, n’*A Volta ao Mundo*.

Viageiro do mundo, contemplou a “beleza de quase toda a terra” e auscultou “o coração de quase todos os povos que nele habitam”, conheceu e foi amigo de homens que, como ele, se sentiam atraídos pela missão de escrever.¹⁴

Esta viagem pela sua biografia colocar-nos-á num período conturbado, no contexto histórico-político do século: as duas guerras mundiais e o regime do Estado Novo.

¹² Ferreira de Castro in Ricardo António Alves, *Anarquismo e Neo-Realismo – Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*, 1ª Edição, Ânfora Editora, Lisboa, 2002, pp. 52 e 53.

¹³ António Valdemar, “O êxito e o Esquecimento”, 24 de Maio de 1998, *Diário de Notícias*, Lisboa.

¹⁴ Ferreira de Castro/ *Viageiro do Mundo Conhecedor dos Homens*, Editora Secretaria de Estado da Comunicação Social, Direcção Geral de Divulgação, Lisboa, 1980, pp. 14 e 15.

Da sua vasta obra e cujo âmago é a própria emigração, foi seleccionada *Emigrantes*, romance detentor de “um universalismo essencial” e “comunicativo à escala mundial”, revelando o “testemunho humanístico” do seu autor¹⁵. Contudo, outras obras poderão ser referidas sempre que se torne oportuno a sua inserção neste estudo, nomeadamente no capítulo que analisa a possibilidade da inclusão no Neo-Realismo.

Denúncia de injustiças é, sem sombra de dúvida, um lugar comum na obra de Ferreira de Castro. João Palma Ferreira sublinha o facto de, pela primeira vez em Portugal, um escritor colocar o leitor no centro de um problema “de que foi obrigado a fazer prévia participação e de onde extraiu, pelo menos, um complexo de situações profundamente dramáticas e pessoais”. Curiosamente, essa denúncia é realizada de modo peculiar, como anuncia Ricardo António Alves, referindo-se ao romance *A Selva*. No entanto, esta reflexão poder-se-á aplicar do mesmo modo na primeira obra editada em Portugal – *Emigrantes*:

Não há um tom de exaltação, de denúncia vociferante a que o tema poderia prestar-se mas antes uma atmosfera profundamente poética, servida por uma grande contenção que paira por todo o texto, própria de quem carregou consigo um enorme sofrimento durante anos, dele parcialmente se libertando transpondo-o para a ficção.¹⁶

Em *Emigrantes*, o autor assume-se como biógrafo “das personagens que não têm lugar no mundo” e esta posição de “voz” vai dar vida a uma personagem arquetípica que desperta no leitor sentimentos de solidariedade e compreensão. Ela representa todo e qualquer emigrante que, tal como o autor, viveu a experiência migratória¹⁷. Por tudo isto, Ferreira de Castro seria o inspirador do movimento literário de cariz ideológico que perduraria por cerca de cinco décadas em Portugal.

Vamos poder observar a riqueza literária da sua escrita, de que está imbuído todo o romance, entroncando em paralelo, para além da dimensão económica, social e histórica, a dimensão humana sugerida pela emigração, pois existe um vasto “material” que enforma este factor, e que envolve dramas humanos.

Edificar o emigrante começa, consequentemente, por escarpelar as razões que o levaram a procurar outro espaço, que, na maioria das vezes, são razões económicas, sobretudo nas camadas mais desfavorecidas da população: o sonho da riqueza que nunca se

¹⁵ Cf. Álvaro Salema, “Uma vida e uma obra”, in *Ferreira de Castro – A Sua Vida, A sua Personalidade, a Sua obra*, Publicações Europa-América. Póvoa do Varzim, p. 15.

¹⁶ Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 55

¹⁷ cf. *Idem*, p. 52

alcança no reduzido espaço de origem, frequentemente confundido com ambição pelos seus detractores.

Será, pois, tarefa deste trabalho, identificar as razões que levaram a personagem a emigrar, e, seguidamente, todas as providências que tomou para realizar o seu intento, após a drástica decisão que tomara. Entra aqui outro factor: a dimensão psicológica que envolve a decisão, a angústia, o medo e o risco, que daí advêm.

Tomada a decisão, segue-se a viagem, que é o passo seguinte, e que envolve o embarque, o trajecto propriamente dito, a chegada ao destino e o desembarque.

A adaptação envolve um processo de aculturação – aceitação ou rejeição face ao novo (a terra, os habitantes, o clima ou o meio social).

Investigar-se-á em que medida os objectivos inicialmente propostos foram ou não alcançados. Daqui surge outro ponto a reflectir: a concretização do “sonho americano”, no caso da América do Norte, ou do *Eldorado*, da América do Sul. Finalmente, se o regresso ao país de origem existe, então será alvo de estudo uma vez que constitui um elemento importante na vida do migrante.

Por fim, e ainda no IV Capítulo, a paisagem humanizada será outro tópico a considerar dado que a natureza surge largamente explanada na sua obra, frequentemente associada a estados emocionais, natureza que sempre foi tão cara a Ferreira de Castro.

Ricardo António Alves refere que os seus livros “deixaram uma fortíssima marca na nossa literatura e em muitos dos seus leitores”¹⁸. Contudo, o *Diário de Notícias*, em 24 de Maio de 1998, no centenário do seu nascimento enunciava num dos seus cabeçalhos: *O êxito e o esquecimento — Nasceu há precisamente cem anos, em Ossela, um escritor que não conseguiu sobreviver à morte dos seus antigos leitores*¹⁹. Efectivamente, Ferreira de Castro “foi com certeza o *best-seller* e escritor português mais conhecido, à volta pelo menos de 1930-1960”²⁰.

Foi dos autores portugueses o que viu maior número de livros traduzidos, ainda em vida, traduzidos para a maioria das principais línguas europeias: Inglês, Russo, Francês, Checo, Castelhanos, Italiano, Sueco, Eslovaco, Norueguês, Romeno, Alemão, Flamengo, Búlgaro, Polaco, Húngaro e Servo-Croata.²¹

¹⁸ Ricardo António Alves, *op. cit.*, p. 51.

¹⁹ António Valdemar, “O êxito e o Esquecimento”, *Diário de Notícias*, 24 de Maio de 1998.

²⁰ Óscar Lopes e António José Saraiva, “José Maria Ferreira de Castro”, *História da Literatura Portuguesa*, Alfa, 7 Vols, Lisboa, 2001 a 2003, p. 123.

²¹ Ricardo António Alves. Texto baseado no “*Guia da Exposição do Museu Ferreira de Castro*”, p. 35.

Passados mais de cem anos do nascimento de Ferreira de Castro, Óscar Lopes defende que “a sua mensagem tem perfeita actualidade no Brasil,”²² mas é também em Portugal que essa actualidade se mantém, pois toda a sua obra é um hino à humanidade e ao seu amor por ela, seja através dos homens, da Natureza pincelada em palavras, da Literatura e até da Arte em geral.

²² *Idem*, 126.

Cantar de Emigração

*Este parte, aquele parte
e todos, se vão
Galiza ficas sem homens
que possam cortar teu pão*

*Tens em troca
órfãos e órfãs
tens campos de solidão
tens mães que não têm filhos
filhos que não têm pai*

*Coração
que tens e sofre
longas ausências mortais
viúvas de vivos mortos
que ninguém consolará.*

I Capítulo

Emigração/Imigração

*E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;*
Luís de Camões

1. Intróito

Todos os anos, no dia 10 de Junho, feriado nacional, se comemora uma “trindade”: o Dia de Portugal, o Dia de Camões e o Dia das Comunidades Portuguesas Espalhadas pelo Mundo. Instituída a efeméride, em 1977, pelo Governo Democrático, esta seria um ponto de honra para os portugueses, não só residentes em Portugal, mas também para todos aqueles que têm “... a vida pelo mundo em pedaços repartida”²³ – o “português-emigrante” – a “versão moderna e aceitável”, que veio substituir a “imagem do português-colonizador que durante quinhentos anos nos serviu de referência”²⁴. Esta perduraria para além das designações e das efemérides para os povos colonizados, condicionando e deturpando a imagem do português-emigrante, sobretudo no Brasil.

Ter como patrono Camões foi uma honra com que o Governo agraciaria esta “pátria” repartida pelo mundo e que representa mais de quatro milhões de portugueses. Para eles, Camões foi o “maior emigrante de todos os tempos”, visto ter estado emigrado cerca de dezassete anos, embora por razões bem distintas daquelas que afasta, ainda hoje, muitos portugueses da “mãe-pátria”. Tal como antes a razão parece ser sempre a mesma: “Pobres, saímos de casa para ser ou tentar ser senhores”²⁵, quer fosse no Oriente ou em terras de Vera Cruz, o Brasil. A propósito destas comemorações afirma Eduardo Lourenço:

Pobres, saímos agora para servir povos mais ricos e organizados do que nós. Nenhum Camões – nem de entre os herdeiros do neo-realismo – se lembrou de tematizar, como conviria, esta “gesta” de um tipo novo. Talvez seja excessivo convocar a memória da *epopeia positiva* – (...) – para converter em qualquer coisa de *exaltante* o que é da ordem da pura necessidade e ao mesmo tempo

²³ Luís Vaz de Camões, “Junto de um seco, fero e estéril monte” *Sonetos e Canções*, Porto Editora, Porto, 1974, p. 99.

²⁴ Cf. Eduardo Lourenço, “A Emigração como Mito e os Mitos da Emigração” *O Labirinto da Saudade*, 2ª Edição, Coleção de Autores de Língua Portuguesa, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1982, p. 128.

²⁵ *Idem*, p. 133.

um resumo aflitivo de todos os males de que há muito sofremos enquanto nação insuficientemente desenvolvida.²⁶

Não podemos esquecer, continua o autor citado, o “*fenómeno-miséria*, ou antes, do sofrimento físico ou moral com que o emigrante paga a riqueza ‘regeneradora’ da pátria ausente”²⁷. Perante estes factos, e embora o épico se sentisse orgulhoso desta valorosa gente, certamente que não invocaria as musas que lhe dessem “um som alto e sublimado,/Um estilo *grandiloco* e corrente”²⁸. Porque o emigrante procura lá fora aquilo que a amada pátria lhe nega. E como julgá-lo? Os que ficam continuam a alimentar uma imagem paradoxal: para uns, o orgulho, para outros, o ridículo. Mas sempre a imagem da vítima que passa agruras em busca da riqueza; mais ainda do que riqueza – perseguir o sonho.

Portugal, Camões, Emigração: uma trindade que se reflete todos os dias em 10 de Junho, e em que se empolam discursos à pátria, ao épico e ao emigrante. Contudo, não convém esquecer que muitos “milhares de compatriotas – e em particular os seus filhos – são *felizes* lá fora, ou pelo menos, já estão inseridos na trama dos povos que os acolheram que a ideia mítica do regresso a Portugal só a isso se resume”²⁹.

Camões regressou, mas, para muitos portugueses, esta é uma viagem sem regresso, de tal forma fundidos no “contexto avassalador”³⁰, que melhor ou pior os acolhe, e que muitas vezes lhes oferece melhor apoio não só ao nível económico, mas também de assistência social, cultural, educacional, etc., sobretudo nos países mais desenvolvidos³¹. Os discursos perdem, por isso, esse ênfase retórico que todos os anos mortificam, pois Portugal continua, com nostálgico olhar, a despedir-se dos caminhos, das aldeias, da família; continua a trilhar o espaço que o leva do “torrão-natal” até ao lugar do embarque que artistas de todas as áreas divulgaram.³² Apesar de tudo os emigrantes sentem-se orgulhosos e é pela voz de um deles que esse agradecimento é feito.

Foi bom os governantes de Portugal nos legarem o “Dia de Camões”, como Dia do Emigrante Português. Aceitamo-lo, alegre e orgulhosamente, porque nós emigrantes fazemos parte da Nação

²⁶ *Idem*, p. 134.

²⁷ *Idem*, *ibidem*.

²⁸ Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Porto Editora, Lda., Porto, 1975, p. 70.

²⁹ Eduardo Lourenço, *op. cit.*, p. 135.

³⁰ Cf. *Idem*, p. 136.

³¹ Não podemos aqui incluir a emigração na América Latina, e os países africanos uma vez que nesses o processo se faz agora em sentido inverso, ou seja, são os emigrantes, os filhos dos emigrantes e os próprios naturais que procuram agora a Europa.

³² Ver em anexo “Figura 1” e “Figura 2”: *O Emigrante* de José Malhoa.

Peregrina Portuguesa, como diria Camões "pelo mundo em pedaços repartida". Somos 40 por cento dos portugueses espalhados pelo mundo, ou seja 4 milhões.³³

Pretende este capítulo, para além dos assuntos já abordados, e num primeiro momento, fazer uma retrospectiva histórica da emigração a partir do momento em que o referido *português-colonizador* passa a ser o *português-emigrante*. Intenta especular sobre as causas e motivações que o levavam a emigrar, bem como as consequências que essa decisão provocou, não só ao nível individual mas também ao nível geral, ou seja, as causas e consequências que agiram sobre o emigrante em particular e sobre a comunidade por onde “repartiu” a sua vida. Ainda neste espaço não podemos deixar de observar o perfil do emigrante português, sobretudo no aspecto sociológico, não ficcional: como o vêem e como ele próprio se vê?

A história das migrações, contudo, não está escrita; ela continua, infelizmente, a ser uma história a escrever. Os cabeçalhos dos jornais e das revistas, falam por si, quer em Portugal quer no resto do mundo, como vamos observar, e, embora abordada de uma forma menos aprofundada, não é possível contornar a outra forma de migração – a imigração – porque ela nos toca cada vez mais vivamente. Sendo assim, qual o papel dos emigrantes e dos imigrantes na sociedade hoje? Quais as transformações que a curto e a médio prazo se estão a processar, em que medida o lugar que ocupam altera o meio em que vivem?

Finalmente o grande objectivo deste estudo: Literatura e Emigração. Qual a implicação de uma na outra? Em que medida o tema abordado foi criador de mundos ficcionais? Em que medida a Arte se alimentou de algo tão dramático como o tema da emigração? Sem dúvida que ela foi fonte inspiradora, a comprová-lo, temos duas obras que não nos deixam faltar à verdade: *Emigrantes* e *A Selva*. Ambas deram uma face do emigrante, inédita até então. Uma face humana que só a pena de Ferreira de Castro conseguiria revelar, porque tinha vivido, na carne, a experiência. Qual a visão dos nossos escritores sobre este fenómeno que tem afectado, de modo avassalador, as estruturas da nossa sociedade?

Para escrever este capítulo, aparentemente ambicioso, foi necessário o auxílio das diferentes áreas interdisciplinares, nomeadamente da sociologia, da filosofia, da política, do jornalismo, da historiografia e como não poderia deixar de ser da literatura, sobretudo de escritores de renome que teorizaram sobre o tema. Ilustres desconhecidos foram igualmente colaboradores, colaboradores porque emigrantes, testemunhos reais daqueles que sentem, vivem ou viveram a emigração, os verdadeiros actores-personagens desta realidade que supera, na maioria das vezes, a ficção.

³³Manuel Luciano da Silva, www.apol.net/dightonrock/camoes_o_maior_emigrante_de_todo.htm - 28k .

2. A Emigração de Portugal para o Brasil

2.1. Perspectiva histórica

No prefácio das Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração em Portugal, subordinado ao tema Emigração/Imigração, Mirian Halpern Pereira, uma das organizadoras, coloca em evidência o facto de, no estrangeiro, este assunto ser abordado de modo mais contundente do que em Portugal, daí a necessidade de também no nosso país, se reflectir sobre este fenómeno tendo em conta “a função crucial da emigração em todos os planos, económico, social, demográfico e cultural”³⁴. É pois insólito, que num país de tradição emigrante não se realizem este género de eventos, tendo em conta a existência “de uma continuidade indiscutível entre a emigração oitocentista e a emigração dos nossos dias, independentemente da mudança da geografia do destino e do próprio tipo de emigração”³⁵.

Em face da dificuldade de abarcar o estudo do tema em toda a sua dimensão, apenas um “diálogo interdisciplinar” poderia “obter uma melhor compreensão do multifacetado fenómeno que é a emigração”³⁶. A aculturação ou a integração do emigrante português seria um dos temas salientes. Considerado um domínio quase esquecido, era imprescindível um conhecimento melhor, em particular no que diz respeito ao passado, pela “falta de consciência, que até há dez anos atrás existia no principal país americano de destino, o Brasil, acerca da componente portuguesa na imigração” dado que a sua componente demográfica era encarada como uma “espécie de herança dos tempos coloniais”.³⁷

A existência do país a que hoje designamos por Brasil foi, pois, o resultado de um sonho, de uma viagem, e foi do resultado desse sonho e dessa viagem que nasceu um dos maiores países do mundo. A viagem foi a de um nobre, Pedro Álvares Cabral, incumbido pelo Rei D. Manuel I, e cujo destino era a Índia. Em Abril de 1500 foi avistada terra e dois dias depois desembarcarem em Porto Seguro, onde os portugueses ficaram durante uma semana, convivendo pacificamente com os naturais. O famoso relato de Pero Vaz de Caminha tornar-se-ia o primeiro testemunho acerca desse lugar e das suas gentes a quem denominaram

³⁴ Mirian Halpern Pereira, “Prefácio”, in *EMIGRAÇÃO/Imigração em Portugal - Actas do COLÓQUIO Internacional sobre Emigração em Portugal (séculos XIX – XX)*, ed. Fragmentos, Lisboa, 1993, p. 5.

³⁵ *Idem, ibidem.*

³⁶ *Idem*, p. 6.

³⁷ Cf. *Idem, ibidem.*

“índios”.³⁸

Os verdadeiros naturais do Brasil são os índios, nome geral dado aos habitantes do Novo Mundo e que ficou com uma recordação indelével de Cristóvão Colombo, da sua crença na esferidade da terra, cujas regiões orientais deviam, segundo ele, ser fatalmente alcançadas tomando pelo Ocidente. Estrangeiros, pelo contrário, são todos quantos desde os primeiros anos do século XVI pisaram o solo americano.³⁹

À terra, recentemente descoberta, chamariam Vera Cruz, designação que seria rapidamente substituída por Brasil em virtude da sua principal riqueza – o pau-brasil. A semana transformar-se-ia em meses, depois em anos e, por fim, em séculos. Mais precisamente, cinco séculos. O processo de ocupação, de exploração e de colonização seria um dos principais objectivos a implementar naquele espaço imenso, que necessitou do contributo de três ramos: o indígena ou índio, o negro trazido de África e o branco, ou seja, o europeu.⁴⁰ Esta primeira forma de ocupação foi chamada colonização.

Convém aqui fazer um parêntesis e esclarecer as designações aplicadas aparentemente a uma mesma realidade – emigração e colonização – e a que já nos referimos no intróito deste capítulo, pela voz de Eduardo Lourenço, quando se referiu ao *português-colonizador* e ao *português-emigrante*. Na perspectiva de Joel Serrão torna-se “difícil distinguir com pertinência, no fluxo ininterrupto daqueles que abandonaram no decurso da Época Moderna, definitiva ou temporariamente, a terra natal, os que devem ser inscritos na categoria de «colonizadores» e aqueles para os quais seria mais adequado reservar a denominação de «emigrantes», já um tanto na acepção actual”⁴¹. E prossegue na clarificação: “Porventura colonizadores e simples emigrantes coexistiram sempre, e de modo inextricável. (...) de um ponto de vista estritamente lógico, *emigrante* é género do qual *colonizador* é espécie, (...)” Designemos *colonizador* como

³⁸ Cf. José Hermano Saraiva. *História de Portugal*. Publicações ALFA, S. A. Lisboa, 1993, pp. 166 e 167.

³⁹ Oliveira Lima, *Formação Histórica Brasileira*, Rio de Janeiro, Topbooks, Editora e Distribuição de Livros, Lda, p. 265: Os índios teriam sido os primeiros a fazer a viagem, mais penosa do que a dos navegadores, milhares de anos antes, eles não seriam senão tribos asiáticas que teriam atravessado a Sibéria, e atravessado o estreito de Bering, tendo chegado ao Alasca, desceram para sul povoando assim a América. Efectivamente existem especulações, acerca da proveniência, destes habitantes da América, realizadas por antropólogos físicos, que consideram como “ancestrais dos índios as populações da Ásia Oriental, cujos representantes teriam penetrado na América em vagas através do estreito de Bering.”

⁴⁰ Joaquim da Costa Pinto Netto, “Formação da Sociedade Brasileira”, in *Colóquios sobre o Brasil*, nº 79, Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, Lisboa, 1967, p. 36 e 37.

⁴¹ Joel Serrão, *A Emigração Portuguesa- Sondagem Histórica*. 4ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1982, p.

o indivíduo que abandona o solo pátrio, com destino a uma colónia, e devido à iniciativa do estado ou integrado em empresa de âmbito nacional por ele promovida. E chamemos *emigrante* tão-só àquele que resolveu abandonar o país por exclusivos *motivos pessoais*, livremente concebidos, independentemente de solicitações oficiais e, até, muitas vezes em oposição a estas (...).⁴²

O fenómeno Emigração é recente, embora o século XV sirva de “marca cronológica ao início das irradiações que os Portugueses fizeram a partir do Reino”.⁴³ Nessa época as praças marroquinas, as ilhas e a Guiné eram os principais alvos. A mobilidade para estes e outros destinos foi crescendo no decorrer dos séculos XVI e XVII, “fazendo chegar a todos os continentes e a lugares geograficamente muito dispersos os nacionais portugueses”.

Na obra *Sociologia das Emigrações*, a autora, Maria Beatriz Rocha Trindade, completa a definição de emigração observando este fenómeno como “a saída de alguém com ausência suposta de duração significativa, do país que é o seu por relação de nacionalidade e por vivência no território que politicamente lhe está adstrito.”⁴⁴ Para esta autora, emigrar é “deixar a pátria ou a própria terra para se refugiar, trabalhar temporariamente ou estabelecer residência em país estranho”.⁴⁵ Aos indivíduos protagonistas desta acção são chamados “emigrantes”. Sob uma perspectiva histórica constatamos, pois, que colonização e emigração foram um factor de fulcral importância na formação do jovem país - o Brasil - nas proximidades da abolição da escravatura, e a consequente falta de mão de obra, que poderia afectar o processo de colonização de uma extensão de território tão vasta.

No Brasil, a nova política colonizadora, proposta por Alexandre de Gusmão e colocada em prática por D. João V, a partir de 1746, foi motivada pela preocupação de preencher vazios demográficos, particularmente em regiões fronteiriças, no sul, com as colónias espanholas. (...) Com a independência, acentua-se a preocupação pelos vazios demográficos.⁴⁶

A formação do Brasil processou-se por períodos. O primeiro foi a ocupação, exploração e consequente colonização. O segundo mais importante foi logo após a descoberta mineira, aquele em que a riqueza do Brasil mais atraiu os estrangeiros.⁴⁷ Nesse período espalhou-se pela Europa a fama de um país que oferecia “oportunidades de enriquecimento fácil com a

⁴² *Idem*, pp. 87 e 88.

⁴³ Maria Beatriz Rocha Trindade, *Sociologia das Migrações*, Universidade Aberta, 1995, Lisboa, p. 148.

⁴⁴ *Idem*, p. 31.

⁴⁵ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁶ Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana, “Política e Legislação Imigratórias Brasileiras e a Imigração Portuguesa”, in *EMIGRAÇÃO/Imigração em Portugal - Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração em Portugal (séculos XIX – XX)*, ed. Fragmentos, Lisboa, 1993, p. 17.

⁴⁷ Cf. Maria Beatriz Rocha Trindade, *op.cit.* p. 149

exploração de jazigos auríferos e de pedras preciosas, o que constitui verdadeira atracção para grande número de potenciais emigrantes”.⁴⁸ O terceiro período seria logo após a abolição da escravatura, como vamos analisar.

Em 4 de Setembro de 1850, é promulgada uma lei de repressão ao tráfico de escravos, com a consequente prisão dos transgressores, caso se verificasse o incumprimento da lei. Este seria apenas o primeiro passo, que se completaria em Fevereiro de 1869 com a abolição da escravatura.⁴⁹ Perdido o grande fornecedor de mão-de-obra, a escrava vinda de África, era necessário substituir esses braços por outros. A solução seria a mão-de-obra livre da Europa, sobretudo oriunda das classes mais desfavorecidas: “Uma estimativa actual aponta para um número superior a 50 milhões de europeus saídos entre 1850 e 1920, para o Novo Mundo”.⁵⁰ Esta mão-de-obra seria utilizada para a cultura do café, na altura em franca expansão.

Os Poderes Públicos tomaram medidas de modo a aliciar os europeus a abandonarem o Velho Mundo – a Europa - para se instalarem no Novo Mundo. O financiamento do transporte foi uma das primeiras iniciativas oficiais, à qual se seguiu a criação de núcleos coloniais para que os agricultores estrangeiros se pudessem instalar. Criaram-se ainda serviços administrativos para receber e conduzir os emigrantes, assim como legislação que os protegesse, inclusive a concessão de naturalização, considerando serem “cidadãos brasileiros todos os estrangeiros residentes no Brasil”⁵¹. Estas medidas favoreceram uma emigração massiva para o Brasil, não só de portugueses mas igualmente de italianos, de espanhóis e de alemães.⁵² Mais uma vez se renovava a “oportunidade de encontrar no Brasil nova actividade que desse esperança ao enriquecimento com que sempre sonharam”.⁵³

Embora tenha havido uma grande abertura, houve algumas restrições impostas pelo Governo Brasileiro, nomeadamente no que dizia respeito à entrada de asiáticos e africanos, a maiores de 60 anos e a portadores de doenças infecto-contagiosas. As restrições em relação à emigração aumentariam passada a primeira Guerra Mundial, devido às consequentes crises

⁴⁸ *Idem, ibidem.*

⁴⁹ AA. VV. *História de Portugal em Datas*, Circulo de Leitores, Lda. e Autores, Lisboa, 1994, pp. 218 e 224.

⁵⁰ Meissner et al., in Maria Beatriz Rocha-Trindade, *op.cit.* p. 139.

⁵¹ Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana, “Política e Legislação Imigratórias Brasileiras e a Imigração Portuguesa”, in *op.cit.*, p. 21: Trata-se dos Decretos de 26 de Novembro de 1889, e de 14 de Dezembro de 1889. “Tal medida, (...), resolvia em definitivo os problemas de cidadania dos estrangeiros radicados no país”.

⁵² *Idem*, p. 54: “...a emigração Europeia para o novo Mundo cresce, progressivamente, de uma média anual de 110 mil emigrantes ente 1821 e 1850, para de 270 mil emigrantes entre 1851 e 1880 e vem a atingir a média de 900 mil emigrantes por ano entre 1881 e 1915”

⁵³ Maria Beatriz Rocha-Trindade, *op.cit.*, p. 149.

económicas, e à Revolução de 1930. Perante este quadro, foi publicado um Decreto “limitando a entrada de estrangeiros viajantes de 3ª classe, ou seja, de imigrantes.”⁵⁴

Tendo em vista a situação de desemprego em que se encontra grande número de operários em centros urbanos e tendo em vista que uma das causas desta situação foi a afluência desordenada de estrangeiros, o Governo decide limitar a imigração.⁵⁵

Miriam Halpern Pereira, numa comunicação intitulada “Liberdade e Contenção na Emigração Portuguesa”, analisa as linhas gerais da política de emigração, do período que vai de 1850 a 1930⁵⁶. No que se refere aos países de destino, estes apresentam-se “como potenciais locais de viabilização do projecto do emigrante” uma “política de emigração favorável à corrente emigratória, torna-se pois condição *sine qua non* para o sucesso da empresa. Esta condição está intimamente intrincada na história da “emigração portuguesa, tanto no século XIX como no século XX” o que demonstra ser “um factor determinante, desde que associada a real melhoria das condições económicas”. A atitude do estado português e dos poderes dirigentes foi de total “impotência” perante este fenómeno e não houve a consciência da “acção de contenção” que poderia ter sido exercida.⁵⁷

Assim, só a partir a partir de meados do século XIX, pelos motivos já explanados, é que o êxodo emigratório “adquiriu dimensão considerável, o que mostra como o factor decisivo não foi a liberdade de emigrar, mas a transformação em curso no principal mercado de trabalho e país de origem, o brasileiro.”⁵⁸ O Brasil era o *Eldorado*, a *Terra Prometida*, era a possibilidade das camadas populares, principalmente as rurais, ascenderem económica e socialmente, o que nunca conseguiriam no país de origem. Miguel Torga apelida-a de “incomensurável pátria moderna, sem pergaminhos do passado mas com alvarás do futuro”⁵⁹

Surgiu, no entanto, um problema: ao serem colocados como substitutos dos escravos, os emigrantes acabariam por ter o mesmo tratamento e a viverem nas mesmas condições dos seus antecessores, Houve a preocupação de “proteger os emigrantes face à estrutura do mercado de trabalho brasileiro que eles desconheciam”, nomeadamente, e num primeiro momento, em

⁵⁴ Cf. Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana, *Idem, op.cit.* p. 22.

⁵⁵ *Idem, ibidem*. Preâmbulo do decreto nº 19 482 de 19 de Dezembro 1930..

⁵⁶ Este período abrange a data em que Ferreira de Castro emigrou: 7 de Janeiro de 1911.

⁵⁷ Cf. Miriam Halpern Pereira, “Liberdade e Contenção na Emigração Portuguesa (1850-1930)” , in *op.cit.*, p. 10

⁵⁸ *Idem*, p. 11.

⁵⁹ Miguel Torga, “O Brasil” in *Traço de União, Temas Portugueses e Brasileiros*(1955) - *do Passado ao Presente*, Conferência realizada no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 19 de Agosto de 1954 - *Ensaios e Discursos*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000. p. 107.

relação à coexistência dramática entre “trabalho escravo” e “trabalho livre” em que as garantias do trabalhador livre eram precárias e onde “prevaleciam hábitos de arbitrariedade e de violência patronal que transparecem na documentação consular portuguesa das mais diversas zonas do Brasil.”⁶⁰

A emigração clandestina era outra das provas à qual os emigrantes se expunham: emigrar legalmente era difícil, por causa das condições prévias de “contratação ou pagamento prévio de passagem, o que colocava facilmente o emigrante na mão de redes de engajadores”.⁶¹

Apesar das dificuldades sobrepostas que o emigrante tinha que contornar para efectuar a viagem, tudo fazia para perseguir o sonho. A crise agrícola do final da década de 80, no século XIX, ainda precipitou e aumentou essa vaga de emigração para o *Eldorado* brasileiro, situação que se prolongaria até 1930.⁶² É nesta fase que a imigração europeia assume um carácter maciço. Alexandre Herculano denuncia de modo contundente esta situação afirmando que a crise da nossa agricultura advinha apenas da “falta de braços”, sobretudo no Alentejo, quando a procura era enorme, e esse estado de coisas era provocado pela emigração dos agricultores. Condena ainda “os embaixadores incumbidos de os aliciarem para além do Atlântico, iludindo-os com promessas de vantagens imaginárias.”⁶³

Nas cartas que escreve da sua quinta de Vale de Lobos ao conselheiro Carlos Bento da Silva, em Dezembro de 1873, o autor não se coíbe em mostrar a sua “repugnância absoluta”, os seus “terrores profundos” por esse fenómeno incontrolável que é a imigração. A solução para este impasse passaria pelo aliciamento das populações do norte do país para suprir no sul a falta de mão-de-obra, mas sem que isso fosse motivo para baixar os miseráveis salários dos trabalhadores rurais.⁶⁴

A emigração da miséria deve combater-se, não porque o agricultor vê nisso, bem ou mal, o seu interesse, mas porque o emigrante é, como nós, filho desta terra; porque a emigração forçada da miséria tem para o coração humano as mesmas agruras do desterro; porque ao cabo das esperanças do foragido (quando para ele existe a esperança) estão muitas vezes as decepções e a morte.⁶⁵

⁶⁰ Mirian Halpern Pereira, “Liberdade e Contenção na Emigração Portuguesa (1850-1930)”, in *op.cit.*, p. 12.

⁶¹ *Idem, ibidem.*

⁶² Cf. *Idem*, p. 13: É nesta fase que a “imigração europeia assume um carácter maciço”.

⁶³ Alexandre Herculano, *Opúsculos II*, Organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia. Editorial Presença, Porto, 1983, pp. 76 e 77: O autor refere-se ironicamente aos engajadores.

⁶⁴ Cf. *Idem*, pp. 67 e 68.

⁶⁵ *Idem*, p. 76.

É de salientar que havia em relação ao tipo de emigração portuguesa uma variação qualitativa comparativamente à emigração italiana. Esta última era mais de carácter familiar, ou seja, toda a família se mudava para o lugar de destino, enquanto que a nossa era primordialmente masculina: apenas o jovem solteiro ou o marido emigravam. Verifica-se na generalidade da emigração europeia, e segundo as estatísticas, que “a proporção de homens casados nesses anos é muito mais elevada, entre 42% e 45% do universo masculino emigrante, apontando para a dominância da separação familiar”.⁶⁶

Convém sublinhar que este tipo de emigração, apesar de preocupante, já para não falar dos dramas humanos que acarretava, trazia algumas vantagens para o nosso país por causa das remessas.

... o risco do novo tipo de emigração em famílias poder afectar as remessas dos emigrantes tornara-se uma questão fulcral para os governos. A realidade mostrou que esse receio era desmesurado pois o grosso da emigração continuou a não ser familiar e a elevada parcela de homens casados proporcionou o regular envio de remessas.⁶⁷

Durante décadas, o emigrante trabalhava arduamente e poupava, passando mesmo por necessidades pessoais, para enviar o dinheiro à família. Este movimento de capital trazia prosperidade também ao país de origem, como é evidente, e daí os entraves na partida de todo o agregado familiar. Se no crescimento da corrente migratória a acção de contenção não conseguiu os seus objectivos, já na limitação da partida em família houve um considerável êxito.⁶⁸

Na Itália, por exemplo, ela foi viabilizada, através de acordos com o Estado Brasileiro, enquanto que, em Portugal, este tipo de emigração era claramente indesejado:

Sem apoio estatal, desencorajada pelos entraves administrativos, permaneceu sempre minoritária face ao fenómeno dominante de separação familiar. Garantia assim o circuito de remessas, suporte financeiro decisivo para o estado e factor moderador de tensões sociais.⁶⁹

Curiosamente, no respeitante aos emigrantes, observa-se que a “política e a legislação brasileiras, desenvolvidas e adaptadas pelo legislativo e pelo Governo sempre privilegiaram os

⁶⁶ Mirian Halpern Pereira, “Liberdade e Contenção na Emigração Portuguesa (1850-1930)”, in *op.cit.*, p. 13.

⁶⁷ *Idem*, p. 15.

⁶⁸ Cf. *Idem*, *ibidem*.

⁶⁹ *Idem*, *ibidem*.

portugueses”, apesar de frequentemente as “vagas de nacionalismo lusitano” perturbarem a sua fluidez, não só por razões políticas, mas, principalmente, por causa da concorrência de mão-de-obra no mercado brasileiro.⁷⁰ Esse privilégio manteve-se ao longo dos dois séculos em estudo e as “*agruras* passadas pelos emigrantes portugueses no Brasil, e não só portugueses, são bastante conhecidas e não exclusivas deste país”⁷¹. No Brasil, apesar de tudo, “os emigrantes portugueses, ao abrigo da política e legislação imigratórias, foram considerados praticamente como cidadãos nacionais.”⁷²

Podemos verificar que, no princípio do século XX, entre 1903 e 1913, um estudo estatístico sobre o movimento geral da imigração segundo as nacionalidades mostra a elevada percentagem de portugueses que entraram no Brasil (38,2%), seguidos dos espanhóis (22,3) e dos italianos (19,5%).⁷³

É São Paulo, coração da economia do café que lidera o movimento de importação de imigrantes europeus a partir da década de 1880 e é pelo porto de Santos que entra a maioria dos emigrantes que demandam o Brasil. (...) Entre 1880 e 1914, tanto o Governo nacional brasileiro como os governos estaduais e municipais se envolvem na construção de infra-estruturas necessárias à continuada expansão de uma economia de exportação crescente dominada pelo café e, em menor escala, pela borracha: estradas, caminhos-de-ferro, portos.⁷⁴

2.2. Causas/motivações

As causas ou motivações que levam o indivíduo migrante a abandonar o solo pátrio “por tempo longo ou indeterminado representa, em geral, uma experiência radical e frequentemente traumática, de rotura com o quotidiano conhecido, em favor de um novo espaço geográfico, social e cultural; de um novo emprego, quiçá de uma nova profissão.”⁷⁵ E a decisão tomada não pode ser realizada de ânimo leve, pois, ela afecta não só o próprio indivíduo, mas toda a família envolvente.

⁷⁰ Cf. Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana, “Política e Legislação Imigratórias Brasileiras e a Imigração Portuguesa”, in *op.cit.*, p. 25.

⁷¹ *Idem, ibidem.*

⁷² *Idem, ibidem.*

⁷³ Cf. *Idem*, p. 55.

⁷⁴ Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana, *Idem*, p. 58.

⁷⁵ Maria Beatriz Rocha-Trindade, *op.cit.*, p. 40.

Karin Wall afirma que uma das preocupações da sociologia no campo da emigração tem sido “a análise das motivações e dos projectos dos migrantes. Porque partem, quais as suas expectativas e aspirações, quais as intenções de regresso?”⁷⁶

As motivações podem ser classificadas em vários tipos, como apontou Maria Beatriz Rocha Trindade: as principais são as motivações económicas e políticas⁷⁷. Para além destas existem as motivações de emergência, associadas ao conceito de refugiado em situação de privação de recursos para a sua sobrevivência diária; as étnico-culturais, como sejam as minorias em que está em causa a sobrevivência de grupos individualizados e culturalmente ameaçados; e as migrações de quadros e especialistas, ou seja, o “recrutamento selectivo de determinados perfis profissionais disponíveis em determinado país e cuja carência é reconhecida num outro” envolvendo cientistas e quadros técnicos.⁷⁸

2.3. Consequências

A permanente mobilidade tem constituído uma das principais características da História da humanidade, por isso “as migrações têm, ao longo da História, disseminado raças, culturas, línguas e religiões, por vezes a milhares de quilómetros do respectivo berço original”⁷⁹.

Podemos ver o Brasil como um exemplo flagrante, por isso a emigração portuguesa para o jovem país trouxe consequências irreversíveis, que ainda hoje se verificam nos dois países, quer ao nível económico, social, cultural, paisagístico quer sobretudo ao nível demográfico. A imprensa da viragem do século XIX para o século XX, deixava já transparecer as preocupações demográficas tendo-se observado o “despovoamento regional e a estagnação populacional”. Joel Serrão utiliza mesmo a expressão “hemorragia emigratória”.⁸⁰

⁷⁶ Karin Wall, “Classe Social, Família e Emigração”, in *EMIGRAÇÃO/Imigração em Portugal - Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração em Portugal (séculos XIX – XX)*, ed. Fragmentos, Lisboa, 1993, p. 184.

⁷⁷ As razões que moveram o protagonista de *Emigrantes* são, primordialmente, de natureza económica e social.

⁷⁸ Cf. Maria Beatriz Rocha Trindade, *op.cit.*, p. 147

⁷⁹ *Idem*, p. 137.

⁸⁰ Cf. Joel Serrão, *op.cit.*, p. 153.

A breve trecho, a população portuguesa adquire uma configuração típica dos países de emigração, com uma maioria de mulheres na idade adulta, inexistente à nascença, e um nítido envelhecimento da população que ambos determinaram uma desaceleração do aumento demográfico.”⁸¹

No processo migratório poderia haver duas vertentes que, de qualquer modo, afectavam a questão demográfica: uma delas era o chamado “reagrupamento familiar” em que o “adulto da família toma a iniciativa de emigrar e, depois de estabelecido no novo país de residência, tentará que os restantes membros (em particular o cônjuge e os descendentes) a ele venham juntar-se”⁸²; a outra era aquele em que adulto emigrava com o propósito já formado de apenas ganhar algum dinheiro e regressar logo que esse objectivo fosse conseguido.

Acontecia, com alguma frequência o cônjuge não regressar, deixando inclusive de dar notícias, o que impedia também o reagrupamento familiar anteriormente planeado. A falta de dinheiro, a carência, o regresso sempre adiado, a distância, provocava o esquecimento em relação aos que tinham ficado na angústia da espera. Muitos deles acabavam por refazer a sua vida com outra mulher, de quem tinham filhos e esse facto colocava o emigrante num dilema que impedia tanto o regresso como o chamamento da família. As remessas diminuía ou desapareciam por completo. Como consequência dramática, muitas mulheres no nosso país ficariam numa situação social ambígua porque, em muitos casos, acabavam por não ter mais notícias dos maridos, e então estas nem-viúvas, nem-divorciadas, nem-casadas, viviam uma situação deveras preocupante, tendo que assumir sozinhas o agregado familiar, a educação e o sustento da família.⁸³

No entanto, não foi só a nível demográfico e económico que o país seria afectado, também a paisagem portuguesa sofreria a influência do regresso. Ao lado das rústicas casas de pedra surgiram lânguidos palacetes, a colorir o verde da paisagem, exibindo luxúria e atraindo os olhares cobiçosos das gentes locais:

“Os «Brasileiros» de torna-viagem, além de terem constituído, no século passado, um tipo humano muito característico da sociedade portuguesa, contribuíram outrossim para a alteração da própria paisagem dos centros populacionais”⁸⁴

⁸¹ Mirian Halpern Pereira, “Liberdade e Contenção na Emigração Portuguesa (1850-1930)”, in *op.cit.*, p. 14.

⁸² Maria Beatriz Rocha-Trindade, *op.cit.*, p.49

⁸³ Ver em Anexos a pintura de José Malhoa *Só na Aldeia*, “Figura 3”.

⁸⁴ Joel Serrão, *op.cit.*, p. 176.

Naturalmente que se refere, o autor, aos “brasileiros” bem sucedidos “uma percentagem indeterminada e indeterminável de emigrantes enriquecidos, pois aqueles que regressaram pobres não pertencem a essa categoria social,”⁸⁵ mas esses não exibindo riquezas não eram tidos em conta. A única consequência desses casos seria os danos morais e humanos de que, provavelmente, só a literatura se ocuparia.⁸⁶

À moda dos palacetes «Brasileiros», seguiram-se as casas de inspiração francesa na “sequência dos fluxos migratórios ocorridos em Portugal a partir dos anos sessenta, o fenómeno das chamadas «casas de emigrantes»”. A alteração da paisagem tradicional portuguesa, sobretudo a rural, inspirou algumas opiniões negativas traduzidas, inclusive, por escrito, na imprensa, verificando-se haver “*um leit-motiv* recorrente, traduzido num tom classificatório, negativo e, em muitos casos, punitivo”⁸⁷.

Num colóquio realizado em Agosto de 2002 na cidade Porto, intitulado *A Emigração Portuguesa*, e promovido pela autarquia portuense, o vice-presidente da Câmara do Porto, Paulo Morais, não poupa críticas as estas posições extremas, acusando a incompreensão por parte dos “«pseudo-cultos», que defendem que os emigrantes devem manter (nas casas que constroem na terra natal) a traça das casas de seus pais, esquecendo que essa é a traça da pobreza que os levou a emigrar”⁸⁸

Ignorar as consequências do fenómeno migratório é manietar a nossa história, porque a emigração é uma espécie de herança dos descobrimentos, e as consequências foram profundas ao longo dessa mesma “história moderna e contemporânea, e pode afirmar-se peremptoriamente, terem elas marcado, de modo decisivo, a economia, a sociedade, o psiquismo nacional e, naturalmente, as suas manifestações literárias e artísticas.”⁸⁹

... por motivos pragmáticos os portugueses transformaram em quilhas os seus arados rústicos, abandonados em favor da diáspora. Diáspora inicialmente da aventura, mas que seria também, principalmente séculos depois, uma diáspora da sobrevivência.⁹⁰

⁸⁵ *Idem*, p. 177

⁸⁶ Ferreira de Castro seria o primeiro a ocupar-se destes casos fracassados de emigração de que é exemplo a personagem Manuel da Bouça. Iremos verificar no IV Capítulo em que medida o sonho do “palacete Brasileiro” vai ter uma influência importante na sua decisão de emigrar.

⁸⁷ Maria Carolina Leite, “A Casa em Construção: Actores e decisores” in *op.cit.*, p. 193

⁸⁸ Erika Nunes, “Gente que entra supera quem sai”, *Jornal de Notícias*, sexta-feira, 23 de Agosto de 2002.

⁸⁹ *Idem*, p. 172.

⁹⁰ José Rodrigues de Paiva, “Comentando «Literatura e imigração nos trópicos»”, in José Rodrigues de Paiva e Cláudio Aguiar, *Literatura e Emigração*, Recife, Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2001, p. 21.

E questiona Joel Serrão: “foram elas benfazejas, foram prejudiciais? Ou por outras palavras: a emigração é, entre nós, um mal necessário?”⁹¹ No colóquio “A Emigração Portuguesa”, o professor Paulo Martins, do departamento de Geografia da Universidade do Porto, refere-se aos emigrantes portugueses como “«agentes de difusão de modernidade», o que permitiu ao país atingir, «em 30 anos, o que muitos países desenvolvidos demoraram 150 anos a obter»”⁹². Podemos nestas palavras já indiciar um princípio de resposta positivo.

3. O perfil do emigrante português e a sua evolução histórica

No já citado colóquio realizado no Porto, o vice-presidente da Câmara desta cidade, tendo tomado consciência da discriminação de que os emigrantes são alvo, ainda nos nossos dias, discursava assim: “O estado e o país desprezam os emigrantes, mas são eles o cimento da nação, o último reduto de portugalidade e quem mantém acesa a chama da alma portuguesa”.⁹³

Efectivamente, criou-se ao longo de décadas uma imagem estereotipada do emigrante, imagem que ainda perdura apesar das mudanças profundas, a vários níveis, que sucederam ao longo do século XX. O emigrante continua a ser alvo anedótico caracterizado pela cobiça e ambição. É certo que as motivações do emigrante são, sobretudo, de cariz económico. O facto de, em grande parte, esse motivo ser satisfeito, provoca a inveja daqueles que não tiveram a coragem de ousar.

Em Portugal, a imagem que se tem do emigrante português não é muito abonatória, todavia, no Brasil ainda se alimentam mais os estereótipos, observando-se que os brasileiros ainda vêm o português como o típico “comerciante de bairro, dono de uma padaria”⁹⁴, ou seja, a imagem que têm do imigrante português ficou parada no tempo.

Colados a estes clichés surgem outros atributos do carácter do povo português: sisudo, triste, saudosista, cuja forma de expressão mais visível são o fado e o folclore.⁹⁵ Provavelmente, no processo de intercâmbio, ao longo dos séculos, não adquirimos a juventude, a confiança e a impetuosidade social que são características da personalidade do povo brasileiro.⁹⁶

⁹¹ *Idem, ibidem.*

⁹² Erika Nunes, “Gente que entra supera quem sai” in *Jornal de Notícias*, sexta-feira, 23 de Agosto de 2002.

⁹³ *Idem.*

⁹⁴ Carla Bernardino et alii, *Revista Focus*, nº 144, 17 de Julho de 2002, p. 105.

⁹⁵ *Idem*, p. 103.

⁹⁶ Cf. Miguel Torga, “Brasil” in *Traço de União, Temas Portugueses e Brasileiros* (1955) – do Passado ao Presente, p. 108.

Visto da outra margem do Atlântico – e até de cá –, o nosso cariz significativo apresenta traços marcados de cristalização. Na verdade, desde que o ímpeto da Renascença amorteceu, o perfil colectivo lusitano adquiriu traços que praticamente não mudaram ainda.⁹⁷

Aquando das comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, foi realizado um inquérito aos brasileiros sobre a forma como viam os imigrantes portugueses. Os resultados apontaram algumas qualidades tais como trabalhadores, amigos e honestos, mas igualmente avarentos, exploradores, ambiciosos e ignorantes.⁹⁸

Alexandre Herculano analisou o perfil dos milhares de portugueses, que se arriscavam a ocupar o seu lugar na 3ª classe: homens caracterizados pela “ignorância e rudeza”, que não “excluem a faculdade da imaginação”, mas para quem a “credulidade impera na razão inversa da cultura do espírito”.

Abstraindo da emigração razoável, da emigração desses que vão para o Brasil com determinado destino, e com a esperança fundada de adquirir uma fortuna que não têm probabilidade de obter no seu país, há os que a pobreza impele *per la via dolente*, dois grupos que se distinguem pela índole e carácter diversos: (...) uns naturalmente audazes e propensos a guiar-se mais pelos impulsos das paixões e da imaginação do que pela prudência; outros tímidos e reflexivos, a quem as aventuras repugnam, e que só se precipitam nelas pela urgência das precisões.⁹⁹

Os estereótipos em relação ao perfil do emigrante foram-se estabelecendo, quer do lado de lá do Oceano, quer do lado de cá. No fim do século XIX e primeira metade do século XX, o emigrante português foi descriminado pelos brasileiros, a atestá-lo basta ler as anedotas de que é alvo, certamente por uma forte reacção de repulsa do brasileiro para com o antigo invasor e colonizador, resultado do ufanismo da época, que enchia a alma do povo e lhes cegava a razão.

A mobilidade social e a riqueza que surgia no horizonte do emigrante “surpreendeu e desagradou”, logo de início, sobretudo entre a burguesia agrária, assustada com a fuga dos trabalhadores rurais, e a consequente falta de mão-de-obra:

⁹⁷ *Idem*, p. 109.

⁹⁸ Carla Bernardino et alii, Revista *Focus*, nº 144, 17 de Julho de 2002, p. 103.

⁹⁹ Alexandre Herculano, *op.cit.*, p. 77.

O desejo de mudança de estatuto social é muito mal recebido inicialmente pelas classes dirigentes, que o criticam num plano moral, associando-o a ambição desmedida de riqueza e contrapondo-lhe a pobreza como estatuto louvável de pureza moral, como revela o debate público da questão.¹⁰⁰

Surgiu a necessidade de contenção. Fixar na terra os trabalhadores em condições que eles não aceitavam, não parecia ser tarefa fácil. Contudo, essa contenção processou-se, sobretudo ao nível da emigração clandestina. A questão não era, pois, moral, antes económica, e seria esta imagem que acompanharia o emigrante durante décadas até aos nossos dias, a de alguém que tudo sacrifica para ascender social e economicamente.

Sem dúvida que existem características mais ou menos “típicas” do emigrante, sobretudo os de origem rural, os quais têm um projecto de “regresso”.¹⁰¹ Mais uma vez a sociologia dá-nos respostas neste sentido: “deixa frequentemente a família no país de origem, tem um projecto mais «urgente», cria laços de solidariedade e redes de apoio para familiares e amigos na viagem e na comunidade de chegada.”¹⁰²

O livro de registo de passaportes torna-se uma óptima fonte de informação para a obtenção de dados estatísticos de apoio, tendo em vista responder a algumas questões fundamentais que delineiam a evolução histórica de como se apresenta e como evolui o perfil do emigrante, tais como: quem emigra? A idade? O sexo? O estado civil? A profissão? A naturalidade? O nível de alfabetização?¹⁰³

Os jovens eram o maior contencioso deste tipo de emigração no século XIX. Todavia, antes dos contratos, apenas os jovens com famílias de algumas posses podiam suportar as despesas da viagem. A barra do porto de Leixões era o grande ponto de embarque. Os pais, com a ajuda de redes familiares ou de vizinhança, enviavam estes adolescentes, quase crianças ainda, muitos deles tendo acabado a escolaridade básica, para se “fazerem homens”. É curioso avaliar como os agregados domésticos utilizavam a política de exclusão sobre os filhos masculinos, colocando-os no Brasil. Este tipo de emigração envolvia uma distância e um longo espaço de tempo que provocava um distanciamento quase sem retorno: “emigração de

¹⁰⁰ Mirian Halpern Pereira, *Prefácio*, in *op. cit.* p. 11.

¹⁰¹ Não vamos aqui particularizar estes projectos, pois o objectivo deste capítulo é o de apenas dar uma perspectiva geral e introdutória para melhor compreensão do tema da emigração nas obras literárias a estudar, no entanto, remetemos para a comunicação de Karin Wall intitulada “Classe Social, Família e Emigração” in *EMIGRAÇÃO/Imigração em Portugal - Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração em Portugal (séculos XIX – XX)*, ed. Fragmentos, Lisboa, 1993, pp. 184-191.

¹⁰² Karin Wall, “Classe Social, Família e Emigração” in *op. cit.*, p. 184.

¹⁰³ Cf. Jorge Fernando Alves, “Lógicas Migratórias no Porto Oitocentista, in *EMIGRAÇÃO/Imigração em Portugal - Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração em Portugal (séculos XIX – XX)*, ed. Fragmentos, Lisboa, 1993, p. 84.

longa distância que precipita a emancipação dos filhos em relação ao poder paternal”.¹⁰⁴

Verificamos que a emigração funcionava, frequentemente, como uma saída profissional para os adolescentes. Os livros de registo de fianças para a obtenção de passaportes eram indicadores da sua situação. Assim, cerca de metade dos jovens emigrantes “menores de 14 anos com passaporte individual são entregues ao cuidado dum tio (19%), dum irmão (18%), do próprio pai (12%) ou de um primo”.¹⁰⁵ Os brasileiros que regressavam já estabelecidos e com um poderio económico considerável serviam frequentemente de padrinhos nestas transacções.

Eram usuais também os apadrinhamentos por procuração: “era a «chamada» ou carta de recomendação para conhecidos”. O Conde Ferreira exerceu uma actividade profícua neste campo. Conhecido como o “brasileiro de torna-viagem”, apadrinhou “inúmeros afilhados”. A riqueza que estes brasileiros ostentavam era mais do que suficiente para atrair os olhos cobiçosos da família, e os recém alfabetizados preparavam a mala e partiam rumo ao desconhecido, parcialmente protegidos.¹⁰⁶

Constata-se que a tendência para a componente familiar ficou muito aquém da tendência europeia, pois o contingente que partia de Portugal para o Brasil era constituído “na sua grande maioria por jovens do sexo masculino”. Sublinhe-se que, inicialmente, apenas 5% pertenciam ao sexo feminino, número que depois sofreu um aumento significativo ao longo do século para 10% e, por fim, para 28%, sendo que, em cada quatro emigrantes, um era do sexo feminino.¹⁰⁷

“No entanto, a imagem que prevalece desta emigração é a do jovem com idade próxima dos 14 anos (idade mítica na sociedade tradicional, pois correspondia à entrada na vida activa e, frequentemente, ao afastamento da casa materna)”¹⁰⁸

Em relação ao estado civil houve igualmente oscilações: em 1839 eram quase só solteiros (92%), mas em 1879 há uma viragem e “os homens casados são já a maioria do fluxo (52%)”. Como resultado surge uma situação de envelhecimento da população emigrante situação essa que se vai manter até ao final do século.¹⁰⁹ “Subjacente a esta emigração de

¹⁰⁴ Cf. *Idem*, p. 80.

¹⁰⁵ Cf. *Idem*, p. 81: Escritores como Miguel Torga e Ferreira de Castro foram vítimas deste processo.

¹⁰⁶ Cf. *Idem*, p. 81.

¹⁰⁷ Cf. *Idem*, p. 84

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*: Esta realidade vai-se manter no início do século XX. Miguel Torga emigra com 13 anos e Ferreira de Castro com 12 anos. Dois exemplos assaz conhecidos que ilustram essa realidade.

¹⁰⁹ Cf. *Idem*, p. 86

homens casados estão dois fenómenos – a emigração de famílias e a dispersão familiar (partindo os homens e ficando as mulheres e crianças na terra) ”¹¹⁰

A componente familiar é, à partida, “um movimento de não retorno”. O desenraizamento em relação à terra natal é assim mais fácil visto que a “totalidade do agregado se transplanta para o Brasil”. Se por um lado é humanamente desejável, no que diz respeito à questão económica é altamente desaconselhável, dado que reduz o envio de remessas, que representam um importante suporte à economia do país.¹¹¹

No que se refere às profissões daqueles que emigravam, o estudo torna-se mais difícil. O maior fluxo, como já vimos, era de jovens com idades inferiores a 14 anos, sem qualquer profissão definida:

Muitos desses jovens destinam-se ao lugar de marçano, primeira etapa da via comercial, passando depois a caixeiros e, eventualmente, a negociantes/comerciantes por conta própria. No entanto, é natural a sua dispersão por outras profissões (...).¹¹²

Inicialmente, eram as populações rurais quem emigravam, tendência que sofreu uma evolução para a componente comercial e piscatória. No final do século XIX, existe uma “grande diversidade profissional” que vai desde as profissões já referidas para as de âmbito industrial, como, por exemplo, artesanato e construção civil, sempre na vertente de profissões relacionadas com trabalho braçal.¹¹³

No que se refere à naturalidade, o grande contingente de emigrados era do norte do país e embarcava na barra do porto de Leixões: o palco de saída para o outro lado do Atlântico. Os concelhos litorais do distrito do Porto lideravam o número de saídas nos finais do século XIX onde a maioria se dedicava ao comércio e indústria. As zonas do interior também forneciam mão-de-obra, sobretudo de origem rural.¹¹⁴ O regresso dos *brasileiros* alargou o seu âmbito para Aveiro, Braga, Viana, Viseu, Vila Real e Coimbra, mantendo-se sempre no norte a tendência migratória, lugar de maior densidade populacional.

Mais uma vez, a voz de Alexandre Herculano denuncia este problema, referindo a agricultura obsoleta, como sendo a principal vítima deste êxodo, tendo em conta que estas regiões eram eminentemente de cariz rural: “Costuma dizer-se que o poeta nasce. Em Portugal o que nasce é o lavrador. A lavoura é profissão cujo tirocínio consiste em ser filho de lavrador

¹¹⁰ *Idem, Ibidem.*

¹¹¹ *Cf. Idem, ibidem.*

¹¹² *Idem, ibidem.*

¹¹³ *Cf. Idem, p. 88.*

¹¹⁴ *Cf. Idem, p. 90*

ou de proprietário rural.”¹¹⁵ Seria a esta espécie de *fatalidade* biológica e hereditária a que o agricultor português fugiria?

Era o proletariado, e não o proprietário rural, o principal atingido pela miséria, daí que Alexandre Herculano propusesse, para obstar à emigração, uma solução aparentemente simples:

a associação do trabalho rural com a propriedade rústica, de modo que o produto líquido do trabalho acumulado e incorporado no solo, a que chamamos renda, supra a flutuação no *quantum* e a incerteza do salário. É preciso dirigir todas as diligências para a supressão do proletariado rural.

O próprio autor questiona estas medidas: “É uma utopia que proponho como remédio ao mal? Parece-me que estou bem longe disso. O postulado que julgo indispensável para combater a emigração, até onde é justo, conveniente e possível fazê-lo, só na aparência é árduo”. Ou seja, propõe uma política social revolucionária como forma de reduzir a miséria e a humilhação do trabalhador rural, que passaria pela “associação do trabalho actual com o trabalho consolidado, a que chamamos propriedade, e daí, por natural consequência, atenuar em grande escala a emigração nociva.”¹¹⁶

Este proletariado rural era caracterizado, na sua grande maioria, pelo analfabetismo, pela cultura deficiente. Neste campo levantaram-se algumas vozes em favor da alfabetização, como forma de iluminar os espíritos facilmente enganados pelas promessas de riqueza e de uma vida melhor, prendendo deste modo o agricultor à sua terra-mãe. Prossegue Herculano, “é humano, é justo; digo mais, é moral agravar a miséria do trabalhador, tornar mais escura a noite do seu viver em nome da luz interior?”¹¹⁷. De que adiantava ensiná-los a ler se depois não sabiam discernir a verdade? De que adiantava alimentar-lhes o espírito para tomarem consciência da miséria física em que viviam, sem uma saída condigna?¹¹⁸

Efectivamente, segundo o estudo de Jorge Fernando Alves, a maioria dos emigrantes era rudimentarmente preparada, quer em relação à leitura e muito mais à escrita. Essa fragilidade acentuava-se nos indivíduos provenientes dos meios campestres: ¹¹⁹ “Em 1879, ano em que se verifica um claro peso de emigrantes originários da agricultura, da pesca e de indiferenciados, a taxa de analfabetismo sobe 39%”.¹²⁰

¹¹⁵ Alexandre Herculano, *op.cit.*, pp. 82 e 85.

¹¹⁶ Cf. *Idem, ibidem*.

¹¹⁷ *Idem*, p. 92.

¹¹⁸ Cf. *Idem*, p. 92.

¹¹⁹ Cf. Jorge Fernando Alves, “Lógicas Migratórias no Porto Oitocentista”, in *op.cit.*, p. 91

¹²⁰ *Idem, ibidem*.

Este quadro seria uma constante ao longo dos anos seguintes. Naturalmente, os jovens emigrantes do início do século já seriam alfabetizados, mas a geração anterior sofreu dessa insuficiência.

O perfil do emigrante dos finais do século XIX foi sumariamente delineado e a tendência do princípio do século XX manter-se-ia com ligeiras variantes, sobretudo no que se refere à rusticidade e ignorância de grande camada da população emigrante.

4. Literatura e Emigração

A emigração portuguesa, tal como a emigração dos restantes países europeus, seria tema e motivo para alimentar a imaginação de escritores e artistas, pois sendo ela “um fenómeno histórico de natureza estrutural”¹²¹, deixaria as suas marcas na Arte em geral e, em particular, na Literatura portuguesa.

4.1. A emigração vista pelos escritores portugueses

Num Velho Mundo a esboroar-se, numa Europa convulsionada pelos conflitos, pela miséria, os seus habitantes seriam impelidos, pelas mais variadas motivações, a procurar um mundo melhor, indivíduos que ainda não tinham perdido a capacidade de sonhar. Dela, surge a ficção, cujo tema, a Emigração, tem gerado muitas histórias e muitas mais há-de gerar, pois trata-se de um fenómeno não só do passado, mas do presente, e, provavelmente, do futuro. No sentido inverso, é agora Portugal o foco de imigração dos países com dificuldades económicas. O *Eldorado* já não é a América do Sul. A viagem é realizada inversamente. As águas do Atlântico observam, de longe, os aviões e os barcos carregados de emigrantes em direcção à Europa. São estas histórias que ficam agora por escrever.

As dificuldades e o desprezo a que foram e continuam a ser votados os migrantes, esta massa de população flutuante, nem sempre tolerada e frequentemente escarnecida, existe não só na vida, mas também na literatura. Inclusive para os brasileiros, a imagem que têm do emigrante português criou estereótipos que se arrastaram ao longo de séculos. A imprensa brasileira “faz eco desta discriminação”, ao mostrar o descontentamento dos portugueses face ao seu papel na ficção brasileira.¹²²

¹²¹ Joel Serrão, op.cit., p. 178.

¹²² *Idem. Ibidem.*

Questão cultural que vem dos tempos coloniais comenta Benedito Ruy Barbosa. O facto é que o povo brasileiro vê o imigrante português com o mesmo olhar do início do século XX: “Gente trabalhadora mas analfabeta”, pôde constatar Lília Franco, uma artista portuguesa que teve a oportunidade de fazer parte do elenco de uma série televisiva.

Opinião contrária tem essa grande figura da nossa literatura, já aqui citada, que conheceu de perto as agruras da emigração no Brasil, num ensaio, que mais que um ensaio é uma peça literária, onde enaltece o país, “terra de policromias humanas onde os próprios já não dão por isso. Terra de encontro de raças, que permitiu a mística e maravilhosa comunhão de sangues que o mundo conhece”¹²³. Para Miguel Torga “não há complexos na alma dos brasileiros” nem tão pouco “recalcamentos pessoais e colectivos” mesmo a nódoa negra que foi a escravatura “remiram-na eles num fraterno abraço sem restrições”.¹²⁴

Refere haver um “silêncio literário” em torno do tema da emigração em Portugal, afirmando, categoricamente, que

o drama do emigrante português está por escrever. Da longa e acidentada história dessa transumância dolorosa e pertinaz, feita sobretudo em direcção às terras de Santa Cruz, há, evidentemente, páginas já consagradas que ninguém poderá ler sem emoção.¹²⁵

Outra perspectiva de carácter positivo é do próprio autor em estudo. Ferreira de Castro no posfácio a *Emigrantes*, confessa a sua admiração pelo Brasil: “terra magnífica, tão grande como a generosidade que ela tem e como o amor que eu tenho por ela”. Foi nela, “entre o seu povo fraternal e humano, liberto de todos os preconceitos de classes”, que se formou e onde adquiriu o maior fortuna que poderia possuir: o seu grande amor pela causa humana.¹²⁶ Ao povo brasileiro isenta-o de quaisquer culpas do sofrimento que viveu.

Dois autores em sintonia nas ideias e nas palavras, cujas vivências foram semelhantes. Dois escritores cuja única “árvore das patacas” que encontraram foi a riqueza da experiência vivida da viagem, cuja motivação inicial era a mesma que levava tantos outros companheiros de sonho.

¹²³ Miguel Torga, “O Brasil”, in *Traço de União*, *op.cit.*, p. 110.

¹²⁴ *Idem, ibidem*: Numa conferência intitulada “Portugal” na mesma obra já citada, o autor reitera a imagem negativa que os brasileiros têm em relação aos portugueses: “O Brasil não conhece Portugal. Tem dele uma ideia inteiramente arbitrária, onde a sua realidade aparece absurdamente desfigurada. Por culpa dos próprios portugueses, de alguns dos mais ilustres, de resto – poetas, escritores e políticos –, estratificou-se na consciência Brasileira um perfil lusitano que em vez de ser verídico retrato é uma execrável caricatura.” Não terá sido esta imagem assimilada da mesma que “colaram” no emigrante?

¹²⁵ Miguel Torga, “O Drama do Emigrante Português” in *op.cit.*, p. 169.

¹²⁶ Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, Portugália Editora, 1966, p. 300.

4.2. A personagem emigrante: sua evolução na literatura

Real ou simplesmente fictícia a imagem do emigrante português na literatura foi alvo de um oportuno ensaio escrito por Clara Rocha, intitulado “A Imagem do Emigrante na Ficção Portuguesa dos Sécs. XIX e XX”, onde a autora faz uma reflexão sobre a evolução do tratamento das personagens emigrantes na nossa literatura, propondo “uma leitura de representação literária do emigrante, desde a novela camiliana até à prosa ficcional dos nossos dias”¹²⁷. É um “trajecto longo e acidentado”, trajecto esse que vai do “tipo camiliano” à personagem “plena de dramatismo” de hoje.

Efectivamente, na 2ª metade do século XIX, Camilo Castelo Branco criou o “brasileiro”, personagem mais alimentada pela imaginação do que pela observação e reflexão do indivíduo real.

O mistério em que estava envolta a personagem, hiato entre a partida e a chegada, era assaz

tentadora do ponto de vista literário, fosse pela áurea que o envolvia – o Novo mundo era então mitificado no imaginário colectivo como o *Eldorado* longínquo e apetecido -, fosse pelo efeito de estranhamento causado pelo regresso maciço do torna-viagem, tanto nos meios rurais como nas cidades.¹²⁸

Esta áurea contribuía, eficazmente, para a criação de estereótipos pois o *brasileiro* era “sumarento de mais”, “rico de vitaminas cómicas”, segundo Guilhermino César, estudioso do contexto sociológico do “tipo caricatural” da literatura do século XIX.¹²⁹

Claramente se observa que o “Brasileiro” de “triste figura”, como o apelida José Rodrigues Paiva, surgia como “material temático” mal aproveitado: um indivíduo que partia da aldeia e era reencontrado pelo narrador no seu regresso. Nunca a sua odisseia, o que de dramático, e até épico, acontecia nesse hiato, era exposto. E os trinta ou quarenta anos em que tinha estado fora? Estes pareciam não ter importância. Pareciam ser impossíveis de alcançar, mesmo na omnisciência do romancista.¹³⁰

¹²⁷ Clara Rocha, “A Imagem do Emigrante Na Ficção Portuguesa dos Sécs. XIX e XX.” In *Revista Escritor*, nº 7, 1996, p. 164.

¹²⁸ *Idem*, p. 164.

¹²⁹ *Idem. Ibidem*.

¹³⁰ José Rodrigues de Paiva, “Comentando « Literatura e imigração nos trópicos »”, in *op.cit.* p. 27

As personagens de Camilo surgem como exemplos estereotipados, resultado do desconhecimento efectivo do indivíduo real. Daí que o emigrante “brasileiro” comece logo por ser um indivíduo extremamente grosseiro, caracterizado fisicamente pela negatividade.

A caricatura do tipo começa na sua descrição física. O “brasileiro” é quase sempre um sujeito gordo, suado e repugnante, sendo a sua “corpulência redonda” indício de bestialidade sensual ou de materialismo grosseiro.

Segue-se a menção à “testa estreita”, aos “olhos pequenos e esverdinados”, às pálpebras, túmidas e pilosas como a casca de fava”, ao “nariz, sem base, nem osso, nem cartilagens”, aos dentes cariados e amarelos, quando se chega ao pescoço, a descrição já entrou na roda livre do delírio¹³¹

Clara Rocha utiliza a “expressão hiperbólica” para classificar a forma como Camilo, “usando um tom excessivo, dado pela adjectivação”, descreve a personagem do emigrante brasileiro. A caracterização psicológica acompanha de perto a física, sendo o indivíduo detentor de uma “sensualidade desavergonhada”, complementada com a “imagem do mais completo amoralismo”. Para além destes epítetos de carácter, há ainda a acrescentar o de espírito – a avareza.

Na sua *diferença* cultural e linguística, a figura do torna-viagem era com certeza um modelo literário tentador. Mas o génio de Camilo transfigurou-a até a tornar disforme, realçando, como é próprio da caricatura, os aspectos mais salientes dessa diferença.¹³²

Miguel Torga não se coibiria em condenar a atitude ingénua e superficial de Camilo na criação das suas personagens, considerando uma “crueldade e leviandade” do autor “popularizar uma caricatura que é uma ofensa a essa essencialidade subterrânea”¹³³.

Seria necessário que Ferreira de Castro e Miguel Torga emigrassem para que a verdadeira “odisseia” do emigrante fosse divulgada.

... a verdadeira dimensão do emigrante, na sua completude, na sua estatura humana, dramática, até quase trágica, e de certo modo épica, só viria a ser literariamente situada mais tarde, já neste século, inicialmente por Ferreira de Castro nos seus romances *Emigrantes* (1928) e *A Selva* (1930) e depois por Miguel Torga, no romance *A Criação do Mundo* (primeiro e segundo dia – 1937).¹³⁴

¹³¹ *Idem*, p. 166.

¹³² *Idem*, p. 167.

¹³³ Miguel Torga, “O Drama do Emigrante Português” in *op.cit.*, p. 171.

¹³⁴ José Rodrigues de Paiva, “Comentando « Literatura e imigração nos trópicos »”, in *op.cit.*, p. 30.

Termina esta reflexão sobre literatura e emigração, recorrendo mais uma vez a José Rodrigues de Paiva, também ele um emigrante no Brasil, nascido em Coimbra:

O tema da emigração na literatura é vasto e instigante como uma viagem, tópica tão antiga e tão universal nesta arte. Viagem de aventuras, às vezes, a da emigração, mas de muitas desventuras também, como a arte que representa esta realidade tem mostrado. Desenraizamentos, frustrações, incompreensões, perda de identidade, preconceitos, segregação, desencontros de toda a espécie, conflitos entre gerações, dificuldades de comunicação, choques culturais, saudade, desejo do impossível regresso, sucessos, insucessos... São tantas as coisas que a vida e a literatura têm visto no salto dramático do emigrante para o desconhecido!...¹³⁵

¹³⁵ José Rodrigues de Paiva, “Comentando « Literatura e imigração nos trópicos »”, in José Rodrigues de Paiva e Cláudio Aguiar, *Literatura e Emigração*, Recife, Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2001, p. 93.

A Selva

*Como tu, meu amigo meu irmão,
Habito nesta selva em que habitaste!...
Bem mais dura do que selva que encontraste
Nas longínquas paragens do sertão!...*

*Das selvas amazónicas do Brasil,
Nos tempos do emigrante escravizado!
Sonhando com as manhãs de um outro Abril
Que só pelos poetas é sonhado!...*

*Mas a tua batalha terminou
Batalha de esperança e de coragem...
E dela um canto aceso nos ficou
No rio que espalhou tua mensagem!*

*Farei dela: bandeira, escudo e lança,
No desbravar da selva em que eu habito!
Esta revolta em mim não tem parança
Que há gritos de outras vozes no meu grito!*

*Como tu, meu amigo e meu irmão,
Habito nesta selva em que habitaste!...
Selva humana – pior que a do sertão,
E dela, meu irmão, te libertaste!*

II Capítulo

Biografia de um emigrante, migrante e viajante

*Os grandes escritores, aqueles poucos
que grandes souberam e sabem ser,
nunca morrem.*
João da Silva Correia

1. Intróito

Se, como afirma Miguel Torga, “o homem é tanto mais rico quanto mais amplas a suas braçadas no cosmos”¹³⁶, Ferreira de Castro tornar-se-ia, incontestavelmente, um dos homens mais ricos do mundo. Riqueza que nada tem de ostentação pois o seu túmulo, um improvisado banco situado numa das encostas da Serra de Sintra, pode ler-se, gravado na pedra, a seguinte inscrição já enegrecida pelo tempo:

Escritor

Ferreira de Castro

1898 – 1974

Um pouco mais abaixo uma tabuleta com a seguinte referência:

Álea de Ferreira de Castro

Foi aqui que o poeta-viajante pediu para ser sepultado numa carta dirigida às entidades de Lisboa e de Sintra, em 25 de Fevereiro de 1970, antevendo o destino da sua última viagem. Deste modo ficaria mais perto da sua grande paixão – a natureza: “Nunca pedi nada à minha pátria, nunca pedi ou jamais recebi qualquer favor ou amparo oficial.”¹³⁷

Prossegue em jeito de requerimento a carta oficial às entidades actuais e futuras, como a sua “derradeira vontade”, explicando de seguida o porquê do seu pedido:

¹³⁶ Miguel Torga, “Brasil” in *op.cit.*, p. 180.

¹³⁷ Eurico Andrade Alves, *Ferreira de Castro - Sonho de uma Humanidade*, No Centenário do seu Nascimento, 1898 – 1998, p. 117.

Tendo escrito a maior parte da minha obra em Sintra, onde tanto sonhei e trabalhei, eu desejaria ficar ali para sempre, entregue à protecção da sua poesia inesquecível e da sua beleza inefável. Desejaria ficar sepultado à beira duma dessas poéticas veredas que dão acesso ao Castelo dos Mouros, sob as velhas árvores românticas que ali residem e tantas vezes contemplei com esta ideia no meu espírito. Ficar perto dos homens, meus irmãos, e mais próximo da Lua e das estrelas, minhas amigas, tendo em frente a terra verde e o mar a perder de vista – o mar e a terra que tanto amei.¹³⁸

Pela singeleza do espaço, dificilmente alguém imaginaria que ali repousa um dos mais traduzidos autores de língua portuguesa, e contudo, um dos mais esquecidos. Será por esta ausência de ostentação que caracterizou o homem e o escritor, quer na vida quer na morte?

A 29 de Junho de 1974, morre vitimado por um acidente cardio-vascular, tendo ainda assistido à alvorada da liberdade – o 25 de Abril – e participado nas manifestações do 1 de Maio. O seu desejo expresso 4 anos antes seria concretizado a 31 de Maio de 1975, para onde foram trasladados os seus restos mortais. No *In Memoriam de Ferreira de Castro*, Adelino Vieira Neves, refere-se a esse espaço como um lugar simbólico onde

... os admiradores e apreciadores da sua obra, principalmente os intelectuais portugueses, possam sentar-se e, naquele altar pátrio, onde o espírito do escritor (Ferreira de Castro) deve estar a vaguear nas alturas, evoquem a alma, a memória e a bondade dum dos seus concidadãos mais dilectos, que soube amar com igualdade de sentimentos a Natureza e a Humanidade.¹³⁹

Vasco de Lemos Mourisca, amigo de Jaime Brasil, num depoimento realizado sobre Ferreira de Castro afirma o seguinte: “Escrever sobre uma grande figura, se é fácil pelo facto de haver muitos elementos, torna-se espinhoso, se não se consegue dizer mais do que o que já está dito.”¹⁴⁰ A sua vida “tem o cunho romanesco de uma intensa aventura humana”¹⁴¹, seria pretensioso abarcá-la na sua totalidade neste breve estudo, daí que este capítulo realize apenas uma breve retrospectiva biográfica do autor, como emigrante, migrante e viajante. A

¹³⁸ *Idem, Ibidem.*

¹³⁹ Adelino Vieira Neves, *In Memoriam de Ferreira de Castro*, Introdução e estruturação de Adelino Vieira Neves, Edição do Arquivo Bibliográfico dos escritores e homens de Letras de Portugal, Braga, 1976.p. 11.

¹⁴⁰ *Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro, 1916-1966*, Portugália Editora, Lisboa, 1968, p. 301.

¹⁴¹ Álvaro Salema, *Uma Vida Uma Obra in Obras de Ferreira de Castro*, 4ª ed., Lello e Irmão Editores, Porto, 1984, p. 14.

viagem foi a sua principal escola, não só na sua formação como escritor, e profissional do jornalismo, mas também no seu crescimento como ser humano.

A biografia tendo em conta, a “vida quase inverosímil que foi a sua, justificava ser contada pelo próprio, o que sucedeu apenas parcial e fragmentariamente”¹⁴², como afirma Ricardo António Alves. Mas o “medo frio” que o autor sempre sentiu quando lhe pediam que o fizesse de uma forma nua inibia-o¹⁴³. Contudo, existem textos dispersos que recordam o seu passado:

A infância na aldeia, as aspirações e as humilhações dum criança introvertida, a figura castigadora da mãe sempre presente e o período de dificuldades extremas por que passou nos primeiros anos do jornalismo em Belém do Pará e Lisboa são temas recorrentes desses apontamentos memorialísticos.¹⁴⁴

2. Biografia de um emigrante.

A Biografia de Ferreira de Castro está por demais explanada: Álvaro Salema e Jaime Brasil, ainda em vida do Autor, se empenharam no conhecimento do homem e do artista. Contudo, há que salientar alguns passos desses “retratos” de vida que apenas pretendem clarificar os instantes emigratórios, e em que medida esses instantes contribuíram para o aparecimento das duas obras *Emigrantes* e *A Selva*.

Ferreira de Castro, o homem, nasceu a 4 de Maio de 1898, no concelho de Oliveira de Azeméis. num pequeno lugar chamado Salgueiros, freguesia de Ossela: “Uma aldeia perdida no coração de Portugal, tão remota e primitiva que, então, como ainda hoje, o pretenso veículo da civilização, o caminho-de-ferro, não se dignou incluí-la nos seus itinerários.”¹⁴⁵

O lugar era isolado, pedaço do paraíso, onde certamente só chegavam rumores da crise política que minava os alicerces do poder, processo que se tinha iniciado já em 1891. O regime monárquico ensaiava, à data do nascimento do autor, os últimos estertores. O republicanismo avançava a passos largos empunhando já a bandeira da vitória, que se consolidaria com o assassinato de D. Carlos e de seu filho, D. Luís, a 1 de Fevereiro de 1908.

¹⁴² Ricardo António Alves, *Anarquismo e Neo-realismo- Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*, Âncora Editora, Lisboa, 2002, p. 22.

¹⁴³ Cf, *Idem, ibidem*.

¹⁴⁴ *Idem, ibidem*.

¹⁴⁵ *Idem, p. 15*.

Tinha então o jovem José Maria 10 anos. No momento da Implantação da República, dois anos após o regicídio, dava por terminada a sua instrução escolar com o exame do 2º grau na escola primária de Ossela. Órfãos de pai desde os 8 anos, aí foram decorrendo os primeiros anos da sua infância, modestos e obscuros.

Dessa época o autor tem nítidas imagens de nostalgia e de encanto apesar das dificuldades económicas pelas quais passava a família.

Para mim a aldeia em que nasci não é apenas a infância que nela me decorreu, incompreendida e triste, é também poesia que já então lhe captava, aquela de que eu mesmo a impregnei. Poesia que tantas vezes me retira a lembrança dos dias infantis, para recordar apenas o encanto da natureza, que eu não conseguia evocar, lá longe, nas ardentes paragens do exílio, sem fervor e sem desespero.¹⁴⁶

Havia o espaço envolvente da natureza e o Tio Zé Moleiro, por quem nutria um grande afecto e que representava, para ele, a poesia humana da aldeia. A cumplicidade que existia entre ambos nascia da necessidade que Ferreira de Castro tinha de tentar captar a “suave poesia” do lugar. O Tio Zé Moleiro e o seu moinho à beira da prazinha do Caima para onde, desde criança, fugia para tomar banho, seriam para ele, sempre, o símbolo de segurança humana que a aldeia lhe proporcionava.

Quando nas minhas viagens me lembrava da aldeia, (...), era inevitavelmente a figura do Tio Zé Moleiro a primeira que se me apresentava, (...). E se ocorria evocá-lo ao domingo, parecia-me que faltava alguma coisa alguma coisa não apenas à margem eleita do Caima, mas a toda a freguesia, esse sedentarismo que eu admirava por tanto contrastar com o meu nomadismo temperamental, sempre faminto da poesia do Mundo inteiro.¹⁴⁷

A entrada para a escola foi tormentosa. Era bom aluno, mas tímido e pouco sociável. Como forma de compensação refugiava-se na fantasia. Um dia conheceu Margarida, uma jovem de 17 ou 18 anos que lhe inspiraria as primeiras cartas de amor.¹⁴⁸ Esta “camponesa terá desempenhado um papel decisivo na vida do futuro escritor. Foi graças a ela que se decidiu ir para o Brasil.”¹⁴⁹ A vontade de se elevar perante Margarida, de mostrar que era um

¹⁴⁶ Ferreira de Castro, “A Aldeia Nativa”, in *Fragments*, Guimarães Editores, Lisboa, 2ª edição, p. 46

¹⁴⁷ *Idem*, p. 52.

¹⁴⁸ Cf. Jaime Brasil “A Obra e o Homem”, in *Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro, 1916-1966*, Edição Comemorativa, Portugal Editora, Lisboa, pp. 17 e 18.

¹⁴⁹ *Idem*, p. 20.

homem seria o motivo primeiro que o levaria, ainda criança, a aventurar-se sozinho rumo ao Brasil.¹⁵⁰ É o próprio que o afirma:

Com o meu gesto antecipava a idade e começava a viver o homem que eu desejava ser. Só um homem iria para tão longe e Margarida decerto, atentaria nisso. Morreu sem o saber, talvez, mas foi ela, foi o desejo de que não me julgasse criança, foi esse meu primeiro amor, pulcro e ingénuo, que me deram forças para afrontar o monstro fabuloso que me parecia, então, o Brasil.¹⁵¹

Estava lançado o desafio! Assim, a 6 de Janeiro de 1911, dia de Reis, despede-se da sua amada aldeia e dos montes circundantes que já lhe tolhiam os horizontes e o sonho. No entanto o menino-homem de coração saltitante sofre, nesse dia, a “primeira derrota como emigrante”. Ele próprio explica o motivo: “Mas, entre tanta, tanta gente não se encontrava Margarida, para eu lhe dizer adeus e lhe demonstrar que já era um homem, pois só um homem iria assim para o Brasil”¹⁵². A coragem incutida pelos conterrâneos envaideciam-no, mas desesperava-o a ausência da amada, que não estava ali para ouvir aqueles elogios. Afinal ela era, “sem o saber, uma das razões por que naquele dia” ele se tinha tornado emigrante.”¹⁵³

Jaime Brasil, a propósito desta decisão do destino de viagem, afirma ser o Brasil, ainda naquela época, o “receptáculo dos sonhos, das ambições, do espírito de aventura, da fome de conhecimento, da necessidade de evasão, de muitos portugueses.” Era condição *sine qua non* que em cada família houvesse um brasileiro,¹⁵⁴ não do tipo camiliano mas antes “daqueles que Ferreira de Castro esculpiu em *Emigrantes*”. O regresso de jovens com “alguns meios de fortuna” era um poderoso incentivo para outros.

No prólogo deste estudo, ao reflectir sobre a problemática da viagem foi referido a questão desta poder ser uma forma de fuga à mãe como uma razão válida na questão da emigração. Efectivamente o facto de Ferreira de Castro ter tomado a decisão de partir não estaria só associada aos dois motivos já referidos anteriormente. Ricardo António Alves sublinha este aspecto, surgindo a emigração no autor como uma forma de libertação da autoridade materna. Já homem, insistiu em desculpabilizar a mãe pelos castigos que lhe infringia, porém aquela era, na época, a forma dos camponeses educarem os filhos. No

¹⁵⁰ Jaime Brasil “A Obra e o Homem”, p. 20: “Os grandes sucessos são, quase sempre, consequência de pequenas causas.”

¹⁵¹ *Idem*, p. 21.

¹⁵² Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, escrito especialmente para a edição comemorativa de 1966, do Romance *Emigrantes*, Portugal Editora. p. 288.

¹⁵³ Cf. *Idem*, 299.

¹⁵⁴ Jaime Brasil, “A Obra e o Homem”, *op. cit.*, p. 21

entanto, os castigos e as humilhações, chocavam a sua sensibilidade e o seu “precoce sentido de liberdade”¹⁵⁵. Este facto terá contribuído, de forma decisiva, para a sua partida.

A partida foi dolorosa. O choro e os abraços da mãe, um último relance ao espaço interior da casa, o baú de coiro já preparado, amorteceram-lhe a “vontade de parecer homem” e começou a “chorar em frente dos vizinhos”. O drama da despedida do emigrante tornou-se difícil, dada a “violência sentimental” e o “brutal desenraizamento”, episódio que Ferreira de Castro recorda ainda.

A viagem de Ferreira de Castro processou-se por etapas. A primeira realizou-se a pé, desde Salgueiros até Oliveira de Azeméis, tendo por guia o Tio Serafim, e esse percurso pedestre, pela sua lentidão, tornou ainda mais nostálgica a despedida. Após transpor a curva da estrada, donde ainda se ouviam os gritos de sua mãe, seguiu em direcção a Santo António onde morava Margarida. À sua volta ia tirando “retratos da natureza circundante” e recordando a infância passada “a desejar vencer a linha do horizonte”.¹⁵⁶

E atrás de mim ficava, por todos aqueles cerros e vales, contrastando com o encanto da natureza, uma vida de miséria hereditária, laboriosa e negra, a imaginar a redenção no Brasil, que constituía a sua única esperança. Eu queria ir.¹⁵⁷

Este último pensamento deu-lhe de novo o ânimo que lhe faltava. Afinal ele queria ser um homem e ia sê-lo: “Foi um dos momentos mais corajosos da minha vida. Eu partia para o desconhecido, para o fabuloso, sem saber quando voltava, sem saber até se voltaria”

Seguiu depois o pequeno emigrante silenciosamente ao lado do seu companheiro de viagem, para Sobradelo e depois para Vermoin, olhando fixamente os lugares e recordando os instantes por onde já tinha vivido algumas das suas brincadeiras infantis. Ao despedir-se das coisas, as lembranças tornavam-se mais vivas. Chegado ao destino último desta etapa, Oliveira de Azeméis, o Tio Serafim deixa-o em casa do Senhor Esteves onde passa a noite “excitado, infeliz e demais a mais laparoto pela primeira vez fora” da “lura” de sua mãe¹⁵⁸: o vasto mundo que ele sonhava conhecer estava já tão próximo, o seu coração antevia o futuro contrastando com o passado:

¹⁵⁵ Ricardo António Alves, *op.cit.* p. 24

¹⁵⁶ Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, *op.cit.* p. 290.

¹⁵⁷ *Idem*, p. 290

¹⁵⁸ *Idem*, p. 291.

Agora, porém, seriam paisagens novas, gentes que nunca havia encarado; (...). Agora tudo seria inédito. Numa só jornada, utilizaria todos os transportes mecânicos, terrestres e marítimos desse tempo, salvo os automóveis, ainda muito raros e apenas de famílias ricas; e essa informação do senhor Esteves impressionou tanto o meu aldeanismo, que ainda hoje a sinto vadiar, de quando em quando, na memória, embora desnudada do seu antigo prestígio.¹⁵⁹

Apesar desta curiosa excitação, no dia seguinte, na estação de Oliveira de Azeméis, onde se iniciava a segunda etapa da viagem, o pequeno José Maria, começou a preocupar-se mais com “a vida que deixava para trás, ainda tão pertinho, e o mundo” que o “aguardava muito longe”. Recorda-se que nesse dia na vila, “a caminho da emigração”, a Praça José da Costa, estava praticamente deserta e “um grande silêncio dominava aquele crepúsculo em Oliveira de Azeméis”. O adeus à praça estimulou-lhe os sentimentos da infância: lugar de dimensões hiperbólicas comparativamente à sua pobre aldeia e as suas gentes.¹⁶⁰

Mas naquele inesquecível fim de tarde, um dos mais penosos que sofri, Oliveira de Azeméis já não parecia, aos meus olhos doridos, uma cidadela de príncipes, mas sim o prolongamento, já humanizado, da terra da minha infância – o prolongamento da minha angustiada saudade.¹⁶¹

Seguiu num pequeno comboio para Espinho e daí num outro maior para o Porto. A cidade inspirou-lhe um orgulhoso fascínio infantil.

Após despachados os baús apanharam primeiro o carro eléctrico e depois um comboio que fazia na altura o trajecto do centro da invicta até ao porto Leixões¹⁶²: “E pelas cinco horas, com o dia já a esmorecer, eu via finalmente, ancorado diante do molhe onde me encontrava, o velho “Jerôme”, negro e sujo, que me ia levar.”¹⁶³

Iniciar-se-ia aqui a 3ª etapa da viagem que o levaria a uma aventura transatlântica que jamais esqueceria. Despediu-se do Senhor Esteves, tomou o bote e o espaço que o separava da terra até ao navio adensou a sua angústia. Ao subir as escadas, foi encontrar outros emigrantes, cujos semblantes espelhavam esperanças e sonhos, para enganar a tristeza. “Tinha, então, 12 anos, 7 meses e 14 dias...”.

¹⁵⁹ *Idem*, p. 292.

¹⁶⁰ Cf. Ferreira de Castro, “Regresso” in *Vária Escrita*, nº 3, Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, Sintra, 1996., p. 226

¹⁶¹ *Idem*, *ibidem*.

¹⁶² Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, p. 292.

¹⁶³ *Idem*, *ibidem*.

A noite caíra sobre Matosinhos, sobre o mar, sobre mim próprio; mas no âmago dos meus tormentos íntimos e no meio das conversas dos outros emigrantes da terceira classe, ruidosos, alguns mesmo propensos aos chistes, as esperanças concorriam com as luzes que eu via em terra.¹⁶⁴

Jaime Brasil designa os barcos dos emigrantes como “babéis”, lugares de horror que caracterizam “as terceiras classes dos navios” que pedem “um novo Dante para os descrever, num outro *“Inferno”*. Foi num destes navios que viajou o emigrante-menino, que suportou com estoicismo o “fartum dos porões” onde foi instalado para dormir, a comida servida em baldes, o cheiro pestilento de “suor recozido”, junto com os seus companheiros, viagem apenas suportada pelo embalo do sonho.

A esses barcos só não cabe chamar negreiros por serem *brancos*, ou quase, *os vultos* que transportam. São, porém, negreiros os que fretam e exportam essa carne de trabalho, emaciada e faminta, que se foge ao fartum repugnante dos porões, se expõe às mordeduras do sol dos trópicos ou às rajadas cortantes dos ventos oceânicos. Era assim, pelo menos, quando o rapazinho de Ossela foi para o Brasil.¹⁶⁵

Esta 3ª etapa teria o seu término, quinze dias após a partida do navio, num desses lugares de terceira classe do *Jerôme*¹⁶⁶, em Belém do Pará, no imenso país que agigantou a sua já natural timidez, o Brasil, e onde desembarcou “a 22 de Janeiro de 1911, sem saber onde pôr os braços e onde pousar os olhos diante das pessoas grandes”, e desconhecendo completamente o destino que o aguardava.¹⁶⁷

Na sua biografia, Jaime Brasil expõe o “horror” que lhe inspirou o lugar, mas ao mesmo tempo o “encantamento” que essa “terra sedutora” lhe proporcionou. “A doçura e a delicadeza brasileiras entraram-lhe no sangue”¹⁶⁸ e Ferreira de Castro, apesar dos martírios passados, amava incondicionalmente a terra e as gentes brasileiras. O sofrimento seria uma espécie de sublimação.

Durante algumas semanas deambulou pela cidade, mas breve subiu o Amazonas no vapor “Justo Chermont” que o levaria para a selva amazônica afim de ocupar o cargo de empregado de armazém num entreposto de exploração do látex, num seringal ironicamente chamado “Paraíso”, perto do rio Madeira. Aí permaneceu 4 anos. Nesse exílio despontariam

¹⁶⁴ *Idem*, p. 293.

¹⁶⁵ Jaime Brasil, “A Obra e o Homem”, *op.cit.* p. 25.

¹⁶⁶ Vamos poder testemunhar os horrores dessa viagem na perspectiva de Manuel da Bouça.

¹⁶⁷ Cf. Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, p. 293

¹⁶⁸ Jaime Brasil, *op.cit.* p. 26.

os primeiros sonhos literários fugindo assim à realidade cruel da selva verde e devoradora. Aí nasceria o escritor.¹⁶⁹

Por que razões a tremenda experiência pessoal e vivida se converteu numa vocação literária, só a presciência inatingível dos acasos da natureza humana, individualizados numa existência concreta, o poderia explicar.¹⁷⁰

Em *Criminoso por Ambição* germinava já o seu primeiro sucesso literário que viria dar origem a *Emigrantes*, romance escrito sob o signo da imaginação que a idade lhe proporcionava.¹⁷¹ Tinha então catorze anos e “imaginava muito, mas é certo que a imaginação, o sonho e a esperança não bastam, por densos e profundos que sejam, para se realizar um bom romance, quando não servem de asas ao outro género de oiro”¹⁷². Bem jovem ainda começou a ter consciência das desigualdades sociais que o mundo lhe expunha a cada passo, pois o espectáculo da miséria humana feria a sua sensibilidade.¹⁷³ E aí nasceria o humanista.

3. Biografia de um migrante no Brasil

Em 1914, abandona, aos dezasseis anos anos, o “inferno verde” com o baú cheio de sonhos de regresso à cidade que o tinha visto partir quatro anos antes.

É certo que levava também, no fundo do baú, manuscrito dum romance ingénuo que escrevinhara dois anos antes; na cabeça um tropel de ideias para outros que nunca cheguei a redigir e, na carne e no sangue, este roteiro do drama social dos Cearenses e Maranhenses, do meu próprio drama, que tanta influência ia ter na minha vida de escritor,¹⁷⁴

Apesar de imberbe, o pequeno romance, editado primeiramente em libretos e distribuído pelo próprio autor, e mais tarde em folhetim no Jornal *Portugal*, desvendou ao autor a sua vocação literária.

¹⁶⁹ Cf. Álvaro Salema, “Uma vida uma obra”, in Obras completas de Ferreira de Castro, Lello, p. 19

¹⁷⁰ *Idem*, p. 20.

¹⁷¹ R. Caltofen, “O caminhante Eterno – Ferreira der Castro, in *Tentativa*, Ano 3, Nº 13, Atibaia, Estado de São Paulo – Brasil, Maio de 1951, p. 5 : “Todas as impressões se condensam mais tarde em sua grande novela *Emigrantes*”.

¹⁷² Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, p. 294.

¹⁷³ Cf. R. Caltofen, “O caminhante Eterno – Ferreira der Castro, in *op. cit.*, p. 5.

¹⁷⁴ *Idem*, p. 49.

...a descoberta essencial trazia-a o escritor consubstanciada na sua própria natureza humana, confrontado desde a extrema juventude com as realidades dramaticamente experimentadas de que os livros nasceram como frutos imanes da vida.¹⁷⁵

Efectivamente a obra de Ferreira de Castro é “indissociável da sua vida”¹⁷⁶ de tal modo ficção e realidade estão entroncadas

O pequeno José Maria de emigrante apenas que fora, e de imigrante que era, vai tentar a sua sorte noutras paragens não sem alguma dor pelas raízes que havia criado no seringal. Teve a ajuda de um pretense protector, que logo o quis recambiar para o seringal. A resistência que demonstrou abandoná-lo-ia à sua sorte: “E, assim, de repente, me encontrei sem tecto e sem pão na cidade onde não conhecia praticamente ninguém”.

Contudo, aí se completaria a sua formação, na “universidade” da vida é certo, onde a fome não lhe tolhia a vontade de aprender, como ele próprio afirma numa carta, em tom de requintada ironia, a José Rodrigues Miguéis e Bento de Jesus Caraça, a propósito de viagens e em resposta a um artigo publicado no *Globo*:

Vida tão bela não podia terminar sem o meu protesto. E assim, depois de enclausurado três anos e meio na selva, tornei a pecar: fiz uma nova viagem. Regressei ao Pará [...] Ali, no intuito de ocultar a minha verdadeira tendência burguesa, eu comia apenas quando a providência era servida e a providência, em certos períodos, só se dignava servir-me duas e três vezes por semana.¹⁷⁷

O seu mestre foi, pois a experiência. Estudava sim, não como os jovens da sua idade, mas “quando queria, em livros emprestados e, muitas vezes, fazia-o para verificar quem tinha mais força: se aquele desejo de imitar os outros, comendo, se eu, devorando página após página.”¹⁷⁸ A sua aprendizagem seria complementada por um “espírito indagador e receptivo”¹⁷⁹. O autor reconhece, com uma ponta de orgulho, numa entrevista a Álvaro Salema: “Eu sou um auto-didacta”. Efectivamente, aprendeu sozinho e “sem esforço línguas,

¹⁷⁵ *Idem*, p. 17

¹⁷⁶ *Idem*, *ibidem*.

¹⁷⁷ Ferreira de Castro, Carta a Bento de Jesus Caraça e José Rodrigues Miguéis, in *Anarquismo e Neo-realismo*, Ricardo António Alves, p. 169.

¹⁷⁸ *Idem*, *ibidem*.

¹⁷⁹ Cf. Álvaro Salema, “Uma vida uma obra”, in op. cit., p. 13.

sociologia, filosofia (...)"¹⁸⁰ Mas força de vontade não basta, na opinião do autor, é preciso vocação e ele sentia essa vocação.

A sua formação académica coabitava em simultâneo com o desespero da sobrevivência. Colava cartazes e escrevia para alguns jornais tais como *A Cruzada*, *Jornal dos Novos*, cujos lucros não chegavam para saciar a fome. E em 1917, funda com Pinto Monteiro, o jornal *Portugal*, que obteve um êxito considerável.¹⁸¹ Saliente-se que no primeiro número deste jornal, publicado em Março de 1917 no Pará, não há qualquer referência ao seu nome como director, apenas surge como colaborador no espaço dedicado à literatura.¹⁸²

O seu sonho tinha-se realizado – escrever em jornais. Já em criança, com apenas 9 anos, tinha surgido o primeiro sintoma de vocação. Ainda na escola, sonhava escrever em jornais: “Seria feliz se pudesse escrever no “Opinião”, de Oliveira de Azeméis, ou no jornal “O Comércio do Porto”. E esse sonho agigantava-se no menino de “carácter tímido”, “envergonhado”, “incompreendido”, “melancólico”, que levava uma “existência triste”, tornando-se numa ideia tão absurda “como se quisesse apanhar uma estrela do céu...”¹⁸³

Quando viu pela primeira vez um trabalho seu publicado, depois de várias tentativas frustradas, “sentiu a maior felicidade”. É o próprio que afirma a sua coragem para vencer os obstáculos: “...queria realizar-se como escritor mesmo que tivesse que passar por muitas dificuldades. Era português!”

Feito o balanço da estada de Ferreira de Castro no Brasil, pode-se constatar que foram nove anos de exílio, de sofrimento, de saudade, mais duros ainda pelo carácter sensível e sonhador que caracterizava a sua personalidade. Nesse exílio acabaria a sua educação da forma mais cruel que se poderia imaginar para um jovem. Mas sem essa formação teríamos nós o escritor que dela resultou? Provavelmente não.

¹⁸⁰ Entrevista realizada Por Álvaro Salema a Ferreira de Castro, Registo oral cedido pelo Museu Ferreira de Castro em Sintra.

¹⁸¹ Em anexo podemos ler editorial do primeiro número do jornal onde é exposto o seu programa e os objectivos. Alguns exemplares podem ser encontrados no Museu em Sintra.

¹⁸² No editorial, realizado provavelmente em colaboração com o seu “companheiro de aspirações e desditas”, é clara a tendência humanista de defesa do emigrante e do jornalismo em prol do emigrante. Mas este será um assunto a desenvolver no capítulo referente ao Neo-realismo e ao jornalismo como forma de denúncia.

¹⁸³ Entrevista realizada Por Álvaro Salema a Ferreira de Castro, Registo sonoro cedido pelo Museu Ferreira de Castro em Sintra.

4. O regresso de um emigrante

O maior desejo de qualquer emigrante quando parte do seu país, é o regresso. Ferreira de Castro não foi excepção: “Nove anos depois de ter desembarcado no Pará, eu embarcava, uma tarde, no Rio de Janeiro de volta a Portugal”. Assim em 1919, regressa à Pátria, “pobre como partira”¹⁸⁴. Não encontrara “a árvore das patacas”, tinha sido essa “a ideia que o levara ao Brasil”, mas essa ideia inicial “tinha caído por terra – só queria ser escritor”.¹⁸⁵ A ideia mítica do regresso, no entanto, parecia-lhe inverosímil, irreal “existência imaginada por mim”, confessa, “já que durante esse período incontáveis vezes descri de que pudesse regressar”.¹⁸⁶

A mala trazia-a cheia de projectos e “de sonhos literários”, o coração cheio de solidariedade, pois foi lá que aprendeu a “amar a grande causa humana”; no bolso trazia “quatro centenas de escudos, desvalorizados pela grande guerra” que apenas chegaram para matar saudades da “família, das árvores, dos caminhos e das fontes da aldeia nativa”.¹⁸⁷ Torturava-o durante o período que passou no Brasil a nostalgia da sua terra natal sem ter a certeza se voltaria a abraçar aqueles lugares que lhe perduravam tão vivamente na memória.¹⁸⁸

A riqueza que tinha adquirido no prometido *Eldorado*, não tinha qualquer valor material: havia uma riqueza secreta mais importante.

Do ponto de vista material, esse que tantos homens expatriava para as Américas, eu fui um emigrante vencido. A própria psicologia do emigrante, que é a sua principal força, me abandonou pouco depois de ter chegado ao Brasil, deixando-me, em seu lugar, um novo sonho.¹⁸⁹

Na obra *Os Fragmentos* o retorno ao Vale de Ossela significou “uma redescoberta das raízes mais profundas”¹⁹⁰, e o autor reencontrou-se, como se abraçando aquele pedaço de terra abraçasse o universal, não só o cósmico, mas igualmente o humano. E este sentimento não é patriotismo mas apenas um “pueril amor pela sua aldeia”¹⁹¹ que se apresenta “sincero,

¹⁸⁴ Álvaro Salema, “Uma vida uma obra”, p. 18.

¹⁸⁵ Entrevista realizada Por Álvaro Salema a Ferreira de Castro, Registo sonoro cedido pelo Museu Ferreira de Castro em Sintra.

¹⁸⁶ Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, p. 294..

¹⁸⁷ *Idem*, p. 295.

¹⁸⁸ Cf. Ferreira de Castro in Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 25.

¹⁸⁹ Ferreira de Castro, Posfácio de *Emigrantes*, p. 299.

¹⁹⁰ Ricardo António Alves, *op. cit.* p. 25.

¹⁹¹ *Idem, ibidem*.

desconventional e único”, um amor egocêntrico, confessa, que nasce com o indivíduo a partir dos

... primeiros gritos de protesto contra a mudança de ambiente e contra todo obstáculo posto à liberdade de movimentar os membros, vive jacente e atrofiado na alma dos que habitam ali; mas logo frondeja alto, e sempre exuberantemente, na dos que partem; e é-lhes tanto mais doloroso quanto maior for a sensibilidade de cada um deles. Sei por mim próprio.¹⁹²

Mas a experiência tinha-lhe concedido “alma nova”, tinha adquirido novas ideias, nova consciência do mundo e dos homens, e este facto levá-lo-ia no futuro a querer continuar a sentir o prazer que lhe davam as viagens: a sensação de se sentir “superproprietário” de “quilómetros de estradas e de vales inteiros”; tornando-se “imensamente rico com aquilo que não possuía nenhum valor material para os verdadeiros proprietários.”¹⁹³

5. Biografia de um migrante em Portugal

Vai viver para Lisboa em busca da concretização dos seus anseios literários, mas os sonhos depressa dão lugar à desesperança perante a fome e a miséria. O seu calvário prolongava-se na sua Pátria.

Esperava-me em Lisboa uma vida terrivelmente incerta, de fundas amarguras e enormes desesperos, uma fase com a mesma fome negra e prolongada que eu curtira nos meus primeiros tempos de Belém do Pará, fome que não posso recordar sem me sentir de novo angustiado.

Parecia que nada tinha mudado, contudo aquele sofrimento estava a fazê-lo crescer na sua atitude humanista que o haveria de caracterizar como homem e como escritor, pois em vez de revolta, amargor, ódio e raiva, sentimentos que geralmente se apossam do indivíduo, daria pelo contrário lugar à compreensão pelo outro.

Após ultrapassadas as primeiras dificuldades na capital, depois de uma luta heróica e solitária: sem amigos, sem trabalho, pois a sua actividade jornalística e literária no Brasil era ignorada, acaba por conseguir colaborar esporadicamente em jornais e revistas. Adere

¹⁹² Ferreira de Castro, “A Aldeia Nativa”, in *op. cit.* p. 45.

¹⁹³ *Idem*, p.47. Reportemo-nos à citação de Miguel Torga já citada neste trabalho: “o Homem é tanto mais rico quanto mais amplas as suas braçadas no cosmos”

imediatamente aos movimentos literários da época, impulso renovador, que correspondia aos seus “inconformismos perante ideias feitas”¹⁹⁴

6. Biografia de um viajante

Acerca desta temática da viagem Maria Alzira Seixo afirma que não há respostas que indiquem o seu termo, e que um ponto de chegada é sempre um ponto de partida, ou de retorno”. A dada altura a viagem é, em Ferreira de Castro, um “movimento essencial de indagação”¹⁹⁵ de que o próprio autor tem consciência quando adulto. Menino ainda, já ansiava “percorrer o mundo”. No futuro, ao precoce desejo de viajar, vai associar-se uma necessidade de conhecer novos povos.¹⁹⁶

Do escritor-viajante surgiriam obras que fariam renascer a tradição portuguesa de narrativas de viagem: “Um dos mais antigos apontamentos conhecidos do escritor, datado de 30 e 31 de Março de 1915, é precisamente um fragmento do relato da sua partida do seringal rumo a Belém”.¹⁹⁷

Ricardo Alves chega a classificar os livros de viagens do autor como “extensas reportagens”, o que marca a sua sensível veia jornalística. Capítulos da obra *Pequenos Mundo e Velhas Civilizações*, nasceram dessa vertente que fascinava o autor, e que tinham sido já publicados na imprensa periódica¹⁹⁸. Foi como jornalista, aliás, que obteve o visto para poder viajar por todo o mundo.

Estas descrições tinham já a preocupação de captar o pormenor, registando tudo o que lhe era dado observar, e mesmo após 20 anos, numa viagem que faz pelo Mediterrâneo, inicia *Classe Única*, que no entanto abandona por causa da censura.¹⁹⁹ A Censura seria um entrave marcante na sua obra como vamos verificar no terceiro capítulo deste estudo.

Dedicou-se, por isso, à elaboração de textos em que a viagem se tornou o tema primordial: *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, onde nasce a sua “simpatia pelos povos minúsculos, pelas réplicas em miniaturas, por todos os que vivem isolados no nosso

¹⁹⁴ Ferreira de Castro, *Posfácio de Emigrantes*, p. 295. Nota: Este assunto será posteriormente desenvolvido na sua actividade como jornalista no capítulo dedicado ao Neo-realismo.

¹⁹⁵ Cf. Maria Alzira Seixo, *Poéticas da Viagem na Literatura*, Edições Cosmos, Lisboa, 1998, p. 35.

¹⁹⁶ Cf. Ferreira de Castro, “Regresso” in *Vária Escrita*, nº 3, Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, Sintra, 1996.p. 231.

¹⁹⁷ Ricardo António Alves, *op.cit.* p. 46.

¹⁹⁸ Cf. *Idem, ibidem*.

¹⁹⁹ Cf. *Idem*, p. 47

planeta”²⁰⁰, *A Volta ao Mundo*, após o abandono do jornalismo militante e, por fim, *As Maravilhas Artísticas do Mundo*. Mas a sua primeira narrativa de viagem foi escrita no estuário do Amazonas, peça manuscrita e inédita, resultado da contemplação da paisagem tropical, intitulada *Impressões de Viagens Quando Eu Trabalhava num Navio (1915) (Cassiporé)*. Estas “Impressões” constituem “as primícias” das posteriores narrativas de viagens.²⁰¹

Em *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, Ricardo Alves sublinha a descontinuidade que não se vai verificar na *Volta ao Mundo*. O autor vivia, em finais da década de 30 numa “encruzilhada que lhe era imposta entre a obra possível no contexto político de então e a obra que de facto desejava fazer”, o que o leva a abandonar a profissão em 1934²⁰². Verifica-se nesse período, uma errância, quer física quer psicológica em relação aos textos escritos causada precisamente por esse mal estar – a perda da liberdade de expressão.²⁰³

A Volta ao Mundo, é uma obra de vulto que viria confirmar os seus dotes jornalísticos. O percurso que iniciou em 1939, na Argélia, na companhia da sua mulher Elena Muriel, foi realizado numa Europa conturbada pela II Guerra Mundial, e viria a terminar nos Estados Unidos. O itinerário da sua inteira responsabilidade, alternou os centros urbanos com os lugares menos conhecidos. Tinha-se afastado da literatura exótica como documento preferindo registar “o belo e o feio, o sublime e o medonho, exaltando-os, deplorando-os e relativizando-os de acordo com a visão do mundo e da vida.”²⁰⁴ Nesta obra, Ferreira de Castro procurou o “denominador comum” que o irmanou definitivamente com todos os homens do planeta, conseguindo deste modo o abraço fraterno e simbólico com a Humanidade.²⁰⁵

Portanto, se Ferreira de Castro se considera um “emigrante vencido”, não se pode deixar de admitir que foi um Viajante bem sucedido, porque, consciente da sua capacidade de narrar, de descrever o mundo que o cercava, cresceu na compreensão desse mundo, dos homens que o habitam e das suas culturas:

²⁰⁰ Ferreira de Castro, *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, Obras completas de Ferreira de Castro, Círculo de Leitores, 1986, p. 7.

²⁰¹ Cf. Bernard Émery, *Miscelânea sobre José Maria Ferreira de Castro*, Publicações do Centre de Recherche et Études Lusophones et Intertropicales de Grenoble, 1994, p. 68.

²⁰² Ricardo António Alves, *op. cit.* p. 47.

²⁰³ *Idem, ibidem.*

²⁰⁴ *Idem*, p. 49.

²⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem.*

E um dia, quando já amava os nossos semelhantes, já constituíam uma preocupação da minha vida, pude enfim, percorrer o mundo, pude associar aos povos que ia conhecendo o povo português, às paisagens que ia contemplando as paisagens da nossa terra, aquelas que me acompanharam sempre ao longo da existência, com um encanto inefável e uma nostalgia por vezes dramática, que só avaliará integralmente quem emigrou em criança, deixando por tempo indeterminado, as árvores, os caminhos românticos, as fontes, cantantes da sua infância. E é sobre as recordações da infância, sobre as paisagens e os homens que as habitam, que se construirá, como sobre um pedestal – sabem-no bem os escritores – a nossa vida e a nossa obra.²⁰⁶

Este “ensaio” resulta, não só de uma viagem física mas, e sobretudo, de “uma viagem interior (...), peregrinação pensada, após a errância pelo planeta e pelos museus da Europa, das manifestações estéticas ao longo da história do homem, das pinturas rupestres à arte da primeira metade do nosso século”²⁰⁷

As obras foram um enorme êxito. Perdia o país um jornalista eminente e denunciador das injustiças, praticadas pelo antigo regime, mas ganhava a literatura um cronista de viagens e reafirmava “a sua vocação de grande viajante”.²⁰⁸

Incontestavelmente a viagem ocupou na vida e na obra de Ferreira de Castro um lugar fundamental, quer na literatura de viagem quer na obra romanesca. Nos romances as “personagens partem ou regressam, experiência que, em muitos casos, é crucial na narrativa – como foi determinante essa primeira grande viagem em que cruzou o Atlântico.”²⁰⁹ Caso esta travessia não tivesse ocorrido, hoje, certamente, não estaríamos a falar deste autor que deixou às letras portuguesas um legado considerável.

Tal como Miguel Torga, também Ferreira de Castro nos vai expor a outra face do emigrante contribuindo

para uma perspectiva menos vaga ou distorcida do drama da emigração, para uma descrição mais pormenorizada e autêntica das exóticas paragens de além-mar, e sobretudo para uma representação mais interessada na condição do emigrante propriamente dito do que na do retornado.²¹⁰

A geografia física e humana que defrontou, proporcionou-lhe uma riqueza incomensurável que lhe ampliou os horizontes no espaço imenso que é o Brasil, em contraste

²⁰⁶ Ferreira de Castro, “Regresso” in *op. cit.*, pp. 231,232.

²⁰⁷ Ricardo António Alves, *op. cit.*, p. 46

²⁰⁸ Cf. Jaime Brasil, “A Obra e o Homem”, in *op.cit.* p. 32.

²⁰⁹ Ricardo António Alves, *op.cit.* p. 46.

²¹⁰ *Idem, ibidem.*

com o universo reduzido da aldeia natal. Podemos contemplar esta dimensão de abertura e a aprendizagem que a amplidão, a vários níveis desenvolveu na construção da personalidade.²¹¹

De qualquer forma, o Brasil, enquanto lugar do excesso, da pujança e do mistério, simboliza nesse percurso a saída para fora dos limites espacio-temporais do círculo familiar e a revelação de um mundo outro através do rito de passagem da infância à adolescência. Que melhor cenário do que o Novo Mundo para esse genesíaca aventura de formação da personalidade.²¹²

O autor foi peremptório numa peça que escreveu, “Regresso”: “Não tenho nada para dar além do meu coração.”²¹³ Se o emigrante é alguém com “a vida pelo mundo em pedaços repartida”, Ferreira de Castro repartiu o seu coração em pedaços pelo mundo, reconstruindo-o com o que de mais belo esse mundo tinha para lhe oferecer disseminando-o na sua obra.

²¹¹ Cf. *Idem*, p. 172.

²¹² *Idem*, *ibidem*.

²¹³ Ferreira de Castro, “Regresso” in *Vária Escrita*, nº 3, Sintra, 1996. p. 230.

Trova do vento que passa

*Pergunto ao vento que passa
notícias do meu país
e o vento cala a desgraça
e o vento nada me diz.*

(...)

*Pergunto à gente que passa
dor que vai de olhos no chão.
Silêncio – é tudo o que tem
quem vive na servidão.*

(...)

*Quatro folhas tem o trevo
liberdade quatro sílabas.
Não sabem ler é verdade
aqueles para quem escrevo.*

*Mas há sempre uma candeia
dentro da própria desgraça
há sempre alguém que semeia
canções no vento que passa.*

*Mesmo na noite mais triste
em tempo de servidão
há sempre alguém que resiste
há sempre alguém que diz não.*

III Capítulo

O movimento Neo-Realista e Ferreira de Castro

A Arte é uma finalidade sem fim.

Kant

1. Intróito

A Arte, tal como todos os aspectos associados à actividade humana, tem levantado em seu redor questões de ordem ontológica, cujas discussões se propagaram no período romântico numa reacção contra os criadores clássicos, e que recrudesceram no 3º quartel do século XIX com o período realista, nomeadamente pela actividade combativa da Geração de 70. O século XX reavivou as polémicas em torno do “ser” e do “servir” da obra de Arte.

Ferreira de Castro deu o seu contributo para o enriquecimento da arte, não só através da obra romanesca, mas, igualmente, pela divulgação das obras de arte de todo o mundo em *As Maravilhas Artísticas do Mundo*. No “Pórtico” da obra, o autor reflecte assim a arte: “A ciência pode dar-nos a história do homem, mas só a Arte nos pode transmitir a história do espírito.”²¹⁴ E é através dessa longa “história do espírito” pelos séculos fora, que o autor empreende mais uma viagem através não só do espaço mas também do tempo, e que lhe vai consumir dez anos de vida.

Este livro será, pois, com as maravilhas que o génio dos artistas tem deixado no mundo, a história, muito pálida embora, do esforço do homem através dos tempos, através de todos os obstáculos, de todos os sacrifícios e de todas as dores, para transcender a sua própria condição, para ultrapassar os limites que a própria natureza lhe deu.²¹⁵

O autor adopta, pois, face à função da arte, uma postura moralizante, particularmente na literatura. Esta postura poderá estar na origem do lugar precursor associado ao movimento Neo-Realista. É essa questão que nos vai ocupar as próximas páginas: definir o movimento em causa e compreender a inserção de Ferreira de Castro, ou não, no mesmo.

²¹⁴ Ferreira de Castro, *As Maravilhas Artísticas do Mundo – ou a prodigiosa aventura do Homem através da Arte*, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1958, p. 14

²¹⁵ *Idem*, p. 15.

2. O Neo-Realismo: o que é, o que pretende.

O Neo-Realismo, é um movimento literário, surgido em Portugal a partir de meados dos anos trinta e que, *grosso modo*, pretendia a interacção entre a estética e a política.²¹⁶ Surge como “categoria literária e não como escola”, admitindo como “pressuposto ideológico, o socialismo de inspiração marxista-leninista”²¹⁷. Sobreviveu desde essa época, finais dos anos 30, até à queda do regime que, de certo modo, o alimentava: a ditadura.

Arte: assim se intitula aquele que é considerado o texto-programa da estética literária auto-denominada Neo-realismo²¹⁸, expressão que apenas mascara um outro termo e uma outra ideia: o Neo-socialismo, resultado do momento histórico que se arrastaria por cerca de quatro décadas. Convém clarificar que esta estética não se limita ao quadro português, ela “inscreve-se na tendência mundial da arte revolucionária”²¹⁹. O início desta arte “revolucionária” em Portugal deu o seu primeiro grito numa palestra proferida em 1936, por Alves Redol, em Vila Franca de Xira e que iria reiniciar uma “polémica relativamente recente na História da Cultura”²²⁰. Nessa conferência, o autor começa por definir Arte, que ele considera um “assunto complexo”. Da dita palestra foram seleccionados alguns pontos de interesse:

1. A arte é classificada como ideologia social.
2. Ideologia social é um sistema de pensamentos, de sentimentos ou de regras de conduta.
3. O homem pensa, sente e esquece com o corpo inteiro.
4. E a alma?...a alma fica condicionada pela química, isto é pela matéria.
5. Assim se verifica que tudo o que nos rodeia, (...), é de ordem puramente material.
6. As ideias! Donde nascem e de que dependem? Das sensações. E estas? Do mundo material.
7. Se quisermos, portanto definir a Arte, poderemos dizer: a Arte é um sistema de sensações, de sentimentos e de imagens. É uma transformação da matéria.
8. Sai do visível ou audível, penetra no homem pelo corpo inteiro, cria-lhe sentimentos, e volta ao visível ou audível pela obra que o artista realiza.

²¹⁶ Cf. Maria Luísa Álvares Pereira, “Neo-realismo”, in *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, Porto Editora, Porto, 2000, p. 342.

²¹⁷ Alexandre Pinheiro Torres, *O Neo-Realismo Literário Português*, Moraes Editores, p. 7.

²¹⁸ Também surge como Novo-Humanismo.

²¹⁹ Ana Paula Ferreira, *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*, Caminho, 1992, p. 11. Não ficaram alheios os intelectuais portugueses ao Congresso do partido Comunista, que se realizou em 1934. Este acabaria por ter repercussão nas revistas literárias surgidas nesse ano: *Gleba*, *Gládio*, *O Diabo*, etc.

²²⁰ Cf. Alexandre Pinheiro Torres, *O Neo-Realismo Literário Português*, p. 17. Vila Franca de Xira, terra natal de Alves Redol, tornar-se-ia no “Quartel General” dos jovens Neo-Realistas.

9. O artista não é, pois, o ser independente e livre, predestinado para criar beleza, pedaço da própria divindade, que muitos pretendem fazer crer.²²¹

Seguidamente, condena o conceito dos que defendem “a arte pela arte”²²², que ele considera “egoísta, individual, próprio dos que se educam segundo aquele famoso princípio: cada qual por si e Deus por todos”; a ideia de que o artista é um ser à parte da humanidade e que nada de real existe fora dele²²³:

E incapazes de criar algo de belo (tomado no sentido de verdadeiro), não querendo firmar a sua arte na realidade social, no momento que passa, nas lutas que se travam, acolhem-se ao revolucionarismo formalista e criam as escolas simbolista, neo-impressionista, cubista... e quantas mais. (...) Encerram-se no ideal subjectivo, na ilusão de que nada existe de real senão o seu Eu, e criam essas caricaturas de arte, incapazes de atingirem a finalidade da obra artística.²²⁴

Ao “narcisismo ridículo”, às “torres de marfim”, à “personalidade delirante” em que se encerram os artistas, Alves Redol vai opor a busca do “substancial” na personalidade própria e não “nesse algo eterno estabelecido com tanta frequência por matemáticos e filósofos”. Derrubando o trono em que os artistas das escolas modernistas se deificaram, remata desta forma, apresentando o programa, com palavras de Chernishevsky das quais seleccionamos algumas premissas e que vão servir de pressupostos ao movimento:

1. Não é a sociedade que serve o artista, mas o artista que serve a sociedade.
2. A arte deve contribuir para o desenvolvimento da consciência e para melhorar a ordem social.
3. Todos os assuntos devem servir em proveito do homem, se não querem ser uma vã e ociosa ocupação: a riqueza existe para que toda a humanidade a goze; a ciência para guia do homem; a arte deve servir também para algum proveito essencial e não deve ser, apenas um prazer estéril.
4. A arte deve ser utilitária.
5. As obras artísticas devem ser juízos das manifestações de vida e não mistificações intelectualizadas, cujas finalidades de domínio de classe poderemos descobrir com o raciocínio.²²⁵

²²¹ Cf. *Idem, ibidem*.

²²² Conceito criado por Théophile Gautier.

²²³ *Idem, Ibidem*.

²²⁴ *Idem, ibidem*. Nota: “As gerações de ambos os Modernismos eram alérgicas a toda e qualquer ideologia. A própria palavra deixava-os em pânico, absolutamente crentes de que a Arte e Ideologia eram dois mundos impossíveis de conciliar.” Alexandre Pinheiro Torres, *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, p. 24.

²²⁵ *Idem, ibidem*.

De seguida, explana qual o papel do artista, o seu compromisso face à arte e à sociedade em que se insere:

1. Ser artista não é ser inconsciente.
2. Para ser artista é necessário, principalmente, ser homem.
3. Ser homem é viver dentro da humanidade, atingir um fim que conhecemos e lutar.
4. Lutar! ... E atingirmos, então, o que Richard Wagner, (...) entendeu necessário alcançar: A vida livre, sem lutas fraternais, que leva ao humanismo artístico.²²⁶

Em 1939, também pela mão de Alves Redol, vem a lume um romance que pretendia ser revolucionário e que inauguraria o movimento na ficção: *Gaibéus*. Contudo, no prefácio, o autor nega o carácter ficcional da obra: “Este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte, quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso será o que os outros entenderem.”²²⁷ O romance narra a história de um grupo de trabalhadores rurais assalariados, contratados para a ceifa do arroz, que deste modo tentam colmatar a magra receita das suas colheitas. Está patente, ao longo de toda a obra, a denúncia da exploração dos mesmos pelo patrão e a agressividade de que são alvo pelo capataz. O grupo, surge como uma Hidra de várias cabeças e um só corpo, essencial para os objectivos que se pretendem: a força do trabalho. A obra eivada de símbolos não deixa margem para dúvida na luta que busca empreender.

Estava assim lançado o Novo-Humanismo do qual o Neo-Realismo seria a sua expressão artística. Este novo humanismo pretendia a “libertação e igualdade concretas do homem” já não voltado para o passado mas para o futuro.²²⁸

Um dos méritos da actual estética é o de se debruçar sobre o universo rural. Os romances do início do século limitavam-se à descrição dos costumes e à exaltação do folclore: “reside aqui a dimensão propriamente revolucionária do neo-realismo”²²⁹ O romance *Gaibéus* e os seus sucessores foram fiéis a esse princípio.

²²⁶ *Idem, ibidem.*

²²⁷ Alves Redol, “Prefácio”, *Gaibéus*, Editora Caminho, Lisboa, 1989, p. 31. A este comentário Alexandre Pinheiro Torres vai afirmar: “alguém deveria acordar escritores assim «polémicos» para a realidade insofismável de que, para uma obra pertencer à Literatura, precisaria de *nela* haver a procura, duma forma que possuísse significado por si própria.” Alexandre Pinheiro Torres, *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, p. 17. Alves Redol, no entanto, vai abandonar esta atitude numa entrevista realizada a um jornal, em 1958.

²²⁸ Alexandre Pinheiro Torres, *op.cit.*, p. 15.

²²⁹ Ana Paula Ferreira, *op.cit.*, p. 134 e 135.

Embora o romance neo-realista procure documentar as vivências do povo de vários pontos do País não são os diferentes tipos de ocupações, os costumes e as crenças particulares de cada região o que interessa pôr em relevo *per se* mas sim a identidade entre as diversas experiências dos trabalhadores.²³⁰

As personagens, quer agindo no mundo rural quer no mundo do proletariado, adquirem assim uma dimensão universal que alarga a possibilidade de serem colocadas em qualquer contexto espacial ou cultural. São personagens que se “caracterizam essencialmente pelo mesmo factor de dependência económica de um patrão”²³¹. Através delas denuncia-se a exploração de que eram vítimas os trabalhadores. Um dos propósitos claros da estética era o despertar da consciência social²³².

O controlo não era só exercido através do salário. Um dos temas recorrentes na estética Neo-Realista é a alienação dos trabalhadores, praticada pelo poder económico. Os assalariados eram mantidos numa “semilucidez”, surgindo apenas como “uma massa de músculos humanos em movimento”²³³ afastando, desse modo, qualquer ideia de revolta. No entanto, os alienados não têm consciência dessa alienação. Uma das formas mais utilizadas é a embriaguês.

O mais frequente e generalizado meio de iludir o desespero a que periodicamente é levado o trabalhador após consecutivas humilhações consiste na ingestão de vinho em quantidades excessivas. O ébrio esquece-se de si, da realidade opressiva que lhe nega o pão e a dignidade. Como resultado, o homem que afoga a sua angústia em vinho não pode pensar na maneira de se sobrepor à sua condição e, muito menos, de tentar actuar sobre ela.²³⁴

A par da produção literária, a produção jornalística exerceu um importante papel na divulgação cultural do movimento e das suas obras, entre as quais *Seara Nova*, *Sol Nascente*, *Altitude*, *Vértice*, *O Globo*, *Síntese*, *Pensamento e o Diabo*²³⁵. Estas publicações, no entanto, sofreram, não só a instabilidade económica, motivada pela falta de apoios, mas também

²³⁰ *Idem*, p. 135.

²³¹ *Idem*, *ibidem*.

²³² O filósofo alemão Engels foi o grande inspirador desta forma de ver a literatura – a obra literária como “instrumento útil de consciencialização” – deste modo o leitor, em vez de rejeitar a doutrina, é levado, pela leitura do romance “a alterar as suas convicções sem mesmo se aperceber disso”. Cf. Ana Paula Ferreira, *op. cit.*, p. 107.

²³³ *Idem*, p. 140.

²³⁴ *Idem*, p. 139: A cantilena dedicada ao vinho que é introduzida na narrativa não é de todo ingénua. Esta temática vai estar presente em *a Selva*: a alienação é realizada através da cachaça.

²³⁵ Neste jornal, *O Diabo - Semanário de Crítica Literária e Artística*, no início da década de 30, Ferreira de Castro foi o director.

foram vítimas das retaliações que o regime impunha. O “lápiz azul” era o principal obstáculo. A auto-censura e a censura prévia realizavam o restante:

A Censura prévia à imprensa e depois à rádio, ao cinema, ao teatro e à televisão é talvez a mais perene das instituições repressivas criadas pela Ditadura Militar, mantida, reforçada e alongada pelo Estado Novo. Estabelecida em Junho de 1926, após o golpe de 28 de Maio desse ano, não haverá um único dia em que ela deixe de estar em vigor até ao 25 de Abril de 1974: 48 anos ininterruptos de mordaza à livre expressão e à criatividade intelectual e artística.²³⁶

Uma das técnicas de fuga ao poder exercido pela censura era a utilização de símbolos. Basta analisarmos *Gaibéus*, para vermos que eles proliferam em toda a obra: um dos exemplos mais flagrantes é o episódio do milhano e dos estorninhos. Nele denuncia-se a exploração dos “gaibéus”.

O facto é que a imposição da censura não permitiria «tudo dizer», sem o perigo da apreensão ou mesmo da exclusão do escritor do meio intelectual português. O uso do símbolo, logo desde as primeiras obras narrativas neo-realistas liga-se, pois, à opressão política da palavra²³⁷

A própria utilização do termo “rebanho”, para designar o conjunto dos assalariados, era flagrante.²³⁸

Detractores à parte, Carlos Reis considera que o Neo-Realismo português teve uma “intensa actividade teórica” que se estendeu, inclusive, à criação poética.²³⁹ E surge no panorama cultural português como um “movimento duplamente contestatário”: contra a “criação literária presencista que o neo-realismo vem pôr em causa”, como já constatámos, e contra a “articulação e configuração do tecido político e sócio-económico da vida portuguesa de meados do século XX”²⁴⁰.

O projecto Neo-realista, no seu todo, aparece, pois, como plural e complexo, quer radicalizado quer atenuado. Para que não restem dúvidas, sobre o que é, e o que pretende, citemos Alexandre Pinheiro Torres:

²³⁶ *História*, “A Censura”, Março de 2000, p. 26.

²³⁷ Ana Paula Ferreira, *op. Cit.*, p. 152.

²³⁸ Em *Emigrantes*, Ferreira de Castro também utiliza frequentemente a expressão “rebanho”

²³⁹ Cf. Carlos Reis (Apresentação crítica, selecção e notas de), *Textos Teóricos do Neo-realismo Português*; Seara Nova, Editorial Comunicação, Lisboa, 1981, p. 32.

²⁴⁰ *Idem*, p. 31. Apesar de a sua actividade ser bastante controlada pelo poder pois a censura exercia o seu peso implacável condicionando a “discussão de opiniões e a divulgação de ideias contrárias ao poder”. Para Salazar “o novo regime não fundamentaria as suas acções na opinião pública”. Júlia Leitão de Barros, “Censura”, in *História*, Março de 2000, p. 46 e 47

O Neo-Realismo compará-lo-íamos antes à Dinâmica Racional em que as forças que fazem mover o Mundo, a Sociedade, o Homem, até o Eu, são todas cuidadosamente consideradas nas suas interacções, dedicando-se adequada atenção às condições em que o movimento se processa.²⁴¹

E mais adiante prossegue em defesa do movimento, esclarecendo:

Por aqui se pode ver que o Neo-realismo não resiste a ser classificado de *escola* literária, porque não o é. Constitui-se como método de abordagem para a verdadeira inteligência do real, não pressupondo um *determinado* modo de escrita, nem pressupondo, como tanto se tem denegrido, um enfeudamento obrigatório a determinados temas, em especial temas de «miséria».²⁴²

Eduardo Prado Coelho afirma que “a expressão Neo-Realismo, a partir de 1972, deixou de apontar qualquer tendência estética corrente, e qualquer prática minimamente estrutural”²⁴³. Em 1974, com a “Revolução dos Cravos” e, alguns anos depois, a abertura do leste europeu, deixou de ter sentido o movimento com alguns dos pressupostos que defendia.

Questões tais como, para que serve a arte, qual o seu objecto, a sua relação, ou não, com a realidade, o papel do artista, a sua posição face aos objectos que são alvo de transformação no mundo sensível, a atitude objectiva ou subjectiva de criação, tornam-se por vezes insolúveis. No entanto, é nesse esforço de compreensão que os movimentos, os períodos, as épocas se renovam. As obras ultrapassam as realidades que as inspiram, contudo, ao longo dos séculos as questões de natureza humana, estão sempre presentes. E são estas que vão ocupar durante toda a vida e obra de Ferreira de Castro. Neo-Realista? Será esse o assunto que irá ocupar o ponto seguinte.

3. O Neo-Realismo e Ferreira de Castro

Na obra de Ferreira de Castro está patente o realismo social, presente nos seus dois primeiros êxitos: *Emigrantes* e *A Selva*. Ambos são fruto da dura experiência como emigrante. Neles, o autor denuncia a exploração desumana, a miséria que sofreu, tal como as personagens a que deu vida.

²⁴¹ Alexandre Pinheiro Torres, *op.cit.*, p. 35.

²⁴² *Idem, ibidem.*

²⁴³ Maria Luísa Álvares Pereira, *op.cit.*, p. 344.

Como afirma Bernard Émery, a obra vai reflectir a sua crença na evolução do homem, na sua transformação. A escrita vai ser uma forma de o ajudar a evoluir “qui éveillera sa réflexion et encouragera ses progrès. Pour l’écrivain, le rapport avec le public ne se situe pas seulement au niveau esthétique mais d’une manière beaucoup plus fondamentale à celui du message et de sa portée”.²⁴⁴

Os jovens Neo-Realistas leram Ferreira de Castro, Aquilino e Fialho, refere Garcez da Silva. Autores que iam “desvendando” e que “audaciosamente contrariavam a famigerada «política do espírito»”²⁴⁵ O mesmo autor comenta que Alves Redol tinha sido cativado por Fialho, e que nas leituras realizadas, em momento algum Ferreira de Castro é referido. No entanto, “era lido com muita curiosidade”²⁴⁶ pelo grupo pois na “obra de Ferreira de Castro já preponderava o interesse por valores de natureza humana e também se esboçava uma abordagem franca aos mais dolorosos desconcertos sociais.”²⁴⁷

Predispostos para a mudança, encontravam no autor resposta aos seus anseios de participar social e activamente. Juntamente com outros autores, Ferreira de Castro respondia já aos apelos de novas correntes humanistas, de pendor anarquizante: “Este facto levava, até, precipitadamente, a considerá-lo incurso no movimento neo-realista, quando não era mais do que um precursor deste movimento.”²⁴⁸

“Mas a tendência que aproximava Ferreira de Castro do novo movimento iria revelar-se, com maior clareza e reflexão”, nos romances *Eternidade* e *Emigrantes*, nos quais o escritor supera o “drama *individual*” das personagens Juvenal e Manuel da Bouça “para expressar um “drama *colectivo*” e formular uma problemática social em termos que o aproximam da nova corrente literária”²⁴⁹

Alexandre Pinheiro Torres procura clarificar, igualmente, a relação que o autor possa ter com o movimento:

O próprio Ferreira de Castro (1898-1974) ao publicar *Emigrantes*, em 1928, encontra-se bastante longe do verdadeiro ideal socialista o qual, para os neo-realistas é incompatível com quaisquer formas de compromisso com o Capitalismo ou com a ideologia ou os ideais Capitalistas²⁵⁰.

²⁴⁴ Bernard Émery, *op. cit.*, p. 48.

²⁴⁵ Garcez da Silva, *Alves Redol e o Grupo de Vila Franca*, Ed. Caminho, Lisboa, 1990, p. 107. Garcez da Silva pertenceu ao Grupo Neo-Realista não só como poeta, jornalista e contista mas também se dedicou às artes plásticas expondo aguarelas e desenhos.

²⁴⁶ *Idem, ibidem.*

²⁴⁷ *Idem, ibidem.*

²⁴⁸ *Idem, .*

²⁴⁹ *Idem*, p. 108.

²⁵⁰ *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, p. 31.

O facto de a personagem Manuel da Bouça ter, como único objectivo, ao emigrar, o de adquirir riqueza, com o intuito de comprar terras e por sua vez tornar-se capitalista e patrão, terá influenciado o grupo a não o considerar um deles. Muitos críticos, segundo o ensaísta, cometeram o “erro” de inserir a obra de Ferreira de Castro, na estética neo-realista, mas apenas o romance *Eternidade* se terá aproximado dos ideais do movimento.²⁵¹

A atitude de Juvenal ao aderir à causa dos trabalhadores que eram explorados na ilha da Madeira, poderá indiciar uma atitude de empenhamento social e político. Arriscando a sua própria liberdade, Juvenal empunha a bandeira de revolta, arrastado numa onda emocional, e não por uma consciência de classe operária, visto que o seu estatuto é bem outro. Os populares, no entanto, elegem-no pela fama de bondade, de compaixão, para com as gentes humildes. A sua consciência é muito mais humanitária do que socialista.

Em *Emigrantes*, no episódio da revolução, quando é confrontado por Fernandes sobre possibilidade de participarem, Manuel da Bouça recusa: “Fernandes já sabia que ele era precavido, voltado apenas para os interesses próprios – e não estranhou.”²⁵²

— Eu cá não tenho nada com isso! Sou português...
 — Qual português, qual história! Aqui não há portugueses nem brasileiros – o que há são homens! É por essas besteiras que nós vivemos assim. Ser português, ser italiano ou ser cá do Brasil, isso não tem importância. O que vale é ser proletário, é ser um homem.(...) Mas você quer ser burguês mesmo, como eles...”²⁵³

Em *A Selva*, Alberto, é anti-republicano, defensor das ideias monárquicas, daí o seu exílio em terras brasileiras. É um carácter individualista e burguês. Em Portugal, tinha combatido os apóstolos da democracia e os defensores da igualdade humana por isso despreza a tripulação do barco, que o leva à Amazónia, com quem tem de dividir o espaço e a razão.

A sua epiderme contraía-se sob a força do asco que o convés imundo lhe causava. Sentia-se inadaptado, estranho ali, quase inimigo das vidas que o cercavam, aparentemente alheias a tudo quanto não fosse imposições do corpo e aderindo, resignadas, a todas as contingências.²⁵⁴

²⁵¹ *Idem*, pp. 32 e 33: Apenas nestes dois ensaístas Ferreira de Castro foi referido com alguma ligação ao Grupo. E o resultado não foi de todo positivo como podemos verificar.

²⁵² Ferreira de Castro, *Emigrantes*, Guimarães Editores, Lisboa, 2001, p. 189.

²⁵³ *Idem*, p. 203.

²⁵⁴ Ferreira de Castro, *A Selva*, 39ª edição, Guimarães Editores, Lisboa, 2000, p. 38.

E questionava-se ainda: “Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com a sua ignorância, que tiravam à vida colectiva a beleza e a elevação que ela podia ter?”²⁵⁵ A selva viria a ser a escola, o seu aprendizado mais importante, fruto da experiência dura com os companheiros de infortúnio. Com eles vai aprender a sofrer e a compreender melhor o ser humano. A sua caminhada é, pois, no sentido de uma humanização pessoal e não de uma luta social conscienciosa.

Episódios como estes demonstram o alheamento do romancista quanto às questões políticas e ideológicas. O seu compromisso parecia ser em prol da Liberdade, da Humanidade e da Arte. Podemos ler nas entrelinhas a recusa em aderir a uma ideologia determinada no excerto que se segue:

*«Um Grande não é escravo de ideias: - joga-as: - Como um artista de circo sustenta em constante rodopio três ou quatro pequenas esferas. E quando as deixa paralisar perdem o equilíbrio. Assim o Pensador. Porque... quando uma ideia domina o Pensador ele deixou de ser pensador para ser escravo dessa ideia. O segredo consiste em dominá-las todas. E não ser dominado por nenhuma.»*²⁵⁶

O postulado de Ricardo Alves e António Amorim seria o de desmistificar essa relação partidária errónea, que se tem atribuído a Ferreira de Castro, pelo facto de o autor ter procurado nas suas obras tomar a defesa dos menos bafejados pela sorte, denunciando as injustiças de que são vítimas. Mas o que realmente importa neste autor “é o sentido profundo da obra”, que “é o precipitado de uma fusão muito íntima entre a vida e a criação literária, em que as ideologias, as doutrinas, e os sistemas filosóficos desempenham somente um papel instrumental.”²⁵⁷

O escritor, num jantar realizado em sua homenagem, esclarece, sem polémicas, o papel do escritor na sociedade e a sua atitude face à arte:

Um escritor que se negue a isso (ao seu papel socialmente interventivo) é evidente que está fora da sua época. Embora possa fazer obras maravilhosas e até muito duradouras, não cumpre aquilo que

²⁵⁵ *Idem*, p. 39.

²⁵⁶ Ferreira de Castro, “A anarquia é a fronteira da sociologia contemporânea” in António Amorim, ... *redescobrir Ferreira de Castro*, Edições Caima Press, Oliveira de Azeméis, 2001, p. 42.

²⁵⁷ *Idem*, *ibidem*.

me parece ser o dever dum escritor, que é colaborar com os seus contemporâneos, no sentido de uma melhoria material e moral do ser humano, presentemente e no futuro.²⁵⁸

Constatamos, pois, que o verdadeiro projecto de Ferreira de Castro, nas suas obras, consiste na busca do progresso material e moral da humanidade. A literatura terá uma função moralizadora de que o artista não se pode descartar. Sabemos pela sua biografia que o esforço foi violento nesse sentido, daí a necessidade da busca no desempenho desse papel messiânico que lhe estava destinado desde a primeira viagem. Sem ela, a sua obra não teria emergido.

Para além da atitude não-ideológica toma uma posição estética, que se traduz em duas posições: se por um lado a “Arte sempre se bastou a si mesma em potencialidade estética” por outro serve («sempre serviu») «também para o homem nas suas ideias e sentimentos.»²⁵⁹ Mas estas duas atitudes não são antagónicas – complementam-se. A arte é mas «também» *serve*.

«Há que explicar o homem ao homem, os seus anseios, a sua ânsia de justiça. E há que ensinar os homens a respeitarem-se uns aos outros , a amarem-se uns aos outros, em vez de se matarem uns aos outros. A literatura tem neste campo, um vastíssimo papel a desempenhar, um dos papéis de maior importância do nosso tempo.»²⁶⁰

Em momento algum da sua vida artística, podemos encontrar o autor associado a qualquer escola ou movimento, “refractário a dogmas e a cânones”²⁶¹, defendeu sempre, e acima de tudo, a sua independência em todos os aspectos, políticos, culturais e profissionais: “a liberdade, mesmo com desigualdades sociais, era para o escritor um valor inquestionável”.²⁶²

O jornalismo que praticou durante alguns anos, quer no Brasil quer em Portugal, tendo sido, inclusive, director de alguns jornais, disseminou um conjunto de textos ainda por analisar. No trajecto ensaístico, teve sempre no seu horizonte a veracidade da palavra, livre de amarras.²⁶³ Quando isso não foi mais possível o autor, fiel aos valores de liberdade e de

²⁵⁸ *Idem*, p. 102.

²⁵⁹ *Idem*, p. 103.

²⁶⁰ *Idem*, p. 104.

²⁶¹ *Idem*, p. 103.

²⁶² Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 43.

²⁶³ *Idem*, p. 45. Num dos periódicos de que foi director, *O Luso*, de 17 de Maio de 1920, Ferreira de Castro assina um artigo intitulado “A «Santa Inquisição» - *O Luso* continua a ir à censura” (observe-se o título sugestivo). Fotocópia da primeira página de *O Luso*, Museu do Neo-Realismo em Sintra. Exposição permanente. Este foi o primeiro jornal que o autor dirigiu após a sua chegada a Portugal.

verdade, abandona a profissão. A sua saída do jornal *O Século*, em 1934, estará na base da actividade premente da censura.

A obra romanesca igualmente se ressentiu dessa situação. O romance *A Tempestade* (1940) viria a lume como consequência da sua recusa em desafiar os poderes instituídos:

«É uma dessas obras que se fazem quase com raiva para a própria obra, por não ser aquela que desejamos fazer. *A Tempestade* dá ideia da influência que a falta de liberdade de expressão exerce na literatura. Quem ler os meus outros romances mal me reconhecerá neste. Tudo quanto constitui a minha personalidade está ali, forçado, ou melhor, desfigurado.»²⁶⁴

O romance *A Tempestade* foi escrito depois de abandonar na gaveta o romance, que lhe ocuparia dois anos e meio e que inaugurava o projecto da saga *Biografia do Século XX – O Intervalo*:

Concluí assim o primeiro romance da prol anunciada. Mas, entretanto o Mundo enchera-se de dificuldades, que se reflectiram no meu labor literário, na livre expressão do meu pensamento. Interrompi, por isso, o ciclo novelesco que eu havia imaginado, pus de banda o pobre romanceco²⁶⁵ já escrito, e, de desgostoso, abandonei a minha pena de romancista. Fiz livros de viagens. Retomei-a, agora, melancolicamente, e, usando a sua própria terminologia, meti-me a executar esta espécie de «laparatomia exploradora» nas sombras de uma alma mui vulgar, despretensioso trabalho que entrego à sua indulgência.²⁶⁶

Está evidente nestas palavras o desânimo do autor face à continuidade da sua criação literária. Terá estado na sua origem o trabalho incessante e minucioso do “lápis azul”, cuja actividade funcionou, inclusive, num artigo que o autor escreveu sobre o Ti Zé Moleiro a publicar no jornal *O Século*. Ferreira de Castro nunca compreendeu porque a pacata vida deste ídolo da sua infância poderia ser um elemento perturbador da ordem estabelecida: “Talvez uma frase mal joeirada, já que o solitário homem da azenha, falho de imaginação, temente e Deus e às autoridades, ao abade e ao regedor, aceitava como totalmente normal e justo o mundo em que ele e os outros residiam.”²⁶⁷

Para além deste jornal foi também director das revistas *A Hora* (1922), *Civilização* (1930). Dirigiu também o jornal *O Diabo* (1935). Foi ainda colaborador de *A Batalha* e de *O Século*, da revista *ABC*.

²⁶⁴ Ferreira de Castro, *Guia da Exposição*, Museu Ferreira de Castro, 2003, pp 27 e 28.

²⁶⁵ Ricardo António Alves, *op.cit.* p. 45. Este “romanceco” denomina o romance *O Intervalo*. Foi editado postumamente em *Os Fragmentos* (1974).

²⁶⁶ Ferreira de Castro, Pórtico de *A Tempestade*, 10ª Edição, Guimarães & C.ª Editores, 1980, p.15.

²⁶⁷ Ferreira de Castro. “A Aldeia Nativa”, in *Os Fragmentos*, 2ª Edição, Guimarães & C.ª Editores, Lisboa, s/d, p. 49.

Todos os bichos, inclusive os vermes, é sabido, amam através de tudo a liberdade; e o homem mais do que qualquer outro animal, por ser o único que dela tem consciência. Uma consciência que lhe cresce à medida que lhe mingua a independência dos seus movimentos.²⁶⁸

Ferreira de Castro acaba por abandonar o jornalismo em 1935, temente da utilização das palavras “receosas”, pois as “palavras autenticamente significativas já não se aventuravam a circular na coutada de tantos espinheiros, bocas de fogo e armadilhas”. Perante o amordaçamento da mais elevada forma de expressão de liberdade – a palavra –, o romancista pende os braços e procura a viagem como forma de compensação.

Assim finalizava o autor uma etapa da sua carreira. Como romancista retomá-la-ia mais tarde num período em que os poderes políticos abrandaram por instantes a repressão, com o romance *A Lã e a Neve*, cuja escrita começou em 1945.

Uma das obras, que melhor clarifica a posição de Ferreira de Castro face à inclusão do autor na estética em causa, foi escrita por Ricardo António Alves já citada neste estudo: *Anarquismo e Neo-Realismo - Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*. “Encruzilhadas” que obrigam à escolha de caminhos e que o autor do estudo procura desvendar, para melhor conhecer esta faceta do romancista: “direi que toda a obra de Ferreira de Castro está embebida do tónus fertilizante das ideias libertárias”²⁶⁹. Aderiu ao anarquismo,²⁷⁰ a forma que melhor traduzia a sua atitude política. Este seria o resultado de um

inconformismo perante uma organização social injusta que está na origem duma maioria de deserdados que, então como agora, vivem nas margens do sistema. Para Ferreira de Castro, no entanto, os homens não são – não podem ser – uma massa que se conduza como um rebanho, mas indivíduos com realidades específicas e detentores de uma dignidade que lhes advém da sua condição humana – que nunca poderá estar desligada da liberdade, (...)”²⁷¹

Torna-se significativo o abandono do autor num período em que vinha a lume o movimento neo-realista, ainda em embrião. Recordemos as datas-chave da emergência do

²⁶⁸ *Idem*, p. 42.

²⁶⁹ Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 16.

²⁷⁰ *Idem*, p. 111: “A ética anarquista afirma a liberdade como valor supremo e a correspondente dignidade do indivíduo, rejeitando qualquer forma de opressão, formal ou informal: o poder tentacular do estado exercido sobre as comunidades e cada um dos seus membros, poder que rege, dirige, regula, numera, normaliza e manipula; e, outrossim, a uniformização totalitária dos modos de pensar e agir.”

²⁷¹ *Idem*, p. 17.

movimento: a palestra em 1936 e a publicação de *Gaibéus* em 1939. Em ambas as datas, Ferreira de Castro encontrava-se completamente afastado da actividade jornalística e ficcionista, embrenhado em conhecer o mundo e dar testemunho das suas viagens. Afastado também das discussões estéticas e ideológicas em torno do movimento, que os *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português* comprovam.²⁷²

É contudo evidente a similitude de alguns temas, como sejam a questão da denúncia perante as injustiças, a exploração do ser humano, a alienação ou a exposição do feio na literatura. A este propósito Ferreira de Castro esclareceu: «A literatura exótica, muitas vezes bela como arte, tem sido quase sempre falsa como documento»²⁷³

Outro tema de vulto comum à estética e ao escritor é a emigração. Efectivamente o Neo-Realismo, continuou a resgatar “a imagem do emigrante, aviltada no passado, especialmente pelo romantismo, dando-lhe estatuto épico e dramático.” Alguns dos escritores do movimento foram também eles “emigrantes forçados a enfrentar a aventura da partida para um mundo desconhecido em condições dramáticas”²⁷⁴.

Sofreram, portanto, na pele, o ruir do sonho que a miragem do *Eldorado* tinha significado para eles, e conseguiram transmitir para o papel “o viver, o sentir, o sofrer e até o morrer dos que se foram da pátria, em dispersão pelo mundo em busca do reino solar da liberdade, da fartura, mantendo viva, quase sempre, a perspectiva alegre do regresso.”²⁷⁵

Emigrantes e *A Selva* surgem como as primeiras obras de fôlego em que é postergada a denúncia, não só à emigração mas também da “organização social iníqua” que em qualquer país se pratica, quer seja na pátria quer no país de destino. Em ambas, os homens deixam de ser livres, cobradores da força do trabalho, para passarem a ser escravos.²⁷⁶

Quanto à problemática equívoca em redor da inclusão de Ferreira de Castro, mesmo que como precursor do movimento Neo-Realista, há que reflectir o seguinte: tendo a estética como pressuposto o realismo socialista e soviético, como poderia o autor, não sendo marxista, aderir aos seus pressupostos políticos²⁷⁷. Quanto ao facto de ser precursor há que considerar que se torna “bizarro ter antecipado na estética uma via discordante da sua própria

²⁷² Maria Alzira Seixo (Direcção de), *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*, Seara Nova, Editorial Comunicação, Lisboa 1981.

²⁷³ Ferreira de Castro, in Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 48. A literatura como “documento” poder-nos-á remeter para a teoria de Alves Redol.

²⁷⁴ Cláudio Aguiar e Paiva, José Rodrigues. *Literatura e Emigração*, Ed. Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, Recife, 2001, p. 25.

²⁷⁵ *Idem*, p. 25. Alves Redol e José Rodrigues Miguéis são dois exemplos flagrantes.

²⁷⁶ Cf. Ricardo António Alves, *op.cit.*, pp. 52, 53 e 54.

²⁷⁷ Cf. *Idem*, p. 74

ideologia, tanto mais que quem abre caminhos, trilha-os forçosamente, mesmo que depois acabe por se afastar deles – o que não foi o caso.”²⁷⁸

Ferreira de Castro não ficou de modo algum insensível ao aparecimento da nova geração, bem pelo contrário, aliás acompanhou “com atenção e sincero interesse e regozijo o despontar dos neo-realistas, referindo-se-lhes em 1940, em entrevista a *O Diabo*”²⁷⁹. Nas suas palavras é evidente o aplauso aos jovens de Vila Franca, tal como aplaudira a ousadia dos “modernistas” anos antes:

— Portugal tem, actualmente, uma nova geração brilhantíssima, inquieta, ansiosa de cultura e de ver todos os problemas de frente. Penso que dentro de muito poucos anos essa geração ter-nos-á dado uma série de obras notáveis e notáveis são já algumas das que têm aparecido nos últimos tempos.²⁸⁰

Resta-nos concluir esta questão com algumas palavras de Mário Dionísio, seguramente uma das maiores autoridades teóricas do movimento, que reconhece que é a “ele que os neo-realistas têm de agradecer para sempre o desbravar da rota”²⁸¹, contudo, e embora possa haver uma obra ou outra que tenha rasgos da estética, “Ferreira de Castro não é um neo-realista. O seu conceito do mundo e da vida e, conseqüentemente, do romance não é o mesmo que informa, indispensavelmente, a visão do mundo, da vida, do romance, dum neo-realista.”²⁸²

Quaisquer que sejam as pretensões dos Neo-Realistas, não convém esquecer que a mensagem de Ferreira de Castro, no desejo de transformar o mundo através da arte, lhes é anterior. Precursor é, sem dúvida, nessa tentativa de humanizar a literatura, a solo, o que é mais difícil. O seu *engagement* tinha como base a compreensão e o amor pela humanidade:

Nós que conhecemos o drama da nossa espécie, devemos amar os homens pelas suas próprias dores e esforçamo-nos para a criação de um mundo onde, suprimidas as injustiças que os separam, todos os homens se possam amar uns aos outros. Para isso é preciso ir cada vez mais longe... (...)

²⁷⁸ *Idem, ibidem*: Julgamos ser esta mais uma opinião clarificadora da relação que Ferreira de Castro poderia ter com a estética. A questão poderia fazer correr rios de tinta, mas apenas o autor poderia rematar o seu desfecho. Como afirma o estudioso do escritor “Hoje não se justifica continuarmos essa abordagem duma forma que não seja totalmente livre e isenta de um «pensamento único».” E já sabemos o que o romancista pensa sobre esse assunto.

²⁷⁹ *Idem*, p. 102

²⁸⁰ Ferreira de Castro, in Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 102.

²⁸¹ Mário Dionísio in Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 76

²⁸² *Idem*, p. 76. Mário Dionísio era aquele que tinha ideias mais claras sobre os pressupostos que conduziam a estética.

*Nós devemos amar os homens.*²⁸³

Para Bernard Émery, a mensagem de Ferreira de Castro é baseada numa “utopia humanista, antropocentrista e até mesmo antropolátrica”²⁸⁴ cuja “motivação” é sustentada pela esperança: “esperança num mundo melhor, esperança no progresso ao mesmo tempo material e moral, esperança sempre renovada no futuro, afinal esperança em si, esperança ontológica, esperança sisífica...”²⁸⁵. Será esta “esperança”, que vai ocupar “um lugar destacado, propriamente fundamental, para entender a obra e o homem.”²⁸⁶

O movimento Neo-Realista soçobrou logo após o 25 de Abril, enquanto que o “fôlego humanista dos seus livros de consagração, mantém hoje a sua mais radical actualidade”.²⁸⁷

²⁸³ Ferreira de Castro, *A Curva da Estrada*, 12ª edição, Guimarães Editores, Lisboa, 2002, pp. 266 e 267.

²⁸⁴ Bernard Émery, *op. cit.*, p. 95.

²⁸⁵ *Idem*, pp. 89 e 90.

²⁸⁶ *Idem*, p. 90.

²⁸⁷ Óscar Lopes, in Eurico de Andrade Alves, *Ferreira de Castro – sonho de uma Humanidade*, No Centenário do seu Nascimento 1898-1998, Associação de Amigos de Ferreira de Castro, Ossela - Oliveira de Azeméis, 1998, p.135.

Penélope

Ulisses desterrado
No mar da vida,
Digo o teu nome e encho a solidão.
Mas pergunto depois ao coração
Por quanto tempo poderás ainda
Tecer e destecer a teia da saudade
Vê se não desesperas
E me esperas
Até que eu volte, e à sombra da velhice
Te conte, envergonhado,
As indignas façanhas
Que cometi
Na pele do semideus que nunca fui...
Sê tu divina, de verdade, aí
Nessa ilha de esperança,
Fiel ao nosso amor
De humanas criaturas.
Faz que seja bonito
O mito
Das minhas aventuras.

Miguel Torga

IV Capítulo

O romance *Emigrantes* como testemunho

*Os Homens transitam de Norte para o Sul,
de Leste para Oeste, de país para país,
em busca de pão e de um futuro melhor.*

Ferreira de Castro

1. Intróito

Ferreira de Castro negou durante cinco anos o “realismo humanamente vivo, que transbordava” da sua “própria existência”, pois o autor estava convicto de que este seria um estilo “demasiado fácil”. Parecia-lhe que “só uma arte difícil incessantemente procurada”²⁸⁸ poderia responder às suas exigências e exprimir a necessidade avassaladora de contar as suas experiências, a um tempo opressoras e libertadoras, o seu “Calvário” e o seu “Paraíso”.²⁸⁹

Assim nasce em 1928, *Emigrantes* e em 1930 *A Selva*, apesar de reconhecer que o realismo não “era um oceano tão fácil de navegar”, como lhe havia parecido inicialmente.²⁹⁰ O embrião destas duas obras, *Criminoso por Ambição*, surge como a primeira tentativa ingénua de representar o tema em causa – a emigração: “A história de Simão, o herói deste romance, a de Manuel da Bouça ou de Alberto representam afinal a emigração dos pobres, menos gloriosa que a dos ilustres antepassados, mas nem por isso menos importante, numa perspectiva diacrónica, e aliás sincrónica.”²⁹¹ Todas estas personagens são detentoras de um “ulissismo”²⁹² característico dos portugueses e que se traduz “na capacidade que este povo tem de se deslocar, viajar ou emigrar com grande facilidade”²⁹³, refere Bernard Émery.

Giuseppe Carlo Rossi afirma que o que caracteriza a eficácia de uma obra artística é a prova do tempo e do espaço. A “satisfação estética” continua a ser um factor preponderante nas sucessivas edições, quer em língua portuguesa quer em língua estrangeira. O romance

²⁸⁸ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, Posfácio do Autor na edição comemorativa de 1966, Portugalia Editora, p. 298.

²⁸⁹ Cf. Ferreira de Castro, “Pequena História de «A Selva»”, in *A Selva*, Guimarães Editores, Lisboa, 39ª Edição, 2000, p. 17 e 19.

²⁹⁰ Cf. Ferreira de Castro, *Emigrantes*, Posfácio, p. 299.

²⁹¹ Bernard Émery, *op.cit.*, p. 105.

²⁹² *Idem*, p. 113: A palavra foi utilizada por Gilberto Freyre e é “duplamente feliz, na medida em que ela contém, através do mito antigo, conotações de cultura considerada como superior, ao mesmo tempo que de gosto pela viagem, aventura e descoberta.”

²⁹³ *Idem*, *op.cit.*, p. 112.

Emigrantes, a obra em destaque, tem tido ambas as projecções²⁹⁴. Porquê o atractivo dos leitores perante “um tipo de romance antigo e conservador”? A resposta advém do “encanto exercido pela capacidade, a facilidade, a força natural de narrar de Ferreira de Castro, pela sua destreza consumada, e ao mesmo tempo primitiva, no reunir os elementos da narração”²⁹⁵.

Com ele inaugurou uma nova concepção do romance em Portugal, libertando-o da imagem regionalista que envolvia as personagens de condição simples. Nelas o próprio autor assume-se como “biógrafo «das personagens que não têm lugar no mundo» - nem na História”.²⁹⁶

O título da obra é sugestivo: o vocábulo “emigrantes”, tal como o viria a ser “gaibéus” dez anos mais tarde, sublinhado pela ausência do artigo, destaca as personagens, e abrange não só os emigrantes portugueses, como também todos aqueles “que continuam a transitar com uma pátria no passaporte, mas em realidade, sem pátria alguma”²⁹⁷, incluindo, deste modo, os emigrantes da Europa, de todos os continentes e de todos os tempos. A palavra alarga, assim, o seu âmbito espacio-temporal.

A análise do texto decorrerá salientando aspectos já explanados no I Capítulo, aquando da reflexão sobre a migração em geral, e processar-se-á, na sequência de diversos planos complementares: o narrativo, onde se irá definir o estatuto da entidade narrativa; o das personagens e a sua função na diegese; o da acção, que se consubstancia na viagem e todas as suas condicionantes; o espacial, de onde procedem os espaços físico, psicológico e mítico; e, por fim, o temporal da sequência narrativa.

Veremos ainda em que medida a semântica do texto contribui para impulsionar ou reter a acção das personagens, e em que medida as descrições, de pendor ora realista ora poético, contribuem para a dinâmica da narrativa, particularmente o tópico da paisagem humanizada que o narrador magistralmente introduz.

Se *Emigrantes* foi a estreia que lançaria o novo tipo de romance, *A Selva*, obra lançada dois anos após, tornou-se na sua consagração de uma vida dedicada à literatura, em que o tópico principal seria a denúncia do “drama dos homens perante as injustiças de outros

²⁹⁴ Cf. Giuseppe Carlo Rossi, “Opiniões Críticas” in *Obras Completas de Ferreira de Castro*, Lello editores, p.265. Nota: Giuseppe Carlo Rossi Professor universitário, ensaísta e crítico literário italiano.

²⁹⁵ *Idem*, p. 266 e 267.

²⁹⁶ Cf. Ricardo António Alves, *op.cit.*, p. 52 e 53.

²⁹⁷ Ferreira de Castro, Pórtico, *Emigrantes*, 25ª Edição, Guimarães Editores, Lisboa,. p. 11.

homens”. *Emigrantes* seria apenas “uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor de que nenhum livro consegue dar senão uma pálida sugestão”, constata o autor.²⁹⁸

Pálido esboço será aquele que irá ser delineado neste capítulo, porque, no romance em estudo, existe um manancial de elementos a explorar, não só para a literatura, mas para todas as áreas disciplinares. Nele “l’être humain éprouve le besoin de parler, de «meubler le silence» afin d’égourdir la peur ou conjurer la mort”.²⁹⁹

2. A Narração

No plano diegético, a instância narrativa do romance *Emigrantes* processa-se a dois níveis: um primeiro nível extradiegético, onde é narrada a história de Manuel da Bouça, e um segundo nível intradiegético, onde são incluídos relatos que, de algum modo, se relacionam com o protagonista. O procedimento por encaixe processa-se ao longo de toda a narrativa central. Os relatos mantêm uma relação de subordinação³⁰⁰, visto que servem a mesma temática do romance: “Il s’agit du “métarécit”³⁰¹, du récit dans le récit, de récits encadrés ou enchassés”³⁰². Os encaixes têm como finalidade esclarecer determinadas situações, justificar atitudes das personagens e acelerar ou retardar o desenlace.

Quanto à relação que o narrador estabelece com a história, temos, no primeiro nível, um narrador heterodiegético e, no segundo nível, uma instância narrativa homodiegética³⁰³, disseminando-se por diversas “vozes”, particularmente de personagens “planas”. O narrador adopta, deste modo, quanto ao seu estatuto, diferentes papéis, permitindo alargar o campo de visão do leitor na comunicação literária. Assim temos uma instância narrativa extra-heterodiegética, e uma instância narrativa intra-homodiegética³⁰⁴.

²⁹⁸ Cf. Ferreira de Castro, *op. cit.*, p. 21.

²⁹⁹ Roland Bourneuf et Réal Ouellet, *L’Univers du roman*, presses Universitaires de France, 1975, p. 19.

³⁰⁰ Cf. Mieke Bal. *Narratologie- Les Instances du Récit*. Éditions Klincksieck, Paris, 1977: “le terme d’enchâssement soit employé pour toute oeuvre où il y a récit dans le récit, je voudrais proposer, pour la clarté de l’analyse, de le réserver aux oeuvres, où il y a une double subordination (...). Si la subordination ne se réalise que sur l’un des plans, je propose d’utiliser le terme d’encadrement (...) »

³⁰¹ Cf. *Idem*, p. 35. Mieke Bal prefere as designações « hypo- : hypo-récit, hypo-diégétique ».

³⁰² *Idem*, p. 24.

³⁰³ *Idem*, p. 25 : « Le narrateur présent dans la diégèse qu’il raconte est *homodiegétique*, le narrateur absent (invisible) ou racontant à un niveau supérieur un récit dont il est lui-même absent, est *hétérodiégétique* ».

³⁰⁴ Cf. *Idem*, p. 34: O narrador de primeiro nível predomina em *Emigrantes*. Mas este narrador apesar de ser “le type le plus fréquent, le narrateur «invisible», a beau ne pas laisser de traces de son acte d’énonciation, il est quand même bel et bien sujet de la narration. Dans ce sens, il est aussi présent que l’autre – même invisible. » A atestá-lo temos as intromissões do narrador.

As cartas que se vão apresentando ao longo da narrativa, de Manuel da Bouça a Amélia e desta ao marido, assim como a carta de Deolinda ao pai, comunicando-lhe a morte da mãe, formam também pequenos relatos em primeira pessoa dando voz a um narrador intra-homodiegético³⁰⁵. É através delas que o protagonista e o leitor obtêm informações sobre o que se passa em Portugal. As cartas de Amélia e de Deolinda são um exemplo elucidativo.

*Em primeiro lugar desejo que passes bem, que eu há mais de 15 dias estou doente sem me poder levantar da cama. (...) Não te preveni antes para não te afligir e porque pensei que isto era coisa que passava de um dia para o outro. Mas ontem estiveram na Bouça uns homens de Oliveira, parece que da justiça, e depois vieram cá dizer-me que as nossas courelas já eram do Carrazedas, porque tu não pagaste o combinado.*³⁰⁶

*A minha rica mãezinha morreu ontem e foi hoje a enterrar, depois de ter penado muitos dias. Não fazia outra coisa senão falar de si e até a hora da morte disse que o seu maior desgosto era ir deste mundo sem o tornar a ver.*³⁰⁷

Estas narrativas estabelecem uma relação de subordinação na medida em que a sua importância na acção serve para desencadear reacções no protagonista.

A nossa reacção perante a história de Manuel da Bouça e dos seus infortunados companheiros, emigrantes como ele, é perguntar: “Que significam estas vidas?”³⁰⁸. O narrador heterodiegético³⁰⁹, entidade responsável pela narração de primeiro nível, cuja perspectiva narrativa varia entre a focalização omnisciente, externa e interna³¹⁰, não nos elucidada.

O narrador extra-heterodiegético transfere, frequentemente, a palavra para a personagem através do discurso indirecto livre onde narrador e personagem se tornam tão

³⁰⁵ *Idem*, p. 25, « ...le narrateur en tant qu'instance, (...) présent dans la diégèse qu'il raconte est homodiegétique, le narrateur absent (invisible) ou racontant à un niveau supérieur un récit dont il est lui-même absent, est hétérodiegétique.

³⁰⁶ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 179. As cartas destacam-se formalmente da narrativa primeira pelo *italico*. Ver ainda páginas 134, 154).

³⁰⁷ *Idem*, p. 192.

³⁰⁸ Wayne C. Booth, *op.cit.*, p. 141.

³⁰⁹ “A expressão narrador heterodiegético, introduzida no domínio da narratologia por Genette (1972:251), designa uma particular relação narrativa: aquela em que o narrador relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão.” Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 5ª edição, Almedina, Coimbra, 1996, p. 262.

³¹⁰ “A focalização (...) será externa se o narrador descreve a acção de forma objectiva, ignorando o universo interior das personagens, e será omnisciente se o narrador excede o conhecimento meramente externo dos acontecimentos e mesmo a perspectiva das personagens.” A.A.V. *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, p. 188.

próximos que parecem “falar em uníssono”³¹¹. Obtemos assim “visões interiores” do protagonista que “diferem quanto à profundidade e eixo de mergulho”³¹². No caso de Manuel da Bouça elas transformam-se no seu próprio drama conflitual, pelo facto de, a sua decisão de abandonar o país e a sua terra natal, ter trazido consequências trágicas que não tinha previsto: “o que é dramatizado é o seu registo mental de tudo o que lhe acontece. Vemos o seu consciente a trabalhar sobre o mundo”³¹³, apesar de este ser muito limitado. Tão limitado que ele acaba por culpar a “sorte” de tudo o que lhe acontece:

Para o lado da Ponte Nova o renque sombrio dos pinheiros; lá em baixo, nas faldas da Felgueira, a igreja velha com o seu campanário, já sem sinos – e depois... depois ... os campos do Esteves, frescos, verdinhos, estendidos ao longo do Caima, os campos que ele sonhara adquirir, que ambicionava, que viera conquistar ao Brasil! «Ainda estariam por vender? Como é que ele poderia comprá-los? Tudo perdido! Não arranjava nada até agora, já não arranjava nada. Não tinha sorte...»³¹⁴

O narrador acompanha a personagem. Sabemos apenas as vivências da personagem, e o seu limitado mundo, ou aquilo que as outras personagens lhe contam. Quanto à natureza da função da instância enunciativa, Garcia Jimenez classifica-a como “*perspectiva fija* «orientada» por un actor/personaje” a qual “denomina *omniscincia selectiva*”³¹⁵. Apenas duas cenas se passam longe da presença da personagem: o almoço em casa do Nunes onde se dá o encontro com o Borges, o jornalista, e o jantar da inauguração da agência. Neste caso e quanto à “profundidade perceptiva” podemos falar de “*percepción externa ilimitada*”, em que obtemos um “conocimiento cabal y omnicompreensivo de los aspectos visibles y sensibles de la historia (propia del narrador heterodiegético: omniscincia externa)”³¹⁶.

Estes dois episódios, que correspondem a dois capítulos, não foram colocados por acaso. Eles são denunciadores da actividade do engajador. O leitor percepção no comportamento e nas falas das personagens uma grande ironia. No primeiro episódio, por exemplo, denuncia-se o negócio entre o dono da agência de viagens e o responsável pelos empréstimos, o Carrazedas. O diálogo que o Nunes mantém com a mulher é esclarecedor.

³¹¹ Cf. Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 13ª edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1997, p. 635: O discurso indirecto livre é largamente utilizado no romance moderno, o que comprova a modernidade e contemporaneidade da obra em estudo.

³¹² Wayne C. Booth, *op.cit.*, p. 177.

³¹³ *Idem*, p. 176.

³¹⁴ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 180 e 181.

³¹⁵ Garcia Jimenez, *La imagen Narrativa* Editorial Paraninfo, Madrid, 1995, p. 31.

³¹⁶ *Idem*, p. 30.

Tão radiante era a expressão do Nunes, que a D. Clementina, estranhando-a, observou:

_ Estás, hoje, muito satisfeito...

_ Não há que andar triste, graças a Deus. O negócio volta a animar-se.

_ Tiveste hoje muita gente?

_ Um só. Mas, com este, já são oito esta semana.

_ E isso tudo é por causa dos tais planos?

_ Não, mulher! Isso é na nova agência. Esta fartura, aqui, de indivíduos que querem passaportes, é devida ao Carrazedas. Como lhe convém as hipotecas, vai entusiasmando os homens com o Brasil e com a América. Eu finjo, é claro, que não compreendo, mas a mim não me engana ele. Os meus planos são maiores...

O leitor apreende pelos diálogos toda a trama que se desenrola por detrás da exploração dos ingénuos camponeses.

Efectivamente, os planos do dono da agência são “maiores”: a manipulação da imprensa da qual é representante o Borges; e o jantar da inauguração da agência, onde a adulação e a promessa de votos “compram” o apoio político. O episódio é um exemplo dos três discursos indirecto, directo e indirecto livre, obtendo este último a primazia. Nele são denunciados os interesses políticos associados aos interesses económicos, o vazio da retórica balofa, as falsas promessas e mesmo as infra-estruturas do país são alvo de crítica:

_ A propósito doutor... Essa estrada? Essa estrada da Gandra? Sabe que, há pouco ainda, quase fui cuspidado do automóvel? Tem buracos onde cabe um boi! _ disse o Nunes.

_ Está-se a tratar disso. Está-se a tratar disso.

_ O doutor, com as suas influências em Aveiro, pode, se quiser...

Arruda ensaiou um gesto de modéstia:

_ Não é tanto assim...³¹⁷

(...)

_ Excelentíssimos senhores Evaristo Nunes e Serafim Costa, meus ilustres amigos e grandes patriotas...

E começaram a passar todas as frases da *Arte de bem falar em público*, que ele havia lido há anos e que podiam ser adequadas ao instante.³¹⁸

No discurso “copiado” da “arte de bem falar”, a fala da personagem confunde-se com a do narrador:

³¹⁷ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 55.

³¹⁸ *Idem*, p. 56.

Congratulava-se, nesse momento solene, pela inauguração da nova agência. Como bem dissera o senhor doutor Arruda, aquilo representava um grande melhoramento para vale de Cambra. Quando, se fizesse justiça àquela região e os turistas nacionais e estrangeiros para lá encaminhassem a sua curiosidade, ao ver aquele escritório tão moderno, compreenderiam que não estavam numa terra indiferente à formidável obra da civilização.³¹⁹

O discurso prossegue, agora bajulador, sobre o trabalho do Nunes. Não podemos omitir esse excerto, apesar de longo, dado que ele toca o ponto sensível do assunto que este trabalho foca. A ironia é por demais evidente:

Nunes era um grande patriota, na acepção mais pura da palavra. Sendo filho de outro concelho, não hesitara em dotar Vale de Cambra com uma obra daquela natureza. Iniciava-se, é certo, principalmente nas cidades, uma grande campanha contra a emigração. Ele devia confessar que essa campanha, em parte, tinha razão de ser e merecia o seu aplauso. Pensava que era necessário terminar com os abusos dos empregadores e agentes desonestos, mas, ao mesmo tempo, era preciso estimular homens da envergadura moral de Evaristo Nunes. Porque a verdade é que uma emigração feita conscienciosa e e inteligentemente só podia ser útil ao país. Tudo quanto de grande tinham as províncias de Portugal – e ele conhecia-as bem – era devido aos emigrantes que haviam enriquecido lá fora. Eram eles, que partiam pobres e regressavam ricos, que mandavam construir hospitais, troços de estrada, igrejas, chafarizes, melhoramentos públicos de toda a ordem. Se esses homens não tivessem saído da terra, jamais poderiam dar a esta benefícios e orgulho!³²⁰

Não só a ironia é traduzida neste discurso, existem verdades subjacentes que denunciam o atraso sócio-económico do país, atraso esse que se sustém das remessas dos emigrantes.

A resposta do Nunes só poderia ser concomitante com a postura discursiva do político. Mantém-se o mesmo registo discursivo anterior:

Respondendo à última parte do discurso do administrador, afirmou que todos podiam estar descansados. Ele defendia a emigração, porque ela constituía o maior caudal de oiro que entrava no país. Mas jamais perdoara àqueles que exploravam os emigrantes. Agentes de passagens e passaportes há muitos anos, podia vangloriar-se de ter as mãos limpas. E este passado respondia

³¹⁹ *Idem*, p. 55. Não podemos deixar de estranhar que o “lápiz azul” não tenha reparado a ironia, tocando mesmo o sarcasmo, em que a classe política é visada neste capítulo da obra. O leitor facilmente realiza uma leitura crítica tendo em conta as informações que a leitura já lhe facultou.

³²⁰ *Idem*, p. 56.

pelo seu futuro. O único orgulho da sua vida era ser um homem honesto e – porque não dizê-lo? – um sincero, um desinteressado patriota!³²¹

Estamos na posse de todos os elementos para perceber a hipocrisia das palavras do locutor que se vai complementar no desfecho, quando Deolinda informa o pai da situação económica do Nunes e dos crimes de corrupção de que era acusado.

O encaixe destes dois episódios na narrativa tem por objectivo não só denunciar mas também informar sobre os incentivos que os agentes relacionados com o tema da emigração. A propaganda sempre foi uma forma eficaz de atrair emigrantes para povoar essa longa extensão de terra que era o Brasil. A “concessão de lotes em núcleos coloniais oficiais exerceu uma apreciável atracção à imigração de agricultores europeus. E essa atracção foi considerável quando houve o financiamento do transporte marítimo do imigrante que se destinava às colónias fundadas pelo Governo Federal.”³²² Verificou-se que o aumento de imigrantes no Brasil foi proporcional aos apoios concedidos. Assim entre 1911 e 1913 foi registado o maior número de entrada de imigrantes vindos da Europa, número que decresceu vertiginosamente durante a 1ª Grande Guerra, mas que recomençaria a aumentar após o seu fim.³²³

Oliveira Lima aborda o papel desempenhado pela propaganda, afirmando que “os próprios almanaques publicavam descrições e vistas do Brasil e de outros países do novo mundo hispano-português”³²⁴, como forma de atrair os imigrantes. Os panfletos a que o nosso narrador teve acesso já tinham lugar no início do século XIX, imaginando este autor, que D. Pedro I se ufanava perante a inveja que deveria suscitar “à alma ambiciosa e plebéia de Napoleão” folhear “aquelas magníficas ilustrações”³²⁵.

Os engajadores desempenhavam também um importante papel como intermediários, para além de serem tenazes motivadores do fenómeno. Para Alexandre Herculano estes eram *personnae non gratae* que apenas se aproveitavam da ingenuidade e ignorância do proletariado:

Mas o engajador não é uma pura invenção. Acredito; posto que me faltam bastantes factos, precisos e indispensáveis, para avaliar a extensão das suas malfetorias. Suponhamos, porém a não

³²¹ *Idem*, p.57.

³²² *Brasil, 1939-40*, Ministério das relações Exteriores, Rio de Janeiro, Brasil, p. 42.

³²³ *Idem*, p. 49.

³²⁴ Oliveira Lima, *Formação Histórica Brasileira*, Rio de Janeiro, Topbooks, Editora e Distribuição de Livros, Lda, p. 275.

³²⁵ Cf. *Idem*, p. 277.

existência da miséria involuntária e honesta; desde esse momento o engajador deixa de excitar a indignação e deve ser visto à luz diversa do clarão sinistro que o alumia.³²⁶

3. As Personagens

A literatura do século XIX tinha composto um retrato estereotipado da personagem do *Brasileiro*, e que acabaria por afectar a imagem do emigrante. A sua reabilitação total só se concretizaria com o lançamento de duas obras cujo âmago temático é a emigração: *A Selva* e, mais especificamente, *Emigrantes*, de Ferreira de Castro. As personagens Manuel da Bouça e Alberto serão o protótipo do “anti-herói”. Para Clara Rocha estes dois romances “representam um momento crucial de viragem na história literária do emigrante”³²⁷. No primeiro destaca-se o trabalho literário, no segundo, o trabalho documental. Estas duas histórias põem a nu “o drama do torna-viagem atraído e devorado pela quimera do novo mundo”. O autor, ao mesmo tempo que denuncia, também responsabiliza.³²⁸ Já não é apenas a referência ao “campónio humilde e ignorante” que vai, pobre, em busca de um sonho. A emigração surge como um “fenómeno de alcance europeu”, perspectiva nunca antes apresentada pelos escritores do século XIX.³²⁹

A autora sublinha a originalidade de Ferreira de Castro, pela alusão “ao drama do desenraizamento dos emigrantes, divididos entre uma pátria de origem e uma pátria de adopção, e vivendo num *man's land* afectivo e cultural”³³⁰. O autor acompanha o emigrante na sua luta diária de inadaptação, denunciando as desigualdades sociais que a personagem enfrenta. São personagens profundamente humanas em que se relevam já não só os seus triunfos, como é usual acontecer, mas, e sobretudo, as suas derrotas.

Podemos verificar, e em *Emigrantes* é exemplo flagrante, que as personagens castrianas emigrantes não são bem sucedidas³³¹, o que destrói definitivamente o mito criado pelo senso comum em torno do emigrante, obrigatoriamente, vitorioso:

³²⁶ Alexandre Herculano, *op.cit.*, p. 100: Por vezes nas cartas é substituída a palavra engajadores por “embaidores”. No dicionário embaidor quer dizer embusteiro, intrujão e sedutor. Engajador é apenas um aliciador.

³²⁷ *Idem*, p. 170.

³²⁸ Cf. *Idem*, *ibidem*.

³²⁹ *Idem*, p. 171

³³⁰ *Idem*, *ibidem*.

³³¹ Cf. Bernard Émery, *op.cit.*, p. 116: “...o próprio Ferreira de Castro, paradigma do emigrante, nunca teve uma opinião muito positiva sobre a emigração apreendida na sua globalidade.”

Basta lembrar o elenco das personagens falidas ou profundamente antipáticas que aparecem nos seus romances, sejam elas o Manuel da Bouça, tipo paradigmático do vencido, e enganado, da vida, que volta a parecer em *A Lã e a Neve* sob a figura quase repugnante dum pedinte sem dignidade, até ao “americano» Joaquim Santiago, machista e escravagista de *Terra Fria*, cujo retrato constitui o excesso inverso de Manuel da Bouça, mas sempre marcado pelo estigma do dinheiro e da sordidez moral.³³²

Não só o protagonista, mas também as personagens planas que o cercam sofrem do estigma negativo: os companheiros durante a revolução paulista, “homens inibidos pelo medo, o egoísmo e a falta completa de qualquer consciência política”³³³; o comerciante mesquinho, forreta e inumano³³⁴, na figura do dono da mercearia, Albino Fernandes, “homem gordo, anafado, vermelho o rosto redondo”, onde Cipriano Soares é empregado.

Este é explorado pelo patrão e vive há anos num quarto sórdido e decadente. Também ele veio em busca do *Eldorado*, que se resumiu a “quatro paredes sujas, com uma cama de ferro, uma velha mala e dois caixotes. Uma garrafa, com lágrimas de cera de bojo”³³⁵, que lhe serve de castiçal e um “janelico” que dá para um saguão³³⁶. Só por si estas duas personagens transmitem uma imagem negativa que tende a “limitar o português emigrado ao papel de saloio na sociedade” e, conseqüentemente, a “reduzir o seu espaço cultural a certo folclorismo saudosista”³³⁷.

No romance moderno, Wayne C. Booth, releva a atitude crítica que se mantém em relação ao comportamento das personagens e ao desenrolar dos acontecimentos. A este aspecto de distanciamento literário, Wayne chama “*interesses práticos*”:

Se observarmos atentamente a nossa reacção à maior parte dos grandes romances, encontramos uma forte preocupação, com as personagens, como pessoas; tocam-nos os seus bons e maus momentos. Na maioria das obras, de algum significado, somos levados a admirar ou detestar, amar ou odiar ou, simplesmente, a aprovar ou reprovar pelo menos um personagem central; e o nosso interesse, à medida que passamos de página a página, tal como o nosso juízo sobre o livro, após reconsideração, é inseparável deste envolvimento emocional.³³⁸

³³² Bernard Émery, *op.cit.*, p. 116.

³³³ *Idem*, p. 117.

³³⁴ Cf. *Idem*, *ibidem*.

³³⁵ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 110.

³³⁶ Cf. *Idem*, *ibidem*.

³³⁷ Bernard Émery, *op.cit.*, p. 117.

³³⁸ *Idem*, p. 145.

A construção do retrato da personagem é elaborada progressivamente ao longo da leitura e “tributaires de la compétence du destinataire dans deux registres fondamentaux: l’«extra-textuel» et l’«intertextuel»”³³⁹. Na primeira, o leitor para materializar em imagem os dados do texto é-lhe indispensável a enciclopédia da sua experiência pessoal³⁴⁰: “La représentation mentale, comme la perception visuelle, est de nature probabiliste. L’image du personnage que le lecteur construit à partir des stimuli textuels est, elle aussi, une synthèse issue des perceptions du monde extérieur”³⁴¹. Esta é uma das formas privilegiadas em *Emigrantes*. A segunda, a “intertextuel”,³⁴² reporta-nos para a noção de intertextualidade de Bakhtine e Kristeva:

Ainsi, du point de vue du lecteur, la figure romanesque est rarement perçue comme une créature originale, mais rappelle souvent, de manière plus ou moins implicite, d’autres figures issues d’autres textes. Le personnage ne se réduit à ce que le roman nous dit de lui : c’est en interférant avec d’autres figures qu’il acquiert un contenu représentatif. S’il est donc exact que le lecteur visualise le personnage en s’appuyant sur les données de son monde d’expérience, cette matérialisation optique est corrigée par sa compétence intertextuelle.³⁴³

Os diálogos tornam-se nesta narrativa formas privilegiadas da caracterização das personagens. Revelam ao leitor mais do que aquilo que é dito. Garcia Jimenez no capítulo dedicado a “La Poetica de los Diálogos”, sublinha a atenção que se deve dar aos mesmos, dada a importância técnica: dão variedade ao relato, evitam a monotonia para além de que se tornam num procedimento inteligente de “caracterização indirecta”³⁴⁴: “El modo natural de contar las historias es *re-presentarlas*. El *telling* es el *showing*.”³⁴⁵

Neste campo *Emigrantes* é paradigmático. O sucesso dos diálogos está patente na sua relação com a realidade linguística dos locutores, e em pleno acordo com o nível cultural e psicológico. Eles podem, por isso, tornar-se elementos caracterizadores das personagens. As utilizações frequentes de expressões desviadas da língua padrão são visíveis, ao nível da construção verbal: “azoinasse”³⁴⁶, “despersuadissem”³⁴⁷, “embaralha”³⁴⁸, “assosseque”³⁴⁹; ou

³³⁹ Vincent Jouve, *op.cit.*, p. 45.

³⁴⁰ Cf. Vincent Jouve, *op.cit.*, p. 46.

³⁴¹ *Idem, ibidem*.

³⁴² Cf. *Idem*, p. 48.

³⁴³ *Idem, idem*: Efectivamente comprovamos que as personagens camilianas, o Ulisses de Homero, a imagem de heróis e vilões que temos no nosso horizonte de expectativas, todos eles são completamente subvertidos em Ferreira de Castro.

³⁴⁴ Cf. Garcia Jimenez, *in op.cit.*, p. 196.

³⁴⁵ *Idem, ibidem*.

³⁴⁶ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, p. 21.

dos substantivos: “malapata”³⁵⁰ “parlenga”³⁵¹, ou ainda frases interjectivas: “Tó, cabra! Ó dianho de bicho!”³⁵². Detecta-se igualmente, a utilização recorrente e sucessiva de provérbios populares³⁵³, bastante divulgados em Portugal e que ainda hoje se utilizam, permitindo ao leitor a possibilidade de descodificação da mensagem: “era melhor ganhar dez de uma vez do que cinco em toda a vida”³⁵⁴, “quem tem boca vai a Roma”³⁵⁵, “quem procura sempre encontra”³⁵⁶, “quem não pode viver com dois vive com um”³⁵⁷. Destaque-se o sentido transmitido sempre associado à questão económica.

Ainda mais frequente do que os provérbios, é a utilização nos diálogos de frases feitas³⁵⁸. Estas distinguem-se dos anteriores devido ao seu sentido inacabado: “trazer os homens debaixo das saias...”³⁵⁹, “Parte-se o coração só em pensar...”³⁶⁰, “Aqui nunca se passa da cepa torta.”³⁶¹, “Um pedaço de asno que não tem onde cair morto!”³⁶², “Agora mal saem da saia da mãe...”³⁶³, “As mulheres são como as galinhas”³⁶⁴.

A linguagem remete, portanto, para um espaço cultural campesino. A utilização de referências axiológicas e de valores desse espaço, torna-se assim, num “factor determinante da legibilidade da obra”³⁶⁵. Os nomes das personagens são também concomitantes com esse universo espacial³⁶⁶.

O levantamento efectuado é apenas uma amostra ínfima, os exemplos são múltiplos e só por si poder-se-iam tornar alvo de um estudo linguístico independente.

³⁴⁷ *Idem*, p. 27.

³⁴⁸ *Idem*, p. 25.

³⁴⁹ *Idem*, p. 63.

³⁵⁰ *Idem*, p. 21.

³⁵¹ *Idem*, p. 24.

³⁵² *Idem*, p. 34.

³⁵³ Roberto Cortes de Lacerda et alii, *Dicionário de Provérbios*, Contexto Editora, Lisboa, 2000, p. 13: «Tal como se entende hoje, ‘provérbio é uma sentença completa e independente – em geral de criação anónima –, que exprime, muitas vezes de modo metafórico, um pensamento, um preceito, uma advertência, um conselho...’»

³⁵⁴ *Idem*, p. 20.

³⁵⁵ *Idem*, *ibidem*.

³⁵⁶ *Idem*, *ibidem*.

³⁵⁷ *Idem*, p. 24.

³⁵⁸ Roberto Cortes Lacerda, *op.cit.*, p. 13: «...mais propriamente idiotismos ou idiomatismos de cunho metafórico, sem nenhuma conotação proverbial».

³⁵⁹ *Emigrantes*, p. 23.

³⁶⁰ *Idem*, *ibidem*.

³⁶¹ *Idem*, p. 25.

³⁶² *Idem*, p. 30.

³⁶³ *Idem*, p. 31.

³⁶⁴ *Idem*, p. 39.

³⁶⁵ *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, p. 376.

³⁶⁶ Nomes como Zé do Aído, Zefa da Portela, Rita da Fonte, António do Pisco, ou João do Serralho, conferem essa legibilidade.

A maioria das expressões, obtidas dos diálogos, pertence às intervenções da personagem-protagonista, Manuel da Bouça. Elas funcionam, sobretudo os provérbios, como um *leitmotiv*³⁶⁷ incentivador nos momentos de insegurança ou de conflito psicológico. A dificuldade em caracterizar esta personagem advém da sua instabilidade emocional, ora eufórica ora disfórica, ao longo de todo o romance, acentuando-se a curva descendente para o final. A sua caracterização vai-se, assim, construindo ao longo da diegese. É uma personagem pouco evolutiva na sua caminhada. Há que ter em conta a sua origem humilde, a idade e o mundo fechado em que vive. A sua ambição obsessiva não ajuda no seu aprendizado.

O nome “Manuel da Bouça”, metade nome, metade alcunha, indicia a sua origem social³⁶⁸, neste caso ligada à ruralidade, que condiciona a sua caracterização e por conseguinte o seu perfil psicológico. O dicionário define “bouça” ou “boiça” como terreno inculto onde apenas se cria mato. Se formos mais longe podemos observar a existência, no plano simbólico, de uma relação entre esta alcunha e o fracasso do “herói”, ou mais propriamente, o “anti-herói”.

O “anti-herói” define-se como o “protagonista da estrutura narrativa cuja configuração psicológica, moral, social e económica se traduz em termos de desqualificação e desmistificação: é uma entidade com defeitos e limitações, uma personagem atravessada por angústias e frustrações”³⁶⁹. Manuel da Bouça, inconformado desde o início do romance com a sua situação económica e social, procura, por todos os meios, alterá-la. A decisão de emigrar para o Brasil é a mais drástica. Porém, o Brasil não vai corresponder aos seus anseios de riqueza que o conduziria à felicidade definitiva. O “anti-herói” é um indivíduo “éternellement en route”³⁷⁰.

Apesar destes indícios, ao longo da narrativa, o leitor cria expectativas que vão sendo goradas. O próprio regresso prescreve uma grande ironia implícita. Esta personagem tornar-se-ia, ao longo das sucessivas edições do romance, o símbolo do emigrante.³⁷¹

³⁶⁷ Cf. *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, p. 259: A repetição de alguns provérbios, ao longo da narrativa torna-se numa “espécie de motivo condutor”.

³⁶⁸ Carlos Reis, *O discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, Livraria Almedina, Coimbra, 1983, p. 487: “Justamente a alcunha revela-se um processo particularmente significativo, quando se trata de incrementar as potencialidades de representação social inerentes à personagem.”

³⁶⁹ *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, p. 30.

³⁷⁰ Sorensen, 1987:155 e 160, in *Idem*, p. 130.

³⁷¹ Cf. Ferreira de Castro, “Regresso” *Vária Escrita*, nº 3, Sintra, 1996, p. 231: “Durante as quatro décadas que já conta o romance *Emigrantes*, houve a tendência para se tornar a personagem Manuel da Bouça como um símbolo da emigração, como um símbolo dos homens de mão vazia e do trabalho que produz suor, mas não compensa.”

A primeira imagem que nos é apresentada é a de um indivíduo contemplativo e nostálgico em relação ao passado:

Estendido onde a sombra lhe parecera mais agradável, Manuel da Bouça seguia o trabalho da ave e recordava o tempo da infância, já distante, em que vasculhava veigas e montes à busca de ninhinhos, só pelo prazer de os descobrir e disso se vangloriar ante o rapazio do lugarejo. Outrora não teria hesitado e, zape-zape, pinheiro arriba, iria ver em que estado se encontrava o novo berço e voltaria, depois, pelos ovos ou pelas avezitas ainda implumes, as pálpebras cerradas e o biquito glutão semiaberto ante qualquer ruído. Mas, hoje, só se fosse em pinheiro baixo e de gaio ou de rola, que eram bons com arroz.³⁷²

Fisicamente estamos perante um homem de meia-idade, cujas mãos enegrecidas e calejadas, os “dedos nodosos”, revelam a dureza do trabalho de camponês, e os pés de “pele dura e gretada” denunciam a pobreza de quem anda descalço.

É um indivíduo dominado pelo sentimento obsessivo de cobiça. Na contemplação da aldeia, surge o primeiro indiciador da atitude que vai condicionar a sua acção no futuro:

Mas para lá do muro, os olhos de Manuel da Bouça já não podiam ver, com alegria os campos que se estendiam, planos, bem regados, até próximo da igreja velha. Possuí-los, ser seu dono, semear e colher o milho que aloirava aos primeiros calores fortes e, no Inverno, a erva dos lameiros, que formava tapetes sempre húmidos, era o seu único sonho, a grande aspiração da sua vida.³⁷³

Segundo o modelo actancial proposto por Greimas, Manuel da Bouça será o “Sujeito” enquanto que as terras do Esteves serão o “Objecto”. A relação que se estabelece é a de desejo que liga “al deseante (sujeito) y al/lo deseado (objeto). Así se constituye el eje fundamental de los enunciados narrativos elementales. Están dominados por la modalidad del querer (= deseo)”³⁷⁴. Esta relação vai contemplar a personagem em dois tipos de enunciados: o do *ser/estar*: un sujeito de estado e o do *fazer transformador*, em que “un sujeto operador asegura una transformación conjuntiva e disyuntiva de los enunciados básicos del ser/estar, dando lugar a los programas narrativos.”³⁷⁵

³⁷² Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 18.

³⁷³ *Idem*, p. 19.

³⁷⁴ Garcia Jimenez, *op.cit.*, p. 269. Este modelo é proposto pela escola semiótico-narrativa. Greimas reduz as funções das personagens a seis actantes: destinador/destinatário, sujeito/objecto, ajudante/opponente.

³⁷⁵ *Idem*, p. 270.

Efectivamente, o desejo de obter as terras é o motivo primordial de toda a obra, ao qual estão subordinados todos os outros: “Mas, sem sair dali, sem procurar fortuna noutras terras, jamais conseguiria realizar a ambição”³⁷⁶.

Acompanhando a construção de “castelos no ar”, que o protagonista vai edificando em redor da sua ambição, o narrador heterodiegético prossegue a descrição física:

Ao tecer o êxito futuro, a sua expressão tornara-se sombria: os olhos castanhos, pequeninos e movediços em outros azares, paravam agora em fundo querer; as facas secas desciam, sem contracções, sobre o negro e longo bigode e a boca, de lábios delgados, dentes sujos de tabaco, aquietava-se também em cima do queixo agudo, rude, plebeu. Assim imobilizado, era tosca cariátide de sobreiro aquele corpo meão mas rijo, de linhas enérgicas, sem adiposidades, todas elas atestando pertinácia no trabalho e saúde campesina, saúde dos que se levantam quando se apagam as últimas estrelas e se deitam quando as primeiras se acendem.³⁷⁷

Esta imagem final paralelística revela o trabalhador incansável que caracteriza a personagem, ao longo de toda a sua jornada. “Um homem que trabalha nunca morre de fome”: esta máxima recorrente, que utiliza, revela o seu carácter sonhador e ingénuo, apesar da experiência de vida e do trabalho árduo. A evolução da intriga irá provar que apenas trabalho não enriquece o homem, pelo menos dessa riqueza material que procura. Esta ingenuidade advém do analfabetismo e da deficiente cultura que caracteriza a classe campesina do início do século XX.

A timidez é um das características mais evidentes no comportamento, as suas falas denunciam-na. A atitude na Agência de Viagens, onde se desloca para tratar do passaporte, é ilustrativa. Os senhores da vila intimidam-no e deixam-no pouco à vontade. O resultado é traduzido pelas frases reticentes, que demonstram a falta de auto-confiança do mesmo.

A desilusão que sofre aquando da perda das terras transforma-o num indivíduo amargo. A antiga esperança que ainda o faziam continuar a labutar, perdeu-se. Havia terminado definitivamente a ilusão que o tinha levado ao Brasil. Mesmo a fome por que tinha passado, quando foi para São Paulo, não o tinha quebrantado:

A sua derrota e a nostalgia eram, agora motivo de irritação. Contra tudo: contra o meio, contra ele próprio. Mal-humorava-o aquilo que não pudera conquistar, via impossíveis em toda a parte e, às

³⁷⁶ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 19

³⁷⁷ *Idem*, p. 20.

vezes, até se admirava de ter acreditado na riqueza, na posse das terras do Esteves, na compensação ao seu trabalho.³⁷⁸

A partir daí nunca mais teve paz. Tornou-se egoísta. Começou a frequentar as associações proletárias, mas apenas porque «desde que não podia ser rico, não havia o direito de que os outros o fossem»³⁷⁹. Apenas defendia os próprios interesses e não os da classe trabalhadora. A sua participação na revolução é incipiente pois é um camponês pacífico e um pouco cobarde.

O regresso e a saudade tornar-se-iam o seu alento depois do desaire que culminaria na morte da esposa. Nada mais lhe importava. A estabilidade emocional e combativa que existia inicialmente, vai-se perdendo e a notícia da morte de Amélia destrói por completo a força moral que o caracterizava até ali. A instabilidade na resolução do seu futuro evidenciava um certo desequilíbrio. Vivia dividido entre o partir e o ficar.

O conflito interior adensa-se cada vez mais, traduzido pelos monólogos interiores, pelas repetições exclamativas, que aumentam de intensidade para o final da narrativa. Não é de estranhar a atitude criminosa, fruto de um desespero doentio que o vinha perturbando mentalmente.

Manuel da Bouça é a única personagem “redonda” e “transparente”³⁸⁰ em toda a narrativa:

Les personnages sont couramment répartis en deux catégories. Forster, par exemple, distingue les personnages « ronds » des personnages « plats ». Alors que les premiers sont dotés d'une « épaisseur psychologique », les seconds, figés, dès leur première occurrence, dans un portrait inamovible, se révèlent désespérément prévisibles.³⁸¹

Emigrantes insere-se numa daquelas categorias da narrativa em que tanto a acção pode estar submetida à personagem como esta pode estar submetida ao desenrolar da acção³⁸²: “ Si certains personnages s'imposent comme “personnes”, d'autres se donnent à lire

³⁷⁸ *Idem*, p. 187.

³⁷⁹ *Idem*, p. 188.

³⁸⁰ Vincent Jouve, *op.cit.*, p. 176..Na distinção realizada pelo autor a primeira distinção das personagens «retenus/livres, est fondée sur les deux grands types de présentation d'un personnage. Il y a d'une part, les personnages opaques (qui nous apparaissent, pour ainsi dire, de «l'extérieur», como dans la réalité), d'autre part, les personnages transparents (dont on connaît les pensées). Les premiers exigent une approche intellectuelle (ils existent d'abord par l'enigme qu'ils posent), les seconds une saisie affective.

³⁸¹ *Idem*, *op. cit.*, p. 169.

³⁸² Cf. *Idem*, p. 170.

comme moyens de l'action, matières à aventures, "hommes-récits"³⁸³. Podemos avaliar que existe um certo equilíbrio entre estes dois pólos, embora, inicialmente, seja o protagonista o principal agente da acção o tomar a decisão drástica de emigrar: "Iria! Pena era que não tivesse resolvido isso há mais tempo, quando estava solteiro e tinha sangue na guelra."³⁸⁴ A sua preocupação, contudo, era comunicar a sua decisão à filha e à mulher. As duas personagens "planas" que a seguir serão apresentadas.

As personagens planas são aquelas que circulam no universo do protagonista. Neste leque de personagens determinadas pela sua "mise en texte", e que nos surgem logo na primeira cena conjunta, podemos observar Amélia e Deolinda, "personagens opacas" de quem só observamos o comportamento, o discurso, e nunca os seus pensamentos³⁸⁵. O diálogo que mantêm com a figura paterna é revelador dos pensamentos, sentimentos, e inclusive do estatuto submisso que mantinham na sociedade de então. Estranhando a atitude de Manuel ao regressar a casa "cada vez mais soturno, mais enfronhado em severidade", Amélia perguntou o porquê: "_ Está resolvido... Vou... vou para o Brasil... /_ Tu?... /O silêncio dele, pesado, dramático, inquietou-a ainda mais. Ela começou a chorar."³⁸⁶

Amélia entra em desespero e chama a filha. A cena que se segue é dramática. As lágrimas da mulher no entanto não conseguem demover a decisão tomada: "_ Basta de choradeiras! – exclamou. – nem que o mundo fosse acabar... Já se viu coisa assim! Amélia obedeceu-lhe e as suas lágrimas começaram a deslizar em silêncio."³⁸⁷

Deolinda surge com uma força moral pouco usual numa jovem da sua idade. Pelas suas palavras reconhecemos a inteligência e bom senso. Parece ser, não só na cena em questão, mas também no final, após o regresso do pai, a personagem mais lúcida, com as reflexões de contenção e ao mesmo tempo como uma voz premonitória. Perante a autoridade do pai, contudo, o seu discurso torna-se receoso, traduzido pela pontuação reticente:

_ Eu se fosse ao pai não ia...

_ Sabes lá o que dizes!

_ São outras terras, outras gentes... Cá, já sabemos o que é... Lá...

³⁸³ *Idem, ibidem.*

³⁸⁴ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 20.

³⁸⁵ Cf Vincent Jouve, *op.cit.*, p. 177. « Parmi les personnages retenus, certains sont modérément (on a accès à leur discours) » e « relèvent d'un projet plutôt idéologique (parler c'est signifier) ». Mais uma vez os diálogos vão ser peças fundamentais para a construção da personagem tal como o vão ser na caracterização do Nunes.

³⁸⁶ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 23.

³⁸⁷ *Idem, Ibidem.*

_ Quem pode viver com dois, vive com um. E nós que nos temos remediado até hoje...³⁸⁸

O diálogo prossegue com Deolinda a tentar demover o pai com sábios argumentos, mas infrutíferos. A decisão já estava tomada. Prevalece, por fim a autoridade, a colocar o ponto final na discussão.

De Amélia poucas informações nos são dadas. Emotiva, tal como a filha, submissa aceita, “resignadamente”, o destino de abandono de que vai ser vítima. São evidentes no diálogo travado entre o casal, as desconfianças de Amélia, a ingenuidade de ambos, perante a gravidade da situação face à hipoteca.

Humilde e resignada, aceita a proibição do marido, em relação ao namoro da filha de ambos com Afonso. Vai-se solidarizar com o desaprovação dele quando Deolinda resolve romper as amarras e abandonar a casa materna, causando o desgosto e conseqüentemente a sua morte prematura. A filha, sábia e de tempera, só em último recurso escolhe o seu caminho, mesmo desafiando a ira paterna.

Pouco antes da partida e, após ser informada, pela mãe, da discussão em redor do seu romance e do futuro compromisso, tenta demover o pai mas apenas consegue mais um revés.

Só nesse momento o narrador abandona a focalização externa para, adoptando a focalização omnisciente, revelar, deste modo, os sentimentos da rapariga. Observa-se o regresso, já no final, à sua antiga posição:

Ela, que esperava comovê-lo, falando-lhe do seu amor, sentiu-se impotente ante o brusco acolhimento. Angústia e despeito cresciam como espuma negra subindo de vaso fervente até à garganta, as narinas e os ouvidos. Faltava-lhe o ar e os ruídos perdiam o seu carácter, fundia-se num só – rala-rala, sincopado aqui e ali, de campo cheio de insectos monótonos. Deixou-se cair sobre um dos mochos, apoiando-se à mesa e ficou pasmada, com os olhos muito abertos, sem nada ver.³⁸⁹

Caracterizadas as personagens do núcleo familiar do protagonista, passemos a uma das personagens adjuvantes da narrativa: o Nunes. Mantém uma fachada respeitável como proprietário de duas agências de viagens, contudo, fica claro que estamos perante um “engajador” muito esperto, que sabe o que quer e move todos os recursos para alcançar os seus objectivos. A sua caracterização é-nos facultada pelas suas palavras, e pelo seu

³⁸⁸ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 24

³⁸⁹ *Idem*, p. 35.

comportamento. Não há no narrador qualquer intromissão no que se refere ao desempenho menos honesto.

Fisicamente, é um indivíduo “alto, magrizona”, e “uma pálpebra semifechada sobre o olho vazado” encerra o conjunto. O leitor compõe o quadro psicológico de que o narrador se aparta, convidando-o a participar na construção da imagem. A primeira sensação que nos transmite é a de alguém arrogante, dada a forma superior perante a atitude educada, deferente e humilde de Manuel da Bouça. É um mentiroso e hipócrita, pois alicia e alimenta o sonho dos ingênuos camponeses com fins lucrativos.³⁹⁰

É detentor de um estatuto social privilegiado, um “senhor da vila”, proprietário de um automóvel e tem criada. Contrasta a riqueza em que vive com a pobreza dos camponeses explorados. É bajulador e bem-falante, sabendo tirar partido do discurso para elogiar. A cena da visita do Borges, que acumula o cargo de funcionário público cumpridor e jornalista, dono de um periódico da imprensa regionalista, durante o almoço em sua casa, é exemplo evidente³⁹¹.

Mais ambicioso do que os camponeses, que a ele recorrem para obter o passaporte, Nunes visualiza no seu horizonte, não o Brasil e a América, que ele sabe ser “chão que já deu uvas”, mas antes “o caudal de dinheiro que a nova agência lhe vai trazer”. Aliciando os futuros emigrantes com a “árvore das patacas” existente na América, e dada a dificuldade na obtenção de passaportes, o engajador vai utilizar todos os meios para extorquir dinheiro dos desgraçados, recorrendo inclusive à emigração clandestina. As personagens Zé do Aido, amigo do protagonista, Anacleto e Rosalino, vão ser as primeiras vítimas desse tipo de emigração.

O Nunes prontificara-se a pô-los na América, se pagassem cinco contos cada um. Era uma continha calada, mas também as dificuldades eram muitas e, uma vez lá, o dinheiro que um homem ganhava cobria todos os gastos e ainda sobejava para fazer fortuna. Ele, e Anacleto e o Rosalino empenharam-se, venderam o que tinham e entregaram os quinze contos. Agora não tivessem mais ralações – afirmara o Nunes. Arranjaria tudo: papéis, passagens, tudo!³⁹²

Os crimes da personagem são revelados por Deolinda ao pai, no final da obra, aquando do seu regresso, assumindo, desse modo, o estatuto de narrador intradieético.

³⁹⁰ Cf. *Idem*, pp. 41-43.

³⁹¹ Cf. *Idem*, pp. 46-50.

³⁹² *Idem*, p. 239.

Correu que ele não era homem sério e até foi preso por causa de uns fulanos de castelões que mandou sem papéis. Iam primeiro para a Espanha e depois para a América, mas descobriu-se tudo. Diz-se que deu dinheiro à justiça para se livrar; não sei se é certo ou se não é; mas, lá que ele esteve preso pouco tempo, isso é verdade, porque uma semana depois de eu saber do acontecido vi-o passar no automóvel para Cambra.³⁹³

A analepse realizada vai ao encontro da narração de Zé do Aido. Como narratário intradieético de ambas as histórias, o protagonista estava agora na posse da verdade: Nunes não precisou sair da terra para fazer riqueza. Construiu o palacete nos Salgueiros, o lugar onde Manuel da Bouça sonhava construir o seu no regresso. No final, o narrador, toma a palavra não se abstendo mais de ser o porta-voz de todos os emigrantes, denunciando a riqueza do engajador, obtida da exploração efectuada.

Tudo passava lento; tudo, casas, árvores e caminhos, se confundia, humildemente, na mansidão bucólica da tarde. De altivo, berrante, orgulhoso, só o palacete do Nunes, que enriquecera sem ir a nenhum dos países da América – que enriquecera com os que tinham ido e por lá ficaram, entregues aos acasos da sorte, ou haviam regressado pobres, desiludidos e gastos como Manuel da Bouça.³⁹⁴

Outras personagens, que vão complementado o universo da narrativa, são meramente circunstanciais e têm uma função decorativa. Elas dão a cor local a muitas das cenas. A sua caracterização é sucinta. Observamo-las sempre no universo ou a partir do universo do protagonista.

Em Portugal, por exemplo, temos o José do Aido, Anacleto, e Rosalino, amigos de Manuel da Bouça, a tia Rita dos Anjos e o cunhado Joaquim, que funcionam como acompanhantes na primeira etapa da viagem. A cunhada Rita da Fonte, que acompanha Amélia na sua hora de dor. A varina a quem se dirige em Lisboa e, por fim, Custódio Martinho e a mulher Margarida.

As personagens do consulado e do navio são “escassa ou nulamente identificadas”³⁹⁵, acabando por diluir a importância do papel do protagonista nesses momentos. São rostos anónimos que representam o “rebanho” de emigrantes. Não têm rosto individual.³⁹⁶

³⁹³ Fereira de Castro, *op.cit.*, p. 233.

³⁹⁴ *Idem*, p. 255, Não deixa de ser intrigante o facto de, ao longo de todo o romance, o narrador se manter afastado, em relação à acção desta personagem. O objectivo poderá ser o de dar ao leitor a possibilidade de ser ele próprio a fazer o seu “julgamento” e a não tolher a liberdade para o fazer.

Depois, na viagem, surge Janardo, mais ousado que o companheiro e que o vai ajudar a encontrar o conterrâneo, Cipriano, em Santos. Na fazenda, encontramos mais personagens colectivas emigrantes como ele. Destaca-se Benvinda, jovem mulher, sensual, meiga e de alma nobre, a quem Manuel deve alguns dos momentos mais felizes da sua estadia no Brasil.

Em São Paulo tem o apoio de Fernandes e a companhia de António Pita. Companheiros de infortúnio, que abandona, ansioso pelo regresso. Embora Fernandes desempenhe um papel importante na actividade revolucionária só a conhecemos em função do protagonista. Após a fuga às autoridades perdemos-lhe o rasto.

4. A Acção

A acção, ou intriga, como princípio de unidade geral, “repose sur la notion fondamentale de mouvement, de changement à partir d’une situation donnée et sous l’influence de certaines forces”³⁹⁷.

A história é aparentemente simples e conta-se em apenas um parágrafo: Manuel da Bouça, camponês, o “herói” da acção atraído pela visão do ouro no Brasil, decide abandonar a sua aldeia onde mora com a mulher Amélia e a filha. A falta de dinheiro, para a viagem, leva-o a hipotecar as courelas, antevendo a riqueza rápida e o seu regresso imediato. Ingénuo, torna-se vítima dos interesses financeiros do engajador Nunes e de um tal Carrazedas. Contudo, o ambicionado ouro transforma-se em trabalho duro, mal pago e o nosso “herói” não consegue dinheiro nem para o regresso. Deolinda casa com o jovem rejeitado pelo pai, as courelas são-lhe retiradas pela falta do pagamento da dívida e a mulher, caindo gravemente doente, morre. O regresso torna-se então obsessivo e, para obter o dinheiro que o poderá levar a realizar esse sonho, rouba as jóias a um morto. Chega a Portugal, desta vez com a consciência hipotecada, perante si e os seus conterrâneos, que dinheiro algum, se o tivesse, poderia saldar.

³⁹⁵ Carlos Reis, *op.cit.* p. 483: A narrativa no Neo-Realismo vai obedecer à dinâmica do colectivo. “Porque a voz que cumpre destacar é mais a do grupo do que a do indivíduo, o narrador exime-se de particularizar personalidades e capta apenas o entrecruzar de discursos que, na sua interacção, traduzem as preocupações do colectivo”

³⁹⁷ Cf. Roland Bourneuf et Réal Ouellet, *op.cit.*, p. 41.

No romance, existem “en puissance une multiplicité d’épisodes, d’incidents qui constituent des unités narratives de dimensions valables dont les plus petites sont apelés « motifs »”³⁹⁸. As diversas células devem ser ligadas para que a narração seja coerente, para isso é necessário que obedeçam a um princípio geral que garanta a progressão. Estas últimas cenas a que nos referimos funcionam como motivos (unidades narrativas mínimas)³⁹⁹ que têm uma importância fulcral na acção de *Emigrantes*: as razões que levaram o protagonista a emigrar, a viagem que realiza e as suas diversas etapas, a adaptação ao país de destino, os objectivos conseguidos ou não e, por fim, o regresso do herói e as suas expectativas goradas.

A acção que se desenrola em *Emigrantes* leva-nos a evocar Brecht. O dramaturgo pretendia que o leitor mantivesse uma atitude de “frieza constante” perante a história. O leitor, ou espectador, é convidado a reflectir mais do que a comover-se.⁴⁰⁰ Deve sentir-se incomodado, orientando a sua perspectiva mais para a inteligência do que para a emoção: “o que Brecht realmente quer é aumentar o distanciamento emocional, de modo a fazer entrar mais profundamente em jogo a capacidade de juízo social do leitor”⁴⁰¹.

4.1. O percurso migratório

Para compreendermos melhor o processo migratório⁴⁰² há que analisar a sua dimensão espacio-temporal. Maria Beatriz Rocha-Trindade classifica-o como um “ciclo fechado”, sendo que o emigrante sai do seu país de origem e a ele regressa tendo atingido os objectivos inicialmente almejados. Existe, portanto, uma sequência articulada de várias fases que são comuns na maioria dos casos quando o regresso é a principal motivação do emigrante.⁴⁰³

Assim, num primeiro momento do processo, à “intenção de partir”, validada por “um complexo de dados, tais como informação recebida sobre o país de destino, insatisfação com a situação presente, formulação de expectativas de futuro, balanço de alternativas de decisão”⁴⁰⁴, dá-se o nome “causas de partida”.⁴⁰⁵

³⁹⁸ Vincent Jouve, *L’univers du Roman*, p. 36.

³⁹⁹ *Idem, ibidem*.

⁴⁰⁰ Cf. Wayne C. Booth, *A Retórica da Ficção*, p. 138.

⁴⁰¹ *Idem*, p. 139.

⁴⁰² Maria Beatriz Trindade.Rocha, *op.cit.*, p. 37: Percurso migratório é o « conjunto de passos, acções ou situações, dados ou experimentados por um indivíduo migrante, com relevância para o processo em que se encontra envolvido; o conceito tem uma natureza sequencial cronológica, mais do que propriamente espacial, e encontra interesse e aplicação sobretudo em situações de emigração internacional”.

⁴⁰³ Cf. *Idem*, p. 39.

⁴⁰⁴ *Idem*, p.37

⁴⁰⁵ Cf. *Idem, ibidem*

4.1.1. As razões – a fome de riqueza

Em primeiro lugar, o que exerceu maior fascínio sobre estes homens e mulheres foi o “mito da fortuna” que “ligado à emigração desempenhou na sociedade portuguesa um papel equivalente àquele que nas sociedades industrializadas teve o mito do *self-made man*”⁴⁰⁶. Esta era uma herança dos primeiros movimentos que se iniciariam no século XVI, pois já nessa altura as viagens não tinham apenas o “objectivo de mera curiosidade científica” ou do objectivo missionário.⁴⁰⁷ “A todas estas motivações juntava-se uma outra cuja importância deve reconhecer-se: o propósito de enriquecer pelo comércio ou pela conquista de riquezas”⁴⁰⁸. Não restam, pois, quaisquer dúvidas de que as grandes causas da emigração são do âmbito económico e social.

Todavia, o facto do mito da fortuna estar estreitamente articulado ao mito do retorno conduz no imaginário do emigrante a uma separação no tempo e no espaço da concretização do modelo de promoção social idealizado pelo emigrante antes de partir.⁴⁰⁹

Nas cartas que escreveu, editadas nos *Opúsculos*, Alexandre Herculano reitera sempre a ideia de que a “miséria é a causa suprema da emigração rural” apelando aos poderes públicos para que a destruam, “como fenómeno geral e permanente”. Para Herculano, a miséria dos trabalhadores não provém de uma “lei natural”, ela advém sobretudo de uma lei social injusta que o “homem, ente inteligente e livre” pode aperfeiçoar.⁴¹⁰

Já no século XIX, a crise económica que se abateu sobre Portugal, a ausência de horizontes do homem português, sobretudo do homem rural, levava à emigração logo nos primeiros anos da adolescência. Inicialmente, eram sobretudo os jovens que emigravam: o Brasil era a *terra da promessa*, uma espécie de *Eldorado* onde rapidamente era possível fazer fortuna, que permitia, depois, um digno e vitorioso regresso à pátria. Alexandre Herculano refere a “miséria”, causada pela “insuficiência dos salários”, como o principal impulsionador

⁴⁰⁶ Cf. Mirian Halpern Pereira, “Liberdade e Contenção na Emigração Portuguesa (1850-1930)”, *op.cit.*, pp. 9 e 10

⁴⁰⁷ Cf. Maria Beatriz Rocha-Trindade, *op.cit.*, p. 147

⁴⁰⁸ *Idem, ibidem.*

⁴⁰⁹ Mirian Halpern Pereira, “Liberdade e Contenção na Emigração Portuguesa (1850-1930)”, *op.cit.*, p. p. 10.

⁴¹⁰ Cf. Alexandre Herculano, *op.cit.*, p. 96

do fenómeno emigratório.⁴¹¹ Não é por acaso que a “emigração portuguesa é essencial e quase exclusivamente de proletários miseráveis”.

A perspectiva da vida tranqüila, a que não faltam os meios de satisfazer às necessidades indispensáveis, mas uniforme, laboriosa, sem peripécias (...), fraco atractivo será sempre para os ânimos irrequietos, atrevidos, mudáveis, quando ao lado da nudez e da fome, que os martirizam ou os ameaçam, se alevantarem as seduções em parte verdadeiras, em parte supostas, que sorriem de além do oceano. Sobre a tela de factos mais ou menos inexactos borda a imaginação idílios e a credulidade milagres.⁴¹²

Referimo-nos, no I capítulo deste estudo, ao grande móbil que leva os indivíduos a abandonar a sua casa, a família, aldeia, a pátria – a ambição da riqueza. Falávamos da realidade, vamos agora verificar como esta é transposta para a ficção e de que forma Ferreira de Castro perspectiva o tema.

As razões do protagonista, eram as mesmas, que alimentavam o sonho de todos os camponeses – possuir mais terra.

Mas para lá do muro, os olhos de Manuel da Bouça já não podiam ver, com alegria, os campos que se estendiam, planos, bem regados, até próximo da igreja velha. Possuí-los, ser seu dono, semear e colher o milho que aloirava aos primeiros calores fortes e, no Inverno, a erva dos lameiros, que formava tapetes sempre húmidos, era o seu único sonho, a grande aspiração da sua vida.⁴¹³

Este sonho arrastaria outros, a ascensão social, por exemplo: o casamento da filha com alguém de “teres e haveres”, uma casa de “telha francesa” e uma dispensa cheia, a construção de uma ponte e de uma nova escola na aldeia, tudo isso seria o protagonista a custear: “Mas, sem sair dali, sem procurar fortuna noutras terras, jamais conseguiria realizar a ambição”. Ali nunca conseguiria sair da pobreza em que se encontrava: “As jornas eram más e o quintalejo e as courelas davam para viver, nunca para amealhar”. À força de tanto sonhar o emigrante tem visões que deturpam a realidade, projectando alterações na paisagem e nos objectos por força do desejo:

⁴¹¹ Cf. *Idem*, p. 81.

⁴¹² *Idem*, p. 77.

⁴¹³ Ferreira de Castro, *op.cit*, p. 19.

...a casita crescia para o ar e para os lados, mudava-se, mesmo, para Salgueiros, e o muro avançava por ali fora até a ponte: lá em cima, onde o sol dava até mais tarde, estavam a eira e o canastro para secar o milho e, na época do amanho, ele e quantos homens fossem precisos cultivavam toda aquela terra preciosa. Lá iam duas, três juntas de bois arrastando pacientemente o arado ou a charrua; para a desfolhada tornara-se necessário reunir todas as raparigas da aldeia e só o verdasco, recolhido nas vides que se enroscavam no carvalhedeo ribeirinho, enchia meia dúzia de lagares. E tudo aquilo era dele, tudo fora ganho com o seu suor, dia a dia, hora a hora.

Nesta “rêverie”⁴¹⁴, torna-se patrão e a fartura contrasta com a miséria que agora tira da terra. O sonhar acordado, ao contrário do sonho nocturno, é verosímil. A “rêverie” está, pois, de acordo com a actividade profissional que o protagonista exerce – a agricultura – e a hiperbolização é perfeitamente plausível: “La rêverie, par la rigueur de son organisation et la clarté de son développement, est donc plus proche du récit romanesque que le rêve (beaucoup moins narratif et plus indéterminé)”⁴¹⁵. Observa-se a utilização do imperfeito do indicativo⁴¹⁶, mantendo o mesmo registo temporal da narração anterior, por isso se diz que a “rêverie” funciona como um “micro-récit”⁴¹⁷.

Mas o sonho prossegue em jeito de monólogo interior, e já se vê a negociar as terras com o Esteves que certamente “deixaria tudo aquilo, se ninguém lhe azoínasse aos ouvidos em contrário, por uns cinquenta contos, mais coisa menos coisa. E cinquenta contos, que diabo!”⁴¹⁸. Antevê até a facilidade com que vai adquirir essa quantia: “se não andasse com a malapata arranjá-los-ia em dois pares de anos, Quando cinco réis tinham valor, então, talvez fosse difícil; mas agora, que o dinheiro brasileiro é que era dinheiro forte...”⁴¹⁹

Repare-se na repetição do vocábulo “dinheiro”, desnecessário à sintaxe mas que reforça o sentido, sublinhando a ganância. Estas repetições são lugar comum na narrativa e não surgem ao acaso. Funcionam frequentemente como estímulo ou desânimo, ou apenas demonstram a emotividade da personagem.

⁴¹⁴ Cf. Vincent Jouve, *op. cit.* p. 79 e 80, “La rêverie se distingue du rêve par son degré de *secondarisation*. Tandis que les productions oniriques relèvent exclusivement de l’incoscient. La rêverie est fait d’un sujet en éveil – donc conscient. La lecture, pratique de l’état de veille, interdit, elle aussi, un abandon complet. »

⁴¹⁵ *Idem.* p. 80.

⁴¹⁶ A utilização deste tempo predomina em *Emigrantes*. Ele encerra uma ideia de continuidade e de duração do processo verbal mais evidente ainda nos momentos de “rêverie”. Note-se como, no excerto, ele presentifica o futuro.

⁴¹⁷ *Idem, ibidem.*

⁴¹⁸ Ferreira de Castro, *op. Cit.*, p. 21.

⁴¹⁹ *Idem, Ibidem.*

Para alcançar a propriedade cobiçada, o agricultor emigrava, enchendo o peito e preparando-se para enfrentar todos os desafios, não se furtando aos sacrifícios que poderiam advir, para realizar o modesto sonho de adquirir o pedaço de chão:

“Quando ele chega a poder proferir, de pé sobre as belgas do chão esmoutado e valado, as palavras mágicas – ‘o meu foro’ – essa fronte, habitualmente inclinada para o solo, com os olhos fitos na enxada, ergue-se e ilumina-se de esperança no futuro e de confiança no presente.”⁴²⁰

Efectivamente, Karin Wall, num estudo realizado, constatou que esta tendência se vai manter, ao longo de décadas: a emergência do trabalhador rural com sendo um dos mais importantes contingentes a engrossar a rota da emigração.

O sonhar acordado de Manuel da Bouça é interrompido para a realidade que tem na frente e que lhe parece agora ainda mais miserável, depois da riqueza momentânea que “viveu” na “rêverie”. Naquele momento, ao retomar o caminho de casa:

Nunca o lugarejo lhe parecera tão miserável, tão digno de dó e sobranceiro olhar. As aldeias vizinhas prosperavam, tinham casas novas, chafarizes, grandes quintas com portões de ferro, porque os rapazes de lá, mal tiravam as sortes, partiam – passem bem, que eu vou tratar da vida! – e só regressavam quando haviam enriquecido.⁴²¹

Deste modo tentava convencer-se a si próprio de que nada havia que o prendesse ali. Se não tomasse uma atitude de homem “a aldeia seria sempre a mesma coisa triste e feia”⁴²² e a sua vida iria continuar como a dos outros: “o caldo, de manhã, as sardinhas à noite e ao domingo meio litro de vinho na Feira dos Nove ou na tasca do Lopes”⁴²³. Ele não iria fazer promessas vãs, iria “provar que não era como os outros”⁴²⁴. Este pensamento de agente de progresso na sua aldeia era mais um argumento para se convencer a partir. Assim ao chegar a casa comunicou a sua decisão e, em breve,

Libélula inquieta no meio invariável, preso à hora de uma vida sempre igual, a notícia voou de boca em boca e, trespassando a aldeia, foi espalhar-se nas freguesias vizinhas.

_ O Manuel da Bouça vai para o Brasil...

⁴²⁰ *Idem*, p. 95

⁴²¹ *Idem*, p. 22.

⁴²² *Idem*, *Ibidem*.

⁴²³ *Idem*, *ibidem*.

⁴²⁴ *Idem*, *ibidem*.

A notícia cavou fundo velhos desejos e aspirações nos vizinhos e conhecidos, cuja vida miserável se assemelhava à do protagonista. Em torno da personagem surge uma áurea de inveja e admiração. Todos desejavam seguir o trilho dourado que o mesmo decidira tomar. Era um desejo obsessivo que não deixava os aldeãos serem felizes com o pouco que a terra lhes dava⁴²⁵:

Poucos, porém, deixavam de correr atrás da miragem por carência de audácia, a ambição dominava-os, era couraça invulnerável a todas as vicissitudes. E, com ela o desejo de aventura, dissolvido no sangue como uma tara.⁴²⁶

A voz narrativa deixa aqui, definitivamente claras, as razões cruciais que levam à emigração: a ambição e o desejo de aventura⁴²⁷. É sob a égide destes dois factores que a narrativa se apoia para desencadear o processo com vista a colmatar essa insatisfação.

E formavam, assim, o êxodo, pobres de tudo, mas peçados de visões doiradas, rodando, rodando até o mar e deixando atrás de si o tojo crescer em solo que daria pão, para irem fecundar a terra feiticeira.⁴²⁸

Não deixa de estar implícito nestas palavras do narrador a denúncia do abandono da terra. Esta denúncia é muito mais do que uma posição sentenciosa do narrador aos anseios de riqueza dos pobres camponeses. Por tudo o que já foi referido no I capítulo, ela envolve uma posição face às estruturas sociais e económicas do país que os sobrecarrega com os impostos, para além da terra que, ingrata, se nega a dar-lhe o pão. O protagonista, tem consciência dessa realidade e sobre ela reflecte com amargura:

Era um esforço constante, uma regueira de suor, entre a malga de caldo e um copo de vinho, quando o lavrador tinha espírito generoso, porque havia quem passasse todo o dia apenas com migas matinais. «E tudo isso para quê – perguntava Manuel da Bouça a si próprio – se em dia de feira ou de arraial tinham de vestir a mesma andaina com que casaram? Para quê, se não podiam amealhar nada, se tinham de trabalhar sempre ou fazer como o tio Leonardo, que, quando se encontrara velho, fora para a estrada, de sacola ao ombro, pedir cinco réis, pelas chagas de Cristo,

⁴²⁵ Cf. *Idem*, p. 28.

⁴²⁶ *Idem*, p. 29.

⁴²⁷ No narrador heterodiegético as intrusões em “focalização omnisciente responsabilizam-no, em princípio, a ele próprio e tendem a configurar uma genérica atitude emotiva e ideológica em relação à história e aos seus elementos constitutivos”. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra, 1996. p. 209.

⁴²⁸ Fereira de Castro, *op.cit.*, p. 29.

a quem passava? E os que possuíam dois dedos de terra, davam tudo para as décimas, tão grandes que ou se tinha muito ou mais valia não ter nada».⁴²⁹

Não admirava, pois, que a “palavra mágica, o Brasil” não exercesse sobre os camponeses, o mesmo efeito de um “abre-te sésamo”. O “país maravilhoso” e o seu caudal de “oiro” faziam “parte da tradição” e tinham “o prestígio de uma lenda entre os espíritos rudes e simples”⁴³⁰.

Este encantamento visionário tinha, contudo, as suas consequências: provocava o desalento, “pouca perseverança no trabalho da terra nativa, porque ninguém tinha fé, ninguém, em que esta viesse a compensar desgostos e canseiras”⁴³¹.

Já fascinado pelo futuro grandioso, orgulhoso da sua decisão e pelo apoio e admiração dos contrerrâneos, Manuel da Bouça continua a sua “rêverie” desenfreada de riqueza e de ascensão social. Já sonhava inclusive como iria gastar o dinheiro que ele já via a rodos: um poço com uma bomba mecânica para regar as terras, um cordão de ouro para Amélia.⁴³²

Chegado às courelas, Manuel da Bouça começou a sachar entre o milho verde. Já não vibrava, porém, com o entusiasmo de outrora, que o levava, muitas vezes, a dessedentar a terra, transportando baldes de água do rio até ali. Agora, tudo lhe parecia provisório e mesquinho. O milheiral, quando aloirasse, apresentar-se-ia, como nos outros anos, fanado ou raquítico. Não valia a pena.⁴³³

Num segundo momento, nos “preparativos de partida”, a intenção do emigrante materializa-se “em passos concretos: obtenção de documentação e título de transporte, bem como a finalização de providências a tomar ao ‘encerramento’ da situação anterior”⁴³⁴ tais como a situação relacionada com o emprego, com compromissos, ou obrigações familiares.⁴³⁵

Assim, no dia seguinte, Manuel da Bouça segue para Vale de Cambra para tratar do passaporte na agência de viagens do Nunes. No caminho tudo lhe serve de pretexto justificativo para se auto-convencer da decisão tomada. Ao passar junto do monte de La Sallette, recordou a capela que substituíra actualmente a pequena ermida que ele conhecera em

⁴²⁹ *Idem*, p. 33: O narrador delega, frequentemente, essa responsabilidade à personagem utilizando o discurso indirecto livre.

⁴³⁰ Cf. *Idem*, p. 28.

⁴³¹ *Idem*, p. 28.

⁴³² *Idem*, p. 32.

⁴³³ *Idem*, *ibidem*.

⁴³⁴ *Idem*, pp. 37 e 38.

⁴³⁵ Cf. *Idem*, p. 38.

criança: “E quem fizera tudo aquilo? Os da Vila? Qual! Os que foram ao Brasil, esses sim! Se ninguém fosse ao Brasil se todos os homens fossem como os da Frágua, a Nossa Senhora de La Sallete seria toda a vida uma capelita metida entre tojos e pinheiros.”⁴³⁶

Já na vila, enquanto aguardava a abertura da agência, observa os presos “de caras sinistras” e “corpos escanzelados” que espreitavam das janelas do rés-do-chão da Câmara Municipal. Mais uma vez os pensamentos impulsionadores: «Vão lá dizer a estes que o Brasil é mau! Se lhes dessem a escolher entre o Brasil e a cadeia, iam de caminho para o navio, apressados que nem ratos.»⁴³⁷ Este discurso redundante, contudo, apenas demonstra a grande angústia que se tinha já apossado do futuro emigrante.

Outras contrariedades viriam após a notícia, falsa, publicada n’ *O Liberal*, mandado distribuir, gratuita e estrategicamente, pelo Nunes, no Domingo, durante a Feira dos Nove e onde se anunciava a necessidade de trabalhadores na América. Os amigos que o acompanhariam ao Brasil, Zé do Aido, Rosalino e Anacleto, arrepiaram caminho e resolveram tomar o rumo da América tornando-se, deste modo, as primeiras “vítimas” da notícia.

Conhecida na Frágua a resolução de Zé do Aido, Manuel da Bouça sentiu quebranto de ânimo e rouquejou surdas imprecações contra o leviano, que mudava mais de caminho do que de camisa.

Habituara-se à ideia de ir acompanhado e agora, que ela falia, custava-lhe aceitar aquilo.⁴³⁸

No seu provincianismo tímido, a viagem assustava-o ainda mais do que o futuro incerto: “...o embarque, o navio, a chegada ao Brasil... Tudo aquilo lhe sorria ao lado do Zé do Aido e dos outros; sozinho, confundia-o”⁴³⁹. Daí que os “últimos preparativos” para a viagem, os tenha feito, “cada vez, de pior humor”⁴⁴⁰.

Antes da partida, porém, ainda teve que pagar o suborno que Nunes lhe exigiu, por causa da licença militar, a burocracia que implicava papéis, carimbados e assinados. Finalmente, teve voz de partida do agente: “O vapor está em Lisboa na quinta-feira que vem. É conveniente ir três dias antes, para que no consulado brasileiro ponham o visto no passaporte.”⁴⁴¹ Fora da agência surge o primeiro arrependimento: “Já na praça, futurando a vida, fazendo contas, teve um pressentimento que o fez arrepiar caminho.”

⁴³⁶ *Idem*, p. 38.

⁴³⁷ *Idem*, p. 40.

⁴³⁸ *Idem*, p. 60.

⁴³⁹ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁴⁰ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁴¹ *Idem*, *ibidem*.

Comunicado o dia da partida à família começam os primeiros sinais de despedida. O protagonista consola as mulheres, mas já se tinha apossado dele o sentimento fatalista, que é próprio da mentalidade portuguesa: “Vá! Chorar para quê? Não é coisa do outro mundo! Tinha de ser...” Até perante um carvalho corroído se sente infeliz: “ – A este já não torno a pôr os olhos em cima. E esse pensamento tornou-o tão triste como se lhe tivesse morrido alguém.”

4.1.2. A viagem – etapas de um destino⁴⁴²

Processa-se, enfim, a viagem. Na actualidade não existe uma preocupação tão premente em relação a este factor do percurso migratório: as viagens são rápidas, na maior parte das vezes de avião, contudo, no século XIX e ainda nos três quartéis do século XX as viagens eram realizadas de barco, sobretudo nas migrações além-mar “em que entre a partida e chegada podiam medir vários dias ou mesmo meses, com alguma incerteza em relação a quando, e se a viagem chegaria ao termo previsto”.⁴⁴³

Chega finalmente o dia da partida. A imagem fúnebre é a única que ocorre naquela hora de despedidas, em que a dor atingia o rubro, sobretudo da esposa que “escabujando entre lágrimas”, suplicava que a deixassem acompanhar o marido até à vila. Impediam-na as mulheres do lugar, que tinham vindo acompanhar o momento dramático. Amigos e familiares vieram também para prestar solidariedade.⁴⁴⁴ O emigrante escondia o receio que o invadia: “Manuel da Bouça, sem se volver, para que não adivinhassem o enfraquecimento da sua coragem, repetiu em voz alta: «_ Até à volta!» Mas já Amélia, desprendendo-se de amigos e curiosos, corria atrás dele. (...) Vencido, retrocedeu, abriu os braços e estreitou, mudamente, o peito da mulher”⁴⁴⁵. A filha, assim como o povo, juntaram-se à cena dramática.

⁴⁴² Maria Alzira Seixas, *op.cit.* p. 12: “A perspectiva temática, tradicional mas justificada por vias metodológicas diferenciadas, está quase sempre presente nos trabalhos que se ocupam dos vários tipos de sensibilidade, viajante ao longo da literatura. Por um lado, ela recobre o que a aproximação historicista retém da referência para o interesse predominantemente literário; por outro lado, a ideia de viagem integra potencialmente um conjunto nocional de componentes enraizadas na existência humana (v.g. partida, chegada, projecto, realização, caminho, travessia, finalização, retorno), e, por conseguinte, nas coordenadas de espaço e de tempo que lhe são coextensivas (e em si mesmas secantes), completando necessariamente o conjunto figurativo assim esboçado com a implicação de um impulso accional que mobiliza qualquer instância subjectiva nas suas dimensões de tempo e de lugar, e que se traduz no movimento.”

⁴⁴³ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, p. 60.

⁴⁴⁴ Cf. *Idem*, p. 64

⁴⁴⁵ *Idem*, *ibidem*.

Acompanhado pelo cunhado Joaquim, Manuel da Bouça inicia, assim, a primeira etapa da viagem que o levaria até à estrada onde passava camioneta. Esse percurso é pejado de derradeiros olhares “despedindo-se de tudo apatetadamente”: de Amélia e da filha que “continuavam em transe de pranto”; da casa, que “apesar de caiadinha de fresco, parecia-lhe triste, trespassada pela mesma amargura que descia da Felgueira e vinha estender-se por todo o vale”⁴⁴⁶. Observe-se a profundidade da imagem metafórica que transpõe para os objectos e para a natureza, a representação do sentimento de perda e tristeza do emigrante. Por fim o último olhar ao vale⁴⁴⁷:

Manuel da Bouça demorou-se na contemplação do vale. (...) E tudo lhe parecia, agora, de um encanto indefinido, de uma beleza jamais sentida, tudo se traduzia na sua alma por uma fonte de amargura, que subia, como nevoeiro, a sufocá-lo. (...) Levou a mão aos olhos e limpou as lágrimas, as primeiras”.⁴⁴⁸

Após a despedida da tia Rita da Fonte, apanha a camioneta, com o cunhado, em direcção à estação de Oliveira de Azeméis. A viagem traz-lhe novos momentos de “rêverie” já antevendo o sucesso, como forma de fugir à angústia. A partida é já garantia de regresso pródigo: «Quando voltasse, havia de passar ali, sozinho, no automóvel do Carrelhas – sozinho porque não mandaria dizer em que dia chegaria... Havia de dar uma grande surpresa à Amélia e à Deolinda. Mas quantos anos seriam precisos para isso?»⁴⁴⁹

Por fim, já na estação, despede-se do cunhado e sobe, para o comboio que o levará a Lisboa onde o seu provincianismo se perturba: o receio da perda da bagagem, o espanto perante a capital movimentada: “Por onde iria ele? Por onde? Quem tem boca vai a Roma...”⁴⁵⁰. E o estribilho popular incentiva-o a ir em busca do contrerrâneo. Apesar de tudo, a cidade começou a assustá-lo:

Confundia-o o movimento, a alta fachada dos edificios, a multiplicidade de aspectos que as suas pupilas campesinas encontravam por toda a parte. E tornou-se mais humilde, mais desajeitado: o saco no chão, a mão a procurar no bolso o endereço do Custódio e, depois, os olhos, em busca de pessoa se lhe afigurasse menos orgulhosa, mais pobre, mais simples, mais igual a ele.⁴⁵¹

⁴⁴⁶ *idem*, pp. 64 e 65.

⁴⁴⁷ Observe-se a semelhança da atitude de despedida da personagem na narrativa, com a imagem sugerida na pintura “O Emigrante” de José Malhoa, nas “Figura 1” e “Figura 2” em anexo.

⁴⁴⁸ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 65.

⁴⁴⁹ *Idem*, p. 67.

⁴⁵⁰ *Idem*, p. 69.

⁴⁵¹ *Idem*, p. 70.

Uma personagem típica de Lisboa – uma varina – foi a escolhida; “mas, à voz de mendigo com que ele, estendendo o bilhete, lhe pediu a indicação da rua lá escrita, ela respondeu espevitadamente” que também não sabia ler. O analfabetismo era lugar comum entre os pobres e simples.

A passagem pela cidade de Lisboa, será uma experiência perturbadora, uma espécie de iniciação ao futuro tormentoso que o aguardava. Esta iniciação culminaria na passagem pelo consulado brasileiro. Aí “homens e mulheres comprimiam-se em mancha escura, transbordando pelos degraus e esperando, esperando que se desse mais uma volta à chave da porta por onde deviam sair do país”.⁴⁵²

A experiência do consulado brasileiro permite ao narrador prosseguir o tom de denúncia em relação à burocracia. Sublinhe-se neste episódio, o realismo das descrições que se efectuam, através do vocabulário ou de expressões recorrentes, denominando a multidão dos emigrantes: a “rebanhada”, a “negra massa humana”, o “monte de carne humana e trapo”, que tal como Manuel da Bouça, se submetem a mais esta prova⁴⁵³. Todos na miragem do sonho dourado.

Estavam ali famílias completas, que iam dos corpitos recém-nascidos aos espigados em adolescência e destes aos mancebos de rúbicas faces, livres já nas sortes militares, para terminar nos fecundadores da prole, entrados em idade – carne exausta por canseiras e preocupações, que demandava exílio à busca de pão mais tenro. Havia já esgotado comentários, exclamações e risos em espera de muitas horas.⁴⁵⁴

O próprio protagonista tomou o seu lugar na fila à noite para madrugar no consulado: “mais um cigarro a queimar a epiderme negra da noite”, até que a exaustão o obrigou a dormir no degrau da escada, que lhe serviu de enxerga e de almofada. Estamos perante um quadro naturalista, cheio de imagens grotescas, do acordar do “rebanho” “famélico”, “encurralado ali”, e que o narrador expõe aos nossos olhos,⁴⁵⁵

Por fim, após horas de espera sofrida, a porta abriu-se e a “cabeça do cortejo avançou, então, humilde pusilânime”. Só às três horas da tarde Manuel da Bouça se submeteu às mesmas formalidades dos seus companheiros de espera. Os diálogos travados, mostram a

⁴⁵² Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 72

⁴⁵³ Cf. *Idem*, p. 72 e 73. As descrições naturalistas têm semelhança com o estilo de Zola. O feio e o grotesco, estão presentes, tal como o vão adoptar a estética neo-realista.

⁴⁵⁴ *Idem*, p. 72.

⁴⁵⁵ Cf. *Idem*, p. 75.

desumanidade e a indiferença mecânica, com que os funcionários tratam os emigrantes. É ilustrativa a situação citada:

— Agora, para a inspecção. — E como ele não compreendesse: — lá em cima, no segundo andar. Quis ainda inquirir, mas já o funcionário atendia outro emigrante, com os mesmos invariáveis termos. Pôs-se, então, no encalço daquele que o precedera na cerimónia e encontrou-se, subidos os dois lanços, perante um médico de bata branca que burocraticamente, disparou:

— É vacinado?⁴⁵⁶

Após ter-se submetido a fazer tudo o que lhe mandavam, sem fazer perguntas, e “enquanto vestia o casaco, Manuel da Bouça incluía a operação sofrida entre os muitos perigos que um homem tinha de afrontar para ir ao Brasil...”.

Por fim chegou a hora da partida. Acompanhado de Custódio, o protagonista enfileira mais uma vez o “rebanho hesitante”, que se prepara para mais uma “formalidade”:

Era necessária outra inspecção médica antes de se abandonar, temporária, ou definitivamente, a terra nativa. (...) E eles, dóceis animais, lá foram ante o olho clínico, a carne fatigada, para receber o último carimbo.⁴⁵⁷

Manuel da Bouça com os outros emigrantes vai em direcção ao navio depois da última despedida: “E foi de Custódio o único aceno que ele teve quando o rebocador se afastou de terra.”. Tudo era novo ali, sentia-se confuso e assustado, sobretudo solitário: “sentia a necessidade instintiva de se chegar a alguém, para suportar melhor a admiração, o quase medo que o cenário desconhecido causava”. Procurou o casal que tinha conhecido no consulado.

Na descrição do porto de mar, do movimento dos barcos e das pessoas, o narrador sublinha o “friso sombrio de emigrantes”⁴⁵⁸, quando estes sobem para o navio: “Iam cheios de cuidados para não cair, cada vez mais humildes e amarfanhados pelo ambiente desconhecido. As suas mãos eram garras na corda bamba e os seus pés pressentiam o vácuo a cada novo degrau.”⁴⁵⁹

Mas a subida é só momentânea: ela simboliza a entrada para os infernos homéricos, pois em cima, na porta, “estavam uns cérberos de farda, graves, sisudos, e logo, perante basta

⁴⁵⁶ *Idem*, p. 77.

⁴⁵⁷ *Idem*, p. 78.

⁴⁵⁸ *Idem*, p. 79.

⁴⁵⁹ *Idem*, *ibidem*.

papelada”⁴⁶⁰, procediam à “conferência dos que entravam”⁴⁶¹. O “rebanho”, seguindo depois um tripulante, começou a descer “escadas negras, tacteando corrimãos húmidos, tropeçando ao longo das galerias obscuras, até verem os seus beliches uns por cima dos outros, como gavetões de jazigos.” Já no convés puderam deitar um último olhar à cidade que “resplandecia” sob o mesmo sol que iluminava também o navio e que contrastava com a tristeza dos emigrantes. O “Darro”, assim se chamava o navio, punha-se em marcha. Repare-se nas frases redundantes que traduzem o espanto dos emigrantes:

E todos os emigrantes estavam ali, na amurada, a ver, a ver nem eles sabiam o quê, já sem vulto amigo a quem enviar um adeus, já sem possibilidade de fazer aceno de despedida que não se perdesse, como um ruflar de gaivota, na vastidão da enseada. Aquela mansa saída do rio, sob a indiferença da cidade, comovia a quase todos eles. (...) E os emigrantes continuavam a olhar. Só agora, com a vida atirada ao incógnito, eles sentiam, instintivamente, a ligação, nunca até ali compreendida, das aldeias em que nasceram com a cidade que se ia esfumando à popa do navio, entre sol e azul. E contemplavam-na, emocionados, vencidos pelo coração, como se nela se focassem os panoramas nativos com as suas figuras e a sua saudade.⁴⁶²

A “massa humana” é instalada na famosa terceira classe dos navios, que “era negra, negra, viscosa e sufocante”⁴⁶³. Os emigrantes sofriam os enjoos de quem não está habituado à vida no mar; “ficavam pálidos, e olheirentos, a respirar com dificuldade”⁴⁶⁴, sobretudo nos primeiros dias de viagem, em que “a terceira do “Darro”, era sobre o mar cada vez mais crespo, cada vez crescendo mais em outeiros azuis e movediços, um curral flutuante, onde se comprimia grande rebanho”⁴⁶⁵.

Mas não eram só portugueses que ocupavam a mesma classe de Manuel da Bouça, também havia romenos, italianos, sírios que se dirigiam para “S. Paulo ou à Argentina – lares inteiros que se deslocavam, famintos de pão e futuro”⁴⁶⁶. A engrossar o rebanho, galegos, polacas (que demandavam ao Brasil para negociar o corpo), e russos, todos transportando, nos olhos e no coração, a mesma miragem dos lusos. E a denúncia surge inexorável:

⁴⁶⁰ *Idem*, p. 79. Temos a referência à entrada dos infernos que era guardada por Cérbero, o cão de três cabeças. O cão permitia a entrada dos mortos mas não a sua saída. A intertextualidade com a Eneida funciona como uma “mise-en-abyme” e revela o lugar em que nosso “Eneidas” do século XX, é colocado. Cf. Joel Schmidt, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Edições 70, 1995, p. 67.

⁴⁶¹ *Idem, ibidem*.

⁴⁶² Ferreira de Castro, *op. cit.*, p. 80. “Saudade”. A palavra surge pela primeira vez na narrativa. Ela estará sempre presente a partir daquele momento.

⁴⁶³ Ferreira de Castro, p. 81.

⁴⁶⁴ *Idem, ibidem*.

⁴⁶⁵ *Idem, ibidem*.

⁴⁶⁶ *Idem, ibidem*.

E todos com o mesmo sonho doirado, o mesmo verme a corroer-lhe as entranhas, a enroscar-se-lhes nos mais arreigados sentimentos. A Europa hipnotizada pela moeda de ouro que a América erguia sobre a linha azul do Atlântico, marchava em êxodo constante à conquista do ídolo. O velho continente abria o peito e entregava ao novo, periodicamente, envolto em trapos, o que ainda tinha de promotor e de são, numa sangria das suas melhores energias, que se iam caldear com outras na terra distante, para erguer um mundo inédito sob a magia da ambição e da aventura.⁴⁶⁷

Todos cegos, fugindo “às garras de uma laboriosa miséria”⁴⁶⁸, tornavam-se, contudo, carregamentos de “carne humana, escravos não de implacável senhor, como os de outrora, mas de uma ambição que era mais implacável ainda”⁴⁶⁹. E os vocábulos repetidos sublinhando o sentimento da ganância: “Serem ricos, ricos, ricos!” Contudo, enquanto essa riqueza não chegava, os emigrantes eram apenas “manchas negras, arpejiadas, vultos que cambaleavam nas galerias”, com as “bocas contraídas e babadas pela náusea”⁴⁷⁰, por sobre o mar encrespado.

Depois do hábito e da calma do mar, as suas vidas tornaram-se mais suportáveis e a sua principal preocupação tornou-se em como fazer escorrer o tempo, perante a longa viagem que tinham pela frente. Começaram-se a ouvir canções e instrumentos de música, jogava-se às cartas, dormia-se, observavam-se os “senhores da primeira classe, que dispunham de um convés enxuto e podiam andar à vontade de um lado para o outro”⁴⁷¹, marcando deste modo o desnível social que, ali e em toda a parte, iriam sentir.

O tempo mediava-se pela hora de comer e de dormir. Nos intervalos “constituíam-se grupos, homens e mulheres, cabeças pendidas pela saudade, xales, rostos de crianças, seios ao léu, numa promiscuidade cigana”⁴⁷². Impacientes, preocupava-os o que o destino lhes reservava: «Tomara já chegar! E o futuro? E o futuro? Que irá suceder?»⁴⁷³

Na primeira classe esta angústia não era sentida. O narrador sublinha o contraste vivido entre os dois mundos, que habitavam o navio, e que não eram mais do que uma amostra representativa do mundo que tinham abandonado, e do mundo que os esperava do outro lado do atlântico. A própria escolha do léxico e a adjectivação marcam a distância em relação à descrição anterior.

⁴⁶⁷ *Idem*, p. 82.

⁴⁶⁸ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁶⁹ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁷⁰ *Idem*, p. 83.

⁴⁷¹ *Idem*, p. 84.

⁴⁷² *Idem*, p. 85.

⁴⁷³ *Idem*, *ibidem*.

Na primeira classe, ao longo do convés, em cadeiras de lona e de vime, estendiam-se, indolentemente, corpos de gentes afortunadas – um livro entre as mãos ou uma «écharpe» tremulando. E do salão de música saía, vibrava um instante no espaço e apagava-se depois, um trecho de ópera.⁴⁷⁴

Durante a viagem, um acontecimento perturbou por algum tempo a monotonia vivida. Foi realizada uma rusga ao navio por suspeita de viajantes clandestinos a bordo. Esse facto obrigou os emigrantes a apresentarem a documentação, de modo a apanhar os infractores: um minhoto e um bilbaíno. Duas histórias encaixadas na narrativa primeira e narrada pelas personagens cativas, na confissão ao comissário.⁴⁷⁵ Clamavam piedade para “que não lhes fizessem mal; eram pobres de Cristo, braços sem trabalho e queriam apenas ir ganhar a sua vida, que em Portugal e Espanha um pobre não podia viver”⁴⁷⁶.

Já sabemos que os clandestinos eram lugar comum nestas viagens. Não conseguindo a documentação necessária para embarcar, por falta de dinheiro, ou impedimentos de ordem militar ou sanitária, lançavam-se na perigosa aventura da clandestinidade. A sua descoberta é punida severamente. O destino dos dois seria o “inferno” da casa das máquinas, alimentando as fornalhas de carvão.

Um dia ao amanhecer alguém anunciou “terra à vista” acordando “muitos do rebanho”⁴⁷⁷. Manuel da Bouça e os companheiros perscrutavam o horizonte em busca da terra sonhada: “De plúmbeo, o céu passara a purpurino. Formando castelo maravilhoso, viu-se a primeira nuvem branca e, com ela, uma sombra irregular na linha do horizonte.”⁴⁷⁸

A linha foi-se tornando mais nítida e os “outros emigrantes faziam a mesma descoberta, estendiam o braço e indicavam, com alvoroço, a costa brasileira”⁴⁷⁹. A este grupo associou-se a “rédua inteira” e todos juntos formavam um conjunto impressionante: “aglomerado negro de miséria – expressões patéticas voltadas para a terra aonde o «Darro» aproava.”⁴⁸⁰ Indiferentes a tudo, o rebanho só conseguia ver fascinado, em uníssono, a “terra prometida” que estava mesmo ali na sua frente.⁴⁸¹ Tinham chegado ao Rio de Janeiro.

⁴⁷⁴ *Idem, ibidem.*

⁴⁷⁵ Cf. *Idem*, pp. 86 e 87.

⁴⁷⁶ *Idem*, p. 88. Observe-se o discurso indirecto livre.

⁴⁷⁷ *Idem*, p. 91.

⁴⁷⁸ *Idem, ibidem.*

⁴⁷⁹ *Idem, ibidem.*

⁴⁸⁰ *Idem, ibidem.*

⁴⁸¹ *Idem, ibidem.*

Nem todos os emigrantes seguiam para Santos. As despedidas recomeçaram fruto das amizades feitas durante a viagem, desejos de felicidades mútuas eram trocados. Os viajantes da terceira classe que desembarcavam no rio sofriam o primeiro desaire: uma estadia na “ilha das Flores, onde deviam sofrer rigorosa quarentena”. E não são alheios à discriminação sofrida: “_ Temos de ir para o lazareto ou lá o que é! Mas só nós, os pobres... Os da primeira vão para a cidade. Como se não fossemos todos iguais! Dizem que nos sustentam, que nos dão casa...”⁴⁸². Apesar da revolta resignam-se, humildes, e seguem pelo “corredor da intermediária”.⁴⁸³

Surge o primeiro abandono também. Muitos deles aguardavam rostos conhecidos, a quem tinham comunicado a sua partida: “Estranhavam a ausência, em que não haviam pensado, dos contratados a que escreveram duas letras ou os que os tinham induzido a vir e que não apareceram no cais.”⁴⁸⁴ E regressava o estribilho, já gasto, de quem “tem boca vai a Roma”.

Dado que o navio ainda demorava algum tempo a partir, Manuel da Bouça e Janardo, um português com quem travou conhecimento durante a viagem, resolveram fazer uma incursão à cidade onde a opulência e o progresso ultrapassavam todas as expectativas do nosso herói, perturbando-o:

Manuel da Bouça contemplava com admiração, os altos edifícios da grande artéria, as imponentes fachadas de muitos deles, os torreões que alguns lançavam para o céu e aquela profusão de tabuletas comerciais, de anúncios, de bandeiras, de objectos expostos, rebrilhando nas vitrinas e deslumbrando os seus olhos de camponês.⁴⁸⁵

Mas o seu deslumbramento não se limitava aos lugares. Até as pessoas eram diferentes. As mulheres, por exemplo revelavam toda a sua sensualidade: “perturbantes, figurinhas delicadas, o vestido de seda colado às formas, insinuando-as, revelando-as quase – e na boca vermelha e nos olhos quentes uma expressão sensual” e a imagem fê-lo lembrar Amélia e a filha “bem pobres, bem humildes, comparadas com elas.”

Morta a sede de curiosidade, os dois emigrantes regressaram para prosseguir a viagem. No regresso, Manuel da Bouça extasiava-se “ante a obra, apenas lóbriga, que aquele pedaço da Humanidade criava e desenvolvia, com febril potência e sentido civilizado,

⁴⁸² *Idem*, p. 95.

⁴⁸³ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁸⁴ *Idem*, *ibidem*.

⁴⁸⁵ *Idem*, p. 97.

na outra margem do Atlântico”⁴⁸⁶. A companhia de Janardo dava-lhe confiança sobretudo pelo facto de este se ter oferecido para procurar o contrerrâneo.

No dia seguinte, finalmente, o «Darro» chegou ao destino do protagonista – Santos⁴⁸⁷. Contudo, o porto “deslumbrara menos os olhos dos emigrantes”. Antes do desembarque mais um chamamento “para a cerimónia da inspecção” e, mais uma vez, os emigrantes comprimindo-se “entre a escotilha e a amurada” encheram “de negrume o local”, após o que foi lido um edital pelas autoridades competentes. O edital, lido em italiano e depois em espanhol, convidava os imigrantes a trabalhar na lavoura, garantindo-lhes, contrato, alojamento e sustento⁴⁸⁸.

Tomando conhecimento do edital após a tradução feita por Janardo, Manuel da Bouça tem uma reacção imediata, mesmo perante as promessas e a protecção oficial: “Não faltava mais nada do que vir ao Brasil para me agarrar à enxada!”⁴⁸⁹

Depois de desembarcar “a manada da terceira”, não sem antes sofrer os últimos entraves burocráticos, Manuel da Bouça, sente uma “comoção angustiosa, como que a suspensão de todos os sentidos. Dera-se dentro do seu peito, uma síncope inexplicável; criara-se de súbito um vácuo – um vácuo que era, simultaneamente expectativa, alvoroço e medo.”⁴⁹⁰ O navio era o último laço a ligá-lo ao solo pátrio.

Acompanhado de Janardo encontra a loja do Cipriano, que Manuel da Bouça, julgava rico, mas a sua riqueza não passa de mais uma ilusão criada pelo próprio na pátria para ultrapassar a vergonha do insucesso. O diálogo é reticente pela incredulidade de um e a situação intimidadora do outro:

– Mas lá na terra todos te dão por bem estabelecido...

– Isso fui eu que mandei dizer... Todos nós mandamos dizer que estamos bem, que é para a nossa família não se afligir e para não fazermos má figura junto dos desconhecidos...⁴⁹¹

O encontro com Cipriano fá-lo arrepiar caminho perante o quadro negro da situação de quase escravatura e exploração em que o contrerrâneo vive. Pairando sobre a sua cabeça a

⁴⁸⁶ *Idem*, pp. 98 e 99

⁴⁸⁷ Entre 1890 e 1930 houve um forte contencioso de emigrantes para Santos e São Paulo, motivado pela falta de mão-de-obra para a actividade cafeeira. Cf. Maria Izilda Santos de Matos, “Estratégias de Sobrevivência – a imigração Portuguesa e o Mundo do Trabalho”, in *Emigração/imigração em Portugal*, p. 218.

⁴⁸⁸ *Idem*, p. 219: Existia uma “política imigrantista em massa e subvencionada pelo Governo”.

⁴⁸⁹ Ferreira de Castro, *op. cit.* p. 103.

⁴⁹⁰ *Idem*, p. 106.

⁴⁹¹ *Idem*, p. 111.

ameaça de se ver desempregado acaba por aceitar, humilhado, os duzentos e cinquenta mil réis por mês que lhe tinham oferecido a bordo. Era o primeiro ruir do sonho: “as cobiçadas terras da margem do Caima, a sua casa, a mulher, a filha”⁴⁹² tudo “desmoronando, lentamente, lentamente, como num sonho.”

4.1.3 A adaptação – um sonho sempre adiado

Segue-se a primeira instalação, “após a chegada do país de destino”. Segundo Maria Beatriz Rocha-Trindade, para que o indivíduo estabeleça residência, inicie a actividade profissional e se adapte ao meio social em que se pretende inserir, será da maior importância a “personalidade, iniciativa e capacidade de adaptação do emigrante”. Outro factor que entra em linha de conta, refere-se ao “enquadramento proporcionado pelas redes ou estruturas de acolhimento”, se existentes, e que contribuem para o sucesso da adaptação.⁴⁹³

O momento anterior apresenta-nos um quadro essencialmente provisório, ao qual se segue uma “estabilização” importante para a “estada no país receptor”: a inserção. Neste ponto pode surgir o “reagrupamento familiar, a multiplicação de gerações” e criação de uma comunidade.⁴⁹⁴ Esta situação não se vai verificar com o protagonista de *Emigrantes*. Sabemos que o seu objectivo principal sempre foi o regresso, após a obtenção do dinheiro necessário, ao núcleo familiar e à pátria.

Ter tomado conhecimento da verdadeira situação dos emigrantes pela boca de Cipriano, já foi suficientemente decepcionante, provocando-lhe o desalento perante as visões de riqueza. Ainda o seria mais a cena, de que foi testemunha, da janela do comboio que o levava à hospedaria dos emigrantes, e depois à fazenda de Santa Efigénia. Mais uma descrição naturalista chocante de miséria humana, que denuncia a emigração descontrolada e exploradora:

Lá fora, alguns metros além da linha férrea, acampava promíscuo e maltrapilho bando de homens, mulheres e crianças. Dir-se-ia a população de um cemitério, recém-ressuscitada. Faces esqueléticas, corpos definhados sob os trapos bamboeantes, as melenas enrijadas – e, entre o grupo, umas longas barbas, sobre as quais o nariz tinha a cor do marfim e os olhos cavos esmoreciam de fadiga. Nuas, as crianças suportavam com dificuldade um ventre desconforme de palustre, entre o peito

⁴⁹² *Idem*, p. 112.

⁴⁹³ Cf. Maria Beatriz Rocha Trindade, *op.cit.*, p. 39.

⁴⁹⁴ Cf. *Idem*, *ibidem*.

mirrado e as pernitias magricelas: Se não fosse a miséria gritando do seu último degrau, afirmar-se-ia ser de ciganos a sinistra manada.⁴⁹⁵

E assim o narrador prossegue a chocante descrição, abstendo-se de comentários, pois o “quadro” que nos apresenta é suficientemente elucidativo para fazer despertar o leitor da letargia⁴⁹⁶. Manuel da Bouça toma conhecimento da situação daqueles infelizes, pela voz indignada de um passageiro, que se transforma em narrador para contar a saga “pungente” dos desgraçados.⁴⁹⁷

Na hospedaria sente a solidão da língua no meio dos outros emigrantes, quase todos eles italianos: “cirandava de ouvido à escuta de idioma compreensível, em que ele pudesse compartilhar, eliminando o peso que tinha no coração.”⁴⁹⁸ À hora do jantar, por fim conseguiu escutar alguém que falava a língua pátria e Manuel da Bouça não mais o perdeu de vista, “até o ter a jeito de palavrear sem o acanhamento que lhe daria a presença de estranhos.”⁴⁹⁹ Por ele, tem conhecimento da situação dos emigrantes portugueses: “Por aqui não se encontra viva alma de português. Não admira: todos eles vêm para o comércio, mas agora, que já não fazem nada, é que elas vão ser. Há por aí portugueses a dar com um pau e que fariam muito melhor se deixassem a cidade e fossem tentar a sorte com uma enxada.”⁵⁰⁰

Esta situação começou a verificar-se face o aumento progressivo da emigração, no final do século XIX e no princípio do século XX. O comércio deixou, por isso, de constituir o principal absorvente de mão-de-obra, modificando o tradicional “estatuto profissional do português em terras brasileiras.”⁵⁰¹ A imagem do “Brasileiro” rico à custa do comércio, o “torna-viagem” eternamente em negócios, vai gradualmente desaparecendo. As necessidades de “mão-de-obra maciça” que o Brasil procurava já não comportavam este perfil tradicional: os tempos eram outros. As plantações, estradas, portos e vias férreas eram, então, os principais empreendimentos carentes de mão-de-obra.⁵⁰²

O patricio já estava ali há alguns anos e apenas tinha conseguido dinheiro para ir matar saudades a Portugal. As suas confissões eram tão “descoroçadoras” que Manuel da Bouça ficou “com o coração apertado como se estivesse entre duas mós”⁵⁰³ e as suas palavras

⁴⁹⁵ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 122.

⁴⁹⁶ Cf. *Idem*, p. 123.

⁴⁹⁷ Cf. *Idem*, *ibidem*.

⁴⁹⁸ *Idem*, p. 127.

⁴⁹⁹ *Idem*, p. 128.

⁵⁰⁰ *Idem*, p. 129.

⁵⁰¹ Jorge Fernando Alves, “Lógicas Migratórias no Porto oitocentista”, *op.cit.*, p. 86.

⁵⁰² Cf. *Idem*, p. 87.

⁵⁰³ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 130.

iam caindo na alma como “nacos de brasas” Confirmavam-se as palavras de Cipriano: a pobreza que a todos atinge, a vergonha de regressar à terra natal, tão pobres como tinham partido. Por isso, logo que se matam “saudades, se uma pessoa não trouxe dinheiro deixa logo a aldeia e vai para um lugar onde não seja feio ser pobre”⁵⁰⁴.

A mudança de nível narrativo acaba por desmistificar, de modo contundente, a áurea migratória, que se construía em Portugal. O narrador heterodiegético, ao delegar a responsabilidade narrativa a um narrador homodiegético, através das diversas histórias encaixadas, fiabiliza e alarga a informação dada ao narratário intradiegético, neste caso Manuel da Bouça, aumentando, de modo sistemático, a sua angústia. O efeito comunicativo é muito mais intenso pois não só o informa como condiciona o protagonista⁵⁰⁵.

Depois de se despedir do patrício, a sua ansiedade voltou: “ Eu terei sorte, meu Deus? Eu terei sorte?”⁵⁰⁶

Após ser alvo da avaliação, tal como o foram todos os emigrantes, é contratado por um coronel para a fazenda de santa Efigénia. A contratação de imigrantes para as fazendas não se afasta muito da escolha dos escravos:

À medida que os imigrantes entravam na sala, ele envolvia-os num olhar esperto e tangomão, muito habituado a avaliar a energia de cada um. Atrás dele aguardavam outras figuras, outros fazendeiros à espera para se abastecerem de serviçais.⁵⁰⁷

O protagonista foi escolhido entre uma leva de vinte, contratados por um ano, a cento e cinquenta mil réis por mês, para a safra do café⁵⁰⁸, resignando-se de coração oprimido e adiando para o fim do contrato “as grandes ambições que trouxera”⁵⁰⁹. A partir de agora ter-se-ia que habituar às alcunhas que sofriam os imigrantes portugueses por parte dos fazendeiros que os apelidavam de “carcamandos, pé-de-boi, e outras coisas mais”⁵¹⁰

⁵⁰⁴ *Idem, ibidem.*

⁵⁰⁵ Cf. *Dicionário de Metalinguagens da Didática*, p. 133.

⁵⁰⁶ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 131.

⁵⁰⁷ *Idem*, p. 132.

⁵⁰⁸ Maria Izilda Santos de Matos, “Estratégias de Sobrevivência – a imigração Portuguesa e o Mundo do Trabalho”, in *Emigração/imigração em Portugal*, p 219, “A saga dos imigrantes na actividade cafeeira é descrita nos relatórios da época, que estão repletos de denúncias: os baixos salários eram reduzidos pelas multas lançadas; a impontualidade e as fraudes nos pagamentos, confiscos, pesos e medidas ilegais, os endividamentos nos armazéns das fazendas, somavam-se à disciplina coerciva e à violência física contra os colonos.”

⁵⁰⁹ Cf. Ferreira de Castro, *op.cit.*, p 133.

⁵¹⁰ *Idem*, p. 131.

Manuel da Bouça estava transido. Agora, que os espírito se ligava, por cima dos dias decorridos, à sua partida da aldeia natal, ao amor da mulher e da filha, às ilusões que tecera, a derrota pesava-lhe e ele sentia profunda infelicidade.⁵¹¹

Resolve enviar a primeira carta a Amélia com a ajuda do patrício. A voz a “chorar na garganta”, dita uma carta cheia de piedosas mentiras⁵¹² onde aceita o que o destino lhe reserva.

Em Santa Efigénia foi instalado num “casinhoto” junto com um calabrês. Tanto ele como os novos imigrantes foram recebidos calorosamente pelos que já aí trabalhavam havia anos. A solidariedade era evidente para com os recém-chegados. Os trabalhadores eram maioritariamente italianos, foi através de um, que já arranhava o português, que soube da existência de um luso na fazenda. E não descansou enquanto não travou conhecimento com ele. Era um velho de cinquenta anos, de seu nome Bernardo, a oferecer-lhe, já com o sotaque brasileiro, todo o apoio que precisasse.

Bernardo surge como mais um narrador intradieético a contar a história da sua vida, numa linguagem original viciada, “suprimindo muitos *rr*, esdruxulando as palavras graves e acentuando quase todas as sílabas”⁵¹³. As palavras do imigrante e a sua situação vão cavar ainda mais fundo a decepção de Manuel da Bouça.⁵¹⁴

No dia seguinte, inicia o trabalho duro de cortar árvores para aumentar a fazenda, e embora as árvores fossem outras que não as da sua terra, o trabalho animou-o. Só ao fim do dia as saudades da mulher voltaram, quando teve que fazer o jantar, chorou perante a solidão: «Agora ele não tinha ninguém... Agora ele não tinha ninguém...»⁵¹⁵

A época das colheitas alterou o trabalho. Eram precisos todos os braços, para a safra do café. Já haviam decorrido cinco meses e Manuel da Bouça começava a creditar nas palavras dos relatos dos conterrâneos. Não conseguia juntar dinheiro por mais que poupasse na comida pois o “que sobejava dos gastos forçados ia todo para desconto da rede e dos utensílios, de toda a tralha que o coronel Borba lhe vendera pelo dobro do preço exigido em qualquer outra parte.”⁵¹⁶ Amealhar dinheiro para enviar a Amélia era um sonho cada vez mais longínquo.

⁵¹¹ *Idem*, p. 134.

⁵¹² *Idem*, *ibidem*.

⁵¹³ Cf. *Idem*, p. 141.

⁵¹⁴ Esta alternância entre a narrativa de primeiro nível e de segundo nível, tem um efeito crescentemente destruidor no protagonista. Os testemunhos são vividos por indivíduos que como ele viram os seus sonhos desfeitos.

⁵¹⁵ *Idem*, p. 143.

⁵¹⁶ *Idem*, p. 146.

A solidão levou-o a interessar-se por uma mulata, de nome Benvinda, que vivia com a velha mãe, negra e incapacitada. Apesar do conflito gerado pela fidelidade à mulher, não conseguiu resistir aos seus encantos. E, durante algum tempo, Manuel seria relativamente feliz nos seus braços. Felicidade que não duraria muito tempo, pois o capataz, invejoso, começa a persegui-la e a revelar os seus interesses sexuais, chantageando-a.⁵¹⁷ Numa atitude nobre, e temendo a reacção violenta do amante, que já odiava o capataz, pela forma desumana com que tratava os nativos e os imigrantes, abandona a fazenda.

Esta situação provoca um novo desenvolvimento na narrativa: Manuel da Bouça decepcionado com a fazenda e, estando prestes a finalizar o contrato que o prendia à lavoura, abandona Santa Efigénia. Já adaptado ao país vai à procura de novas miragens. O seu destino seria São Paulo, onde, após algum tempo sem trabalho, nos surge como funcionário de um armazém.

4.1.4. O regresso – matar as saudades

O penúltimo momento do percurso migratório pode apresentar duas vertentes: a fixação ou o regresso. A primeira implica a naturalização e apresenta-se com “carácter permanente” em que o indivíduo migrante opta pela “aquisição de uma nova nacionalidade”. A segunda implica o “regresso ao país de origem”, o que acontece quando “foram totalmente atingidos os objectivos” a que se tinha proposto aquando da partida, sobretudo se esse factor estava no seu horizonte. O “insucesso total e irremediável” pode ser também uma condicionante para o regresso.⁵¹⁸

Esta transferência de espaço para S. Paulo vai criar novas expectativas optimistas em relação ao futuro do protagonista. Contudo, verificamos que a sua situação evolui no sentido inverso.

Em São Paulo, “farol de civilização que estendia seu poder fascinante por todo o interior do Estado, guloso de prazer” e onde os estrangeiros admitiam a “existência do oiro sonhado”, recebe uma carta de Amélia onde esta lhe comunica a notícia da perda das courelas. Surge o amargo arrependimento perante aquela desgraça: “Antes não tivesse saído

⁵¹⁷ Em *Gaibéus*, vai existir uma situação semelhante. Os capatazes a quem os senhores davam todo o poder, abusavam dos trabalhadores e as mulheres, sobretudo jovens e bonitas eram os alvos mais fáceis.

⁵¹⁸ Cf. *Idem, ibidem*.

de casa!”⁵¹⁹. Chora angustiado a sua má sorte: “Levaram-me tudo! Anda um homem a labutar toda a vida para no fim...”⁵²⁰

Apesar da solidariedade dos colegas, Manuel da Bouça não consegue deixar de lamentar a sua má sorte: «Tudo perdido! Tudo perdido! Não arranjava nada até agora, já não arranjava nada. Não tinha sorte...»⁵²¹

A perda dos bens, a doença da mulher trouxeram-lhe violento assomo de saudades e sua única obsessão tornou-se no desejo do regresso. Tudo o fazia recordar a sua aldeia natal. As saudades eram tamanhas que até “sentia saudades do Inverno, saudades da própria tristeza do Inverno”⁵²², das árvores despidas.

O vocábulo “saudade” é uma expressão tipicamente portuguesa. Em nenhuma outra língua ela é encontrada. Traduz-se num sentimento de ausência de algo que se ama. D. Duarte Nunes Leão foi um dos primeiros intelectuais a reflectir sobre a palavra:

“Saudade – este aspecto, como é próprio dos Portugueses que naturalmente são maviosos e afeiçoados, não há língua em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda que por muitas palavras se declare bem. (...) é vontade de ver alguém que não está presente, sendo saudade palavra que não se diz somente referindo a pessoas, mas a cousas inanimadas, porque temos saudade de ver a terra em que nascemos, ou em que nos criámos, ou em que nos vimos em algum gosto ou prosperidade. Pelo que, parece mais lhe podia quadrar esta definição que é: lembrança de alguma cousa com desejo dela.”⁵²³

Poetas e prosadores, críticos e ensaístas portugueses, têm explorado o tema, que parece inesgotável, nos seus mais variados aspectos. A saudade no emigrante, essa agiganta-se e preenche o espaço vazio que a pátria deixa ausente. Ela desperta a nostalgia do regresso e tudo o que observa no país estrangeiro lhe recorda a pátria nativa, por semelhança ou por contraste.

À emigração devemos, portanto, uma das características mais marcantes do povo português. A saudade tornar-se-ia na alma da nossa cultura e da nossa literatura, para além das outras implicações culturais e mentais, tendo em conta que, ao longo de séculos, foram

⁵¹⁹ *Idem*, p. 179.

⁵²⁰ *Idem*, p. 180.

⁵²¹ *Idem*, p. 181.

⁵²² *Idem*, *ibidem*.

⁵²³ D. Duarte Nunes Leão, Excerto do cap. XXI de “Origem da Língua Portuguesa” (1606) in *Filosofia da Saudade*, Selecção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Colecção Pensamento Português, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Maia, 1986.

expandidas, por todo o mundo, não só a cultura mas, e sobretudo, a língua portuguesa. O Brasil, um dos maiores países do mundo, é devedor desse contributo.

Prestemos atenção, portanto, aos que partem sem regresso e difundem a língua portuguesa no Mundo, aos que partem e regressam para contar a sua experiência, aos que ficaram à espera e na saudade encontraram um motivo para não desesperar de todo, como que uma razão de ser.⁵²⁴

O mesmo vai suceder com o “Ulisses” de *Emigrantes*, que deseja ardentemente regressar à sua “Ítaca” e à sua “Pénelope”, que o aguarda desesperada. Começa por sentir saudades de pequenos momentos, imagens agradáveis do aconchego onde “as quatro achas que ardiam na lareira”⁵²⁵ aqueciam o jarro de vinho, que depois “se sorvia aos goles, vagarosamente!”⁵²⁶, enquanto lá fora a brancura da neve cobria os telhados e os caminhos.

Ao recordar a imagem da mulher, sucediam-se os panoramas nativos, a terra da saudade, lá longe, difícil de alcançar, e à terra nativa associava “até os tempos já longínquos da infância”⁵²⁷.

A carta de Deolinda anunciando a morte da mãe, alterou por momentos toda essa associação, fazendo-o reformular momentaneamente os planos. Tinha perdido o rumo perante a morte da esposa.

Quando em Manuel da Bouça se quebrou aquele torpor, uma resolução surgiu do balanço feito, entre névoas lacrimosas, ao seu passado: Ficar! Ficar ali no Brasil, para sempre! «Agora, que a filha estava casada com quem ele não queria, que a mulher morrera e as courelas lhe tinham sido tiradas, para quê voltar? Para que os outros se rissem dele? E voltar para quê? Não, não valia a pena!»⁵²⁸

O regresso triunfador com que tinha sonhado tinha-se diluído. A “rêverie” deu lugar à desilusão, ao medo da humilhação, achando preferível o esquecimento ao vexame que passaria diante dos conterrâneos.⁵²⁹ Contudo, no mesmo dia começou a encarar a morte da mulher de outra forma, e a obsessão do regresso voltou. Os planos agora eram outros, abrindo novas possibilidades:

⁵²⁴ Joel Serrão, *op.cit.*, p. 186.

⁵²⁵ *Emigrantes*, p. 182.

⁵²⁶ *Idem, ibidem.*

⁵²⁷ Cf. *Idem*, pp. 190 e 191.

⁵²⁸ *Idem*, p. 193.

⁵²⁹ Cf. *Idem*, p. 194.

«E se ele fosse? Agora, que era sozinho... Que andava ali a fazer? Lá, ainda tinha a casita e o quintal. Com uns dias de jorna iria vivendo. E sempre era melhor! Não aturaria ninguém e estaria em sua casa. Já que tinha que morrer que fosse lá»⁵³⁰

A ideia começou a amadurecer. Mais dois anos e conseguiria juntar dinheiro e matar as saudades. Mas a revolução precipitou os seus planos adiados de regresso. A oportunidade de adquirir o dinheiro rapidamente, estava diante de si, e surgiu na sequência da sua participação na revolução proletária, na qual não acreditava plenamente:

Curtos passos dera Manuel da Bouça quando topou um homem morto, estendido sobre a folhagem pardacenta e jorrando sangue pela boca. (...)

«Quem seria?» Demorou-se a contemplar o cadáver, enquanto forçava a memória. Reparou, então, que o morto possuía jóias: dois anéis na mão esquerda, um quase oculto pelo sangue que envolvia os dedos, e uma corrente sobre o colete.⁵³¹

Afastou-se, mas o verme roedor da saudade fez reverberar a cobiça insatisfeita, e a “possibilidade de rápido regresso ia-se tornando mais nítida. Cada vez mais nítida e alvoroçante. E era fogo interior, a subir, a abrasá-lo. Para que ficar mais tempo? Para quê? Para trabalhar sem futuro? Se ele fizesse aquilo, quem o saberia?”⁵³². Repetindo para si próprio as palavras, hesitando e avançando, por fim decidiu-se, retirando as jóias ao morto. A partir daquele momento, a sua principal preocupação, é a de não ter sido visto na revolução, pois a prisão poderia significar o fim do acalentado sonho, sobretudo agora que estava tão perto de o realizar.

Este desenlace inusitado vai resolver a situação do protagonista, que tinha chegado a um impasse, precipitando deste modo os acontecimentos. Ao colocar a personagem diante de uma situação limite poderá ser uma forma de pôr à prova o seu carácter. Porém tendo em conta o crescendo dramático, que se vinha proporcionando em torno da personagem e a sucessão de frustrações vividas, podemos justificar a sua atitude drástica.

O regresso ocorre, enfim, mascarado de uma grande mentira, que com alguns adereços mantém, e de que só o leitor tem conhecimento, quer pelos antecedentes, quer através da análise psicológica realizada pela focalização onisciente que nos relata os sentimentos do protagonista. A viagem é realizada no sentido inverso, agora já sem a ilusão

⁵³⁰ *Idem*, p. 195.

⁵³¹ *Idem*, p. 208.

⁵³² *Idem*, p. 208.

de outrora. Os monólogos interiores tornam-se constantes, acompanhados de amargas reflexões:

A sua alegria desvanecera-se e agora, volvido de novo para o cais, ao ver os últimos emigrantes desembarcados, que caminhavam, trôpegos e miseráveis, entre as mulheres e os filhos, apiedava-se deles. «Aqueles diabos imaginavam que para se enriquecer bastava ir por aí fora, com gana de trabalhar. Ele também pensara assim, mas depois é que vira. (...) Ele trabalhara sempre como um negro, poupara como um judeu, tanto em Portugal como no Brasil, e o que juntara? Aquele fato novo, a mala que estava lá em baixo e os vinténs que trazia no Bolso, tudo era devido aos anéis que roubara a um morto...»⁵³³

Para além das saudades sentidas por Manuel da Bouça existem diversas manifestações desse sentimento, reveladas por outras personagens, ao longo de todo o romance. São as saudades manifestadas nas cartas de Amélia ou nas narrativas dos diversos emigrantes que narram as suas experiências. É a dor da ausência do lugar onde nasceram que mais os perturba, o desenraizamento doloroso que a todos afecta. Os relatos dos narradores são ilustrativos.

Assim, temos, as saudades de Cipriano: “Às vezes, ao lembrar-me de quanto me custou sair da terra e das lágrimas que a minha mãe ainda hoje chora, sinto vontade de fazer uma asneira – nem eu sei o quê!”⁵³⁴; as saudades do “patrício” da Hospedaria: “Ao fim de tanto tempo fui a Portugal com dez reis no bolso, porque já não podia sossegar sem ver aquelas árvores onde eu trepava à cata dos ninhos, quando era pequeno. E olhe que trabalhei sempre com a ideia de voltar.”⁵³⁵; as saudades de Bernardo: “Lá pensá penso. Que é uma coisa que todos nós trazemo cá atravessada na garganta. Até parece que o diabo das pedras que nós vimo quando éramos mininos nos falam ao coração. Mas como voltá là?”⁵³⁶; e por fim, as saudades do amigo e colega Fernandes, que quando tem conhecimento da partida do protagonista, lhe confessa comovido:

— Mas o senhor vai-se embora... — E baixando a voz, para uma grande ternura, para uma grande saudade: — Eu, senhor Manuel, também gostaria de voltar. Penso nisso muitas vezes. Quando vim, tinha tenções de passar no Brasil quatro ou cinco anos e tornar. Mas já lá vão vinte! Que eu, se fosse agora à minha terra, não a conhecia. E lá ninguém se lembrava de mim. A minha mãe morreu e os conhecidos já me esqueceram. Mas mesmo assim gostava de ir! Sempre é uma

⁵³³ *Idem*, pp. 222 e 223.

⁵³⁴ *Idem*, p. 115.

⁵³⁵ *Idem*, p. 129.

⁵³⁶ *Idem*, p. 140.

satisfação um homem ver a terra onde nasceu. Do que eu tenho mais saudades é de quando era pequeno. Lembro-me de tudo como se fosse hoje. Se eu voltasse lá, ia ver todos os lugares onde brinquei. Mas com certeza nunca mais posso voltar...⁵³⁷

O regresso significa, pois, mais do que o encontro com as pessoas, com os lugares, com as raízes, simboliza o reencontro com a infância perdida. Assim a saudade vai mitificar o lugarejo de onde fugiram em busca do ambicionado ouro.

Quaisquer que sejam as condições em que é realizada a viagem de regresso, esta fecha o ciclo do percurso migratório: a reinserção no país de origem após o regresso, que “não é totalmente linear ou isento de riscos”. O país que deixou não é o mesmo que vai encontrar agora. O indivíduo migrante vai ter que se adaptar às alterações que se foram processando na sua ausência, alterações essas que podem ser económicas, políticas ou culturais.⁵³⁸ O emigrante vai-se sentir ele próprio “um outro” estranho ao meio, resultado das suas vivências como viajante e da cultura que absorveu no país receptor. No caso de Manuel da Bouça esse estranhamento é um facto. Quanto à aquisição de novos elementos culturais adquiridos pela personagem, a narrativa não o deixa transparecer.

5. O Espaço

O espaço tem como função primeira, dar ao leitor « les reinsegnements utiles ou intéressants sur le lieu principal où se situera l'action », ou para realizar “d'autres descriptions chaque fois qu'il se déplace. Le récit s'immobilise donc pour un temps en « tableau » puis reprend sa progression. »⁵³⁹

Em *Emigrantes*, o espaço tem um papel fundamental porque é constantemente renovado, dada a mobilidade da personagem protagonista. A viagem torna-se um elemento modalizante na narrativa perante espaços e personagens novos que vão povoando os romances detentores desta dimensão:

⁵³⁷ *Idem*, p. 219.

⁵³⁸ Cf. *Idem*, *ibidem*.

⁵³⁹ Roland Bourneuf et Réal Ouellet, *L'Univers du roman*, Presses Universitaires de France, 1975, p.100.

Le voyage donne à ces romans leur sujet et leur principe d'unité, la matière des péripécies, le rythme ; par lui se révèlent ou s'accomplissent les personnages et, par-delà ces aventures grotesque ou épiques, l'auteur songe à un autre voyage, celui de l'homme pendant son existence.⁵⁴⁰

Nesta medida, longe de ser indiferente “l'espace dans un roman s'exprime donc dans des formes et rêve des sens multiples jusqu'à constituer parfois la raison d'être de l'oeuvre”⁵⁴¹. Este é um factor inegável no texto em estudo visto que, a viagem, caracterizada pela constante mobilidade, é o « espaço » central em que o protagonista se vai situar.

Em Portugal, para além dos espaços paisagísticos, resultado da caracterização subjectiva do narrador, temos os espaços referenciais, muitos deles existentes ainda: o lugar da Frágua, onde se encontra a casa de Manuel da Bouça, o Vale de Ossela, Salgueiros, Santo António, Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra. Como cenário citadino, vamos encontrar Lisboa. A mediar os espaços portugueses e brasileiros temos o navio: ligação simbólica de dois espaços isolados pelo Atlântico.

No Brasil, observamos o Rio de Janeiro, primeiro lugar onde aporta o “Darro”, Santos, a fazenda de Santa Efigénia e, por último, São Paulo, a cidade escolhida pelo protagonista.

Finalmente, o regresso a Portugal e à aldeia nativa. Parece um círculo fechado, mas não o é. O protagonista vai ter que retomar o caminho anterior, tal como um “pequeno polegar” e o espaço, no final da obra, fica em aberto dado que a personagem se recusa a ficar na terra nativa. O próprio lugar o exclui. Terá que encontrar outro rumo. Lisboa vai ser o destino escolhido: “Não levava já a ânsia de volver, como há nove anos, quando partira para o Brasil; desejava apenas ocultar em Lisboa a sua miséria e que nunca mais se lembrassem dele, que o esquecessem para sempre.”⁵⁴²

Iremos agora destacar algumas descrições mais significativas, caracterizadoras dos espaços referidos.

Inicia o romance, com a descrição dinâmica da actividade saltitante efectuada por um pequeno pássaro, que adiante ficamos a saber ser uma pega, num “pinhal todo de troncos grossos, casca áspera e gretada, adormecida austeramente no silêncio de uma tarde primaveril”. O narrador-espectador, dá-nos todos os elementos de um velho pinhal, desde as suas raízes até “às copas altas”. O seu olhar estende-se um pouco mais “ao fundo” para

⁵⁴⁰ *Idem*, pp. 99 e 100.

⁵⁴¹ *Idem*, p. 100.

⁵⁴² *Idem*, p. 254

abarcando um jovem pinhal. E à “esquerda para lá ainda da falda do outeiro, esbranquiçava, por entre a ramagem estática, o casario da aldeia”⁵⁴³, que vai despertar as suas reflexões.

Observe-se a conjugação verbal do verbo esbranquiçar, como elemento colorido da mancha branca, dando à descrição da aldeia um carácter dinâmico, para além do movimento de vaivém efectuado pela pega e pelo gaio, ambos característicos da fauna do norte de Portugal. E toda a conjugação verbal acompanha esta tendência observadora do olhar que abrange toda a cena mais para ser filmada do que fotografada ou pintada.

É de salientar a componente cromática, que abarca as imagens, e que nos apresenta um luxuriante mundo de cor: a pega “preta e luzidia”, o verde escuro e claro dos pinheiros, o “quase” negro dos seus caules e ramos, os castanhos das pinhas e da terra, o vermelho das cerejeiras, “o cromatismo” da plumagem do gaio. A completar este cenário temos os raios do sol e os jogos de luz que os mesmos produzem. Impossível ficar indiferente às sensações provocadas por este primeiro embate descritivo. Paisagem realista, objectiva? Do que podemos observar, a realidade apresentada é filtrada pela subjectividade do autor, que procura dar “une attention scrupuleuse aux formes sensibles, un souci et logique, ou un «sens de l’espace» qui le rapprochent du peintre.”⁵⁴⁴

As paisagens descritas, não são mais do que uma representação dessa realidade, porque os próprios pintores nelas imprimem marcas pessoais, quer mais afastadas como nas escolas abstractas do século XX, ou mais próximas como as realistas/naturalistas do fim do século XIX⁵⁴⁵. Estes últimos consideravam-se os detentores dessa capacidade de captar o real.

Em *Emigrantes* este espaço bucólico com que inicia o livro, para além de outros espaços envolventes, apresenta-se ao longo da obra, como espaço primordial. A importância que adquire para o protagonista vai transformá-lo em espaço mítico e em espaço psicológico, por força do desejo do regresso e do tópico da saudade. Algumas descrições chegam a dar-nos exemplos plenos de poesia narrativa. Observe-se a sensualidade que emana deste excerto quando Manuel da Bouça contempla a sua casa:

Quando, porém, o outeiro, em curva suave de ventre feminino, se cosia ao sinuoso caminho que dava acesso à aldeia, deteve-se, meditativo, a contemplar a sua casita, quase debruçada no Caima.⁵⁴⁶

⁵⁴³ *Idem*, p. 17.

⁵⁴⁴ Roland Bourneuf, e Réal Ouellet, *op.cit.*, p.101.

⁵⁴⁵ Courbet considerava-se um realista puro, confessando que só poderia pintar um anjo se lhe colocassem um na sua frente.

⁵⁴⁶ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, p. 18.

Um dos momentos mais belos de descrição do vale de Ossela é o amanhecer, a que Manuel da Bouça assiste, ao atravessar a mata: “ Nas nesgas do céu, que os olhos conseguiam entrever, diluíam-se tintas inverosímeis.” Depois é todo um espectáculo cromático perante um narrador emocionado:

O matrimónio das trevas com a luz revestia-se de túnicas fantásticas, que, de instante a instante mudavam de cor. E a metamorfose era subtil, que dificilmente os olhos podiam fixar os seus cambiantes sucessivos. Ao nascimento da claridade, que da ramagem do pinhal fazia mancha única, seguia-se uma ténue camada de roxo (...). Era um roxo sem carácter, irregular, aqui mais acentuado, esbatendo-se mais além, à medida que a noite se retirava. Logo, dir-se-ia que um hálito da terra roseara algumas partes da túnica roxa, que se rompia, cobrindo de farrapos e gigantesca cúpula. Uns cinzentos: ocre, outros; ainda arroxeados alguns – e todos fluando, disformes, caprichosos nos rasgões, sobre uma barra azulácea.⁵⁴⁷

Observamos aqui claramente a paisagem humanizada⁵⁴⁸ que é recorrente na escrita do autor, e que demonstra toda a carga subjectiva das descrições dinâmicas. Podemos imaginar mão invisível a colorir o quadro nos diversos cambiantes de cor. Depois a mão do pintor prossegue com pinceladas de azul de vários tons, e na “tela” surgem “dedadas de «gouache»”. Por fim, termina este quadro, personificando a paisagem magnificente que desperta diante de si: “Parecia que se descerrava algures uma pálpebra colossal e preguiçosa, deixando a descoberto a pupila ainda sonolenta e sem curiosidade”⁵⁴⁹

Sensações múltiplas e multiformes despertam o espectador para além do olhar, suspendendo-lhe a respiração: “tudo dir-se-ia leve suspenso, atento para um ensaio de transformismo geral” e um “silêncio frio” preparava o espectador para o clímax total: “ No ambiente de milagre, parecia que tudo aguardava um prodígio. Árvore que não perguntava o que ia suceder, envolvia-se em êxtase, não de enlevo e languidez, como o da tarde, mas de frescura e louçania.”⁵⁵⁰

Enfim, do lado da “serra que muralhava o Pinhão, o mistério começou a desvendar-se” e “a epiderme da abóbada incomensurável, tornava-se azul, muito azul, muito límpida,

⁵⁴⁷ *Idem*, p. 36.

⁵⁴⁸ Desde a sua infância era um homem “voltado sempre para a natureza”, para quem os elementos se vinculavam no seu “amor da humanidade”.⁵⁴⁸ Ele próprio confessa, sem esconder a sua emoção, numa entrevista realizada por Álvaro Salema: “Eu tenho a paixão das árvores!”

⁵⁴⁹ *Idem*, pp. 36 e 37.

⁵⁵⁰ *Idem*, p. 37.

numa mística cerimónia de purificação” e enquanto o “leque” se ia abrindo, “a mata bebia, deliciada, a luz nascente”.⁵⁵¹

Esta comunhão abrangente de todos os elementos da natureza, vai-se consubstanciar, não só em personificações sucessivas, mas, igualmente, em situações sinestésicas: “A luz tinha vibrações subtis, como se houvesse lá em cima cordas invisíveis que, em vez de sons exalassem claridade.”⁵⁵² O “fresco” acabado de colorir adquire som e é, então, que o “passaredo e os insectos” deixam de ser “músicos dispersos” para formar “orquestra”.⁵⁵³

Este é um dos momentos mais belos, demonstrativo da enorme capacidade descritiva do autor.

A terra nativa e o espaço circundante são, sem dúvida, os lugares privilegiados, o espaço citadino lisboeta, não tem o mesmo destaque, porém ele torna-se fundamental no percurso do protagonista. O espaço é descrito sucintamente despido de poesia e reduzido ao essencial, numa espécie de cúmplice solidariedade do narrador para com Manuel da Bouça, tendo em conta que Lisboa desperta a sua rústica timidez: “Começou a ter medo da cidade. Confundia-o o movimento, a alta fachada dos edifícios, a multiplicidade de aspectos que as suas pupilas campesinas encontravam por toda a parte.”⁵⁵⁴

A visão da capital, perspectivada a partir do convés do “Darro”, desperta novamente a subjectividade do narrador. Num último olhar de despedida coloca toda a sua ternura poética:

Lisboa resplandecia: na basílica da Estrela embutiam-se placas de ouro, as torres da Sé e São Vicente recortavam-se na diafanidade da tarde e o casario multicolor, com as suas incontáveis janelas, montava todas as colinas, para além do renque das chaminés das fábricas.”⁵⁵⁵

Já no espaço flutuante do navio, vamos verificar a degradação que o espaço circundante vai sofrendo, particularmente o ocupado pelos emigrantes: a terceira classe surge, toda ela, dando “a sensação de mina em labuta, com ruído de ascensores, roldanas e longas galerias percorridas por sombras, onde os faróis vermelhos tinham sido substituídos por grandes pupilas de vidro fosco, encastoadas na parede. Cheirava a tintas e da cozinha exalava-se nauseante fartum de comida.”⁵⁵⁶

⁵⁵¹ *Idem, ibidem.*

⁵⁵² *Idem, ibidem.*

⁵⁵³ *Idem, ibidem.*

⁵⁵⁴ *Idem, p. 67.*

⁵⁵⁵ *Idem, p. 80.*

⁵⁵⁶ *Idem, p. 81.*

A descoberta da terra brasileira descreve “uma sombra irregular na linha do horizonte”⁵⁵⁷, que se vai elevando como “dorso de camelo imensurável, erguendo-se, ainda esfumado, oceano que se ia tingindo de verde.”⁵⁵⁸ E o Rio de Janeiro assoma perante os olhos extasiados dos emigrantes⁵⁵⁹: o Pão de Açúcar, “morto negrucho, deslavado de árvores, ovo enorme que saía da água e terminava em armação de ferro”⁵⁶⁰; a Guanavara, “jóia escondida em escrínio multicolor, cenário maravilhoso onde os olhos, depois de fixar o conjunto, se esqueciam em êxtase perante os vairegados aspectos”⁵⁶¹; a Praia Vermelha, o Bota Fogo, e o Flamengo, curva graciosa debruada de casario e arvoredos, a mais bela baía do Mundo.⁵⁶²

O interior da cidade, perante o espanto de Janardo e Manuel da Bouça, exhibe um espaço pleno de opulência e progresso. O Rio de Janeiro é uma cidade de “vida trepidante, dinâmica e multiforme”⁵⁶³, densamente povoada, com edifícios modernos, animação comercial e muito tráfego: “E desse movimento incessante evolava-se um zumbido ensurdecador – um ritmo de vida colectiva extravasando-se por todas as fendas da cidade, surda orquestração de força e de triunfo”⁵⁶⁴

A entrada no porto de Santos, depois da passagem pelo Rio de Janeiro, já não deslumbrou tanto os emigrantes.⁵⁶⁵

A viagem de comboio para São Paulo é pretexto para descrever a sôfrega paisagem brasileira: “Paisagem desconhecida, Manuel da Bouça era todo olhos para a várzea que atravessavam, com suas bananeiras, seu casario visto de relance, uma estrada que acompanhava alguns momentos a via-férrea, mais casario, mais árvores espetadas arbitrariamente”⁵⁶⁶.

Já na fazenda de Santa Efigénia realçada “pela capelita, branca e pulcra, erguida na parte mais alta”, o narrador confronta-nos com o vocabulário brasileiro nas descrições e surge-nos com a sua esplanada, a “fila de casinhotos” modestos, o “jequitibá, velho de mais de cem anos, que fechava lá mui alto o seu ninho de verdura,” os “«terreiros», grandes e todos de cimento”, os “tanques onde se separavam os «cerejas» e os «bóias» e se avaliava o

⁵⁵⁷ *Idem, ibidem.*

⁵⁵⁸ *Idem, ibidem.*

⁵⁵⁹ Leyla Perrone-Moisés, “Premières descriptions du Brésil” in Maria Alzira Seixo (Coordenação de), *A Viagem na Literatura (seminários)*, nº 01, Publicações Europa-América, Lisboa, 1997, p. 80. «En ce qui concerne le description du Brésil et de ses habitants, les Portugais avaient précédé tous les autres, pour la simple raison qu'ils y étaient arrivés plus tôt. »

⁵⁶⁰ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 92.

⁵⁶¹ *Idem, Ibidem.*

⁵⁶² Cf. *Idem*, pp. 92 e 93.

⁵⁶³ *Idem*, p. 97.

⁵⁶⁴ *Idem*, p. 97

⁵⁶⁵ Cf. *Idem*, p. 101.

⁵⁶⁶ *Idem*, p. 122.

número dos «marinheiros», e as “longas fileiras dos arbustos preciosos todos açaçapadinhos, entre risonhos e marciais e um pouquinho orgulhosos das suas contas vermelhas”⁵⁶⁷

A magnificência que caracteriza o espaço exterior da fazenda: “extensão enorme, faixa que parecia não ter fim – terra roxa, fecunda, incansável, terra de sangue e oiro, que cada manhã despertava com nova opulência”⁵⁶⁸, contrasta paradoxalmente com o espaço interior, exíguo e miserável, onde o protagonista é instalado: um “recinto quadrado”, cheirando a “humidade e a bafio”, que “no lugar do soalho apresentava uma esteira”⁵⁶⁹

Por fim, a último espaço físico no Brasil: a cidade de São Paulo. Muda o cenário campestre para o citadino de uma metrópole comercial e industrializada, com uma vida nocturna animada: teatros, cinema, casino, reclames luminosos: “Havia, ao longe, manchas de sombra e nódoas vermelhas de luz e alguns prédios desciam da penumbra para lançar, de súbito, as portas térreas em plena claridade. E por aqui, por ali, constelando a noite urbana, abriam-se os quadrilongos das janelas iluminadas”⁵⁷⁰.

6. O Tempo

Existem, na instância narrativa de *Emigrantes*, notações de carácter temporal, que marcam cronologicamente o escoamento do tempo real. No final da obra ficamos a saber o tempo decorrido entre a partida e a chegada do emigrante. O tempo diegético, ou da história, é de cerca de 10 anos “nove e pico” corrige Manuel da Bouça quando encontra Zé do Aido⁵⁷¹.

Outras notações se verificam no início da narrativa, nos dias que medeiam entre a decisão da ida para o Brasil e a partida efectiva. Nesse espaço o narrador estende a narrativa para caracterizar espaços, personagens e sentimentos sobretudo do protagonista.

Predomina o tempo psicológico ou subjectivo, por causa dos momentos de “rêverie” proléptica que vive a personagem. Observe-se o desejo de enriquecimento rápido em confronto com o tempo “real” atingido: “E cinquenta contos, que diabo! se não andasse com malapata arranjà-los-ia em dois pares de anos”⁵⁷²; ou a dúvida perante a incerteza na hora da partida: «Quando voltasse, havia de passar ali, sozinho, no automóvel do Carrelhas – sozinho

⁵⁶⁷ *Idem*, p. 135.

⁵⁶⁸ *Idem*, p. 135.

⁵⁶⁹ *Idem*, p. 137.

⁵⁷⁰ *Idem*, p. 177.

⁵⁷¹ *Idem*, p. 238.

⁵⁷² *Idem*, p. 21.

porque não mandaria dizer em que dia chegaria... havia de dar uma grande surpresa a Amélia e à Deolinda. Mas quantos anos seriam precisos para isso?»⁵⁷³

As descrições poéticas da aldeia do narrador emocionado e os diálogos alongam a durabilidade da narração.

As anacronias⁵⁷⁴ do discurso, que se traduzem em prolepses, traduzidas em pressentimentos e na “rêverie”, ou as analepses, que funcionam para explicar certos factos ou simplesmente para encaixar histórias de personagens, que vão surgindo ao longo da narrativa primeira e que anunciam o fracasso futuro do protagonista, ou ainda para recordar o passado de Manuel da Bouça. Um desses momentos é o da sua infância. Quando questionado se sabia ler, justifica a razão do seu analfabetismo:

Eu? Não, não sei. Principiei a moirer desde pequeno, que o meu pai era pobre como eu. Quando tinha idade de ir para a escola, andava a apanhar bolotas para os porcos e o esterco que os bois e cavalos deixavam pelos caminhos. Aqui ainda tentei aprender. Mas quê! De dia não podia, está bem de ver; e à noite, um homem está derreado pelo trabalho.⁵⁷⁵

Também a narrativa da viagem do navio é caracterizada pela lentidão pela sucessão dos dias e das horas, que mediavam entre “a hora do comer e a da chegada”⁵⁷⁶. Há depois a estadia na fazenda, cujo contrato se prolongou por um ano. A saída de Manuel da Bouça e a sua mudança para São Paulo introduz no discurso narrativo um hiato indeterminado. Essa elipse, no entanto, é resumida pelo protagonista no diálogo que mantém com António da Pita, o jovem emigrante recém-chegado. Refere os três anos em que trabalhou no armazém, contudo ficamos na ignorância quanto aos acontecimentos, durante o tempo em que ficou desempregado, aquando da sua chegada a S. Paulo.⁵⁷⁷

Perto do final da diegese, e ainda no Brasil, o tempo psicológico é dominante em relação ao tempo real: é um tempo de ansiedade, de desejo, traduzido no discurso pela pontuação e pelas repetições desusadas.

Manuel da Bouça é a vítima inocente de uma sociedade em decadência, onde o dinheiro se torna o principal móbil. Exibir o indivíduo com todas as suas fraquezas, dúvidas e

⁵⁷³ *Idem*, p. 67.

⁵⁷⁴ O termo foi criado por Gerard Genette: «Le repérage et la mesure de ces anachronies narratives (comme j'appellerai ici les différentes formes de discordance entre l'ordre de l'histoire et celui du récit) postulent implicitement l'existence d'une sorte de degré zéro qui serait un état de parfaite coïncidence temporelle entre le récit et histoire. Cet état de référence est plus hypothétique que réel.» Genette in *Dicionário de Metalinguagens da Didática*, p. 23.

⁵⁷⁵ Ferreira de Castro, *op.cit.*, p. 185.

⁵⁷⁶ *Idem*, p.84.

⁵⁷⁷ *Idem.*, pp 183 e 184.

anseios, um herói com pés de barro, era algo de novo. Ele não foi o único a falhar. Outros se lhe seguiram na narrativa.

Foi novidade, pelo menos na literatura portuguesa moderna, o facto de o protagonista de *Emigrantes* desaparecer na realidade como pessoa, pelo menos em vários momentos da sua vida atormentada, para erguer-se a símbolo de uma colectividade.⁵⁷⁸

Houve também um mundo novo que entrou na narrativa através da linguagem. Por isso, foi também novidade a riqueza lexical derivada do mundo em que o protagonista do romance, Manuel da Bouça, - e as personagens que o circundam - são colocadas.⁵⁷⁹ Esta é a reflexão amarga final que a personagem nos deixa:

Retomada a marcha e aliviado da obrigação de mentir, espraçou os olhos, em derradeiro adeus, pela freguesia. Veio-lhe, então, um desejo enorme de chorar - de chorar a sua vida inutilizada, o passado que não volveria, as ilusões que fora abandonando ao longo da áspera jornada. Sentia agora o irremediável, o tempo perdido, os anos em que se esgotara, avelhantando-se, correndo, correndo, atrás da quimera fugidia.⁵⁸⁰

Por vezes a sensação de vidas perdidas assalta-nos o espírito. Terá a personagem sofrido o castigo por abandonar a aldeia natal, ou estará a ser condenada a ambição desmedida?

⁵⁷⁸ Giuseppe Carlo Rossi, "Opiniões Críticas" in *Obras de Ferreira de Castro*, Volume I, 4ª Edição, Lello e Irmão - Editores, Porto, 1984, p.265. Nota: Giuseppe Carlo Rossi, Professor universitário, ensaísta e crítico literário italiano, p. 268.

⁵⁷⁹ Cf. *Idem, ibidem*.

⁵⁸⁰ Ferreira de Castro, *op.cit.*, pp. 254 e 255.

*Os nossos dedos abriram mãos fechadas
Cheias de perfume
Partimos à aventura através de vozes e de gestos
Pressentimos paixões como paisagens
E cada corpo era um caminho
Mas um te ergueu tomando tudo
E escorreram asas dos seus braços.
Flores, pântanos e rios.
Viajámos imóveis debruçados,
Enquanto o céu brilhava nas janelas.
E a cidade partia como um navio
Através da noite.*

Vitorino Nemésio

Epílogo

Este estudo, sob o signo da viagem, tornar-se-ia, ao longo de todo o trajecto, um “movimento essencial de indagação”⁵⁸¹. Ele consubstanciou-se na confluência de várias viagens: uma viagem física por alguns dos lugares por onde o escritor passou; uma viagem pela História de forma a melhor compreender o fenómeno evolutivo da emigração; uma viagem pela sociologia na tentativa de explicar as questões de causa-efeito que a emigração levanta; uma viagem pela literatura que nos situa na reflexão crítica que os escritores têm sobre o tema, quer na literatura quer fora dela.

Todas as viagens se fundamentam numa expectativa; a viagem é, essencialmente, um movimento de descoberta, de aquisição de conhecimento, de prazer, de mudança. Em qualquer viagem, um ponto de chegada é sempre um novo ponto de partida. O estudo sobre um aspecto ou uma obra de Ferreira de Castro torna-se ínfimo, face à impossibilidade de abranger todo o “horizonte” que o autor apresenta perante os nossos olhos. A leitura de um dos seus romances desperta-nos o desejo de embarcar logo noutro.

O movimento, como afirma Maria Alzira Seixo, é “o coração da viagem”, o impulso de continuidade que a faz existir após o ímpeto inicial que arranca o corpo da inércia”⁵⁸². O objectivo primordial será sempre alcançar a linha do horizonte, e, quando achamos que a alcançámos, descobrimos que, ao longe, existe outra que desperta em nós o mesmo desejo da anterior e assim indefinidamente. Este estudo resultou da chegada a várias dessas linhas. E sob a perspectiva anterior, a conclusão nunca poderá ser o fim, mas apenas mais uma etapa da descoberta de novos espaços.

Nas diversas linhas do horizonte fomos confrontados com um tema abrangente e vasto como uma planície infinita: a emigração portuguesa. Dela, deram testemunho várias vozes, reais e fictícias. Vozes que narram um drama de séculos, desde que Portugal deu “novos mundos ao mundo”; um drama que está, verdadeiramente, por escrever: o que está escrito, como afirma Miguel Torga na sua humildade, são meras tentativas, mesmo que delas tenham surgido páginas de grande valor artístico, que nos tenham emocionado, como os “monumentos” que nos legou Ferreira de Castro.

⁵⁸¹ Maria Alzira Seixo, *Poéticas da Viagem na Literatura*, Edições Cosmos e Maria Alzira Seixo, Lisboa, 1998, p. 35.

⁵⁸² *Idem*, p. 13.

Na ficção de romances, na crueza de relatórios, na sensação de reportagens, na hipérbole de epopeias, em comédias, sátiras ou folhetos de cordel, as estações visíveis do calvário de expiação têm sido mostradas em toda a sua grandeza e miséria. (...) Mas essas páginas, assim livre e evocativamente escritas, que pintam tão vivas personagens, não são o gráfico aproximado sequer do sofrimento íntimo, secreto, dos modelos autênticos que os motivaram. São esforçadas e meritórias tentativas de mergulho num abismo onde não sei se alguém poderá completamente descer.⁵⁸³

Porém, o maior drama desses indivíduos não são “as provações da sorte” que se traduzem em fome, em trabalho rude, em humilhações, é a cisão psicológica “o desequilíbrio de espírito”, esse algo “estilhaçado que grita pela unidade”, baralhado pelo “caos de valores contraditórios” que adquire em contacto com duas pátrias e com dois povos.⁵⁸⁴

A consciência da própria “incapacidade de captação psicológica num tão confuso e desmedido plasma emocional, estará na origem do silêncio literário”⁵⁸⁵ por parte dos escritores e das aberrações que surgiram, frutos nascidos dessa mesma incapacidade.

A Emigração persiste na actualidade, dado que “permanece uma constante: o estatuto de pária do emigrante, desenraizado no país de origem ou no de adopção”⁵⁸⁶. A Literatura explorou alguns traços invariáveis e que “se mantêm visíveis na tradição literária: os sinais exteriores dessa diferença, como a necessidade de ostentação, os comportamentos estrangeirados e o linguajar típico”⁵⁸⁷ Quanto aos sinais interiores, é com Ferreira de Castro que esta “figura ganha consistência psicológica e dramatismo”, abstraindo-se por completo dos estereótipos da literatura do século XIX.⁵⁸⁸

Este assunto tem doado à literatura alguns motivos temáticos de grande relevo, tais como as razões pelas quais se emigra, a ascensão social do emigrante, as suas relações com a estrutura social do país de origem e do país de acolhimento, o regresso à pátria, a ostentação económica, os valores éticos associados e a reinserção dos que regressam. Mas este regresso, longe de ser feliz, é mais uma experiência traumática. Basta reler os momentos finais de *Emigrantes*, onde se ressaltam os sentimentos de profunda tristeza de Manuel da Bouça: “Haviam-se tornado irreconciliáveis o homem que se adaptara a outra atmosfera e aquelas jeiras verdes que já não encontravam amor no seu coração repatriado”⁵⁸⁹. Este

⁵⁸³ Miguel Torga, “O Drama do Emigrante Português” in *op.cit.*, p. 170

⁵⁸⁴ *Idem*, p. 175.

⁵⁸⁵ *Idem*, p. 177

⁵⁸⁶ *Idem*, *ibidem*.

⁵⁸⁷ *Idem* *ibidem*.

⁵⁸⁸ Cf. *Idem*, *ibidem*.

⁵⁸⁹ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, p. 254.

desenraizamento provoca, definitivamente, o abandono do solo pátrio. O retorno é, hoje, realizado no sentido inverso, pelos filhos desses emigrantes, que decidiram cumprir o sonho que os pais adiaram para sempre, recomeçando um novo ciclo de viagem, e novos testemunhos a narrar esse fenómeno.

Quanto à relação que se estabeleceu neste estudo entre a emigração e literatura, é curioso verificar o desequilíbrio existente entre a tradição emigrante portuguesa e, proporcionalmente, as escassas obras literárias inspiradas pelo manancial que o tema pode proporcionar.

Na ficção de romances, na crueza de relatórios, na sensação de reportagens, na hipérbole de epopeias, em comédias, sátiras ou folhetos de cordel, as estações visíveis do calvário de expiação têm sido mostradas em toda a sua grandeza e miséria. (...) Mas essas páginas, assim livre e evocativamente escritas, que pintam tão vivas personagens, não são o gráfico aproximado sequer do sofrimento íntimo, secreto, dos modelos autênticos que os motivaram. São esforçadas e meritórias tentativas de mergulho num abismo onde não sei se alguém poderá completamente descer.⁵⁹⁰

Efectivamente, as obras literárias do século XX, que focam o tema, foram escritas por emigrantes que pertenceram ou pertencem à comunidade intelectual portuguesa.⁵⁹¹ Seria de todo o interesse, para os estudos literários e para a investigação, abordar esta realidade. Tal como a força não intelectualizada, estes indivíduos têm um papel importante na diáspora da cultura portuguesa. Ferreira de Castro, um dos nossos melhores embaixadores, exemplo de divulgação da inteligência lusa além fronteiras, foi um dos autores paradigmáticos de intelectuais no Brasil e da diáspora da cultura portuguesa.

Há uma realidade que não podemos ignorar: a emigração tem sido uma “constante na estrutura nacional”. Talvez por isso ela tenha que ser conhecida e considerada numa análise mais aprofundada sob uma perspectiva histórica e social⁵⁹², porque, como afirma Maria Beatriz Rocha-Trindade, “Quem quiser conhecer Portugal e os portugueses não pode ignorar

⁵⁹⁰ Miguel Torga, “O Drama do Emigrante Português” in *op.cit.*, p. 170

⁵⁹¹ Leyla Perrone-Moisés, “Le voyage par ouïe-dire” in Maria Alzira Seixo (Coordenação de), *A Viagem na Literatura (seminários)*, nº 01, Publicações Europa-América, Lisboa, 1997, p. 84: « De fait, la découverte de l’Amérique avait produit non seulement le plus grand élargissement de l’espace que l’humanité avait jamais connu, mais aussi une transformation complète dans les moyens d’acquisition de la connaissance et un bouleversement total de la hiérarchie des sens dans cette acquisition. Contrairement à ce qui arrivait jusque la vérité, plus étonnante que jamais, n’était plus cherchée dans les écrits des Anciens (la tradition) mais dans les récits de ceux qui avaient vu le Nouveau Monde (l’expérience directe). Compte tenu des énormes difficultés du voyage, bien peu pouvaient jouir de ce crédit, et la plupart devaient se contenter du ouï-dire ; et le dire étant infiniment transformable et difficilement vérifiable la vérité y a souffert le plus grand ébranlement. »

⁵⁹² Cf. Maria Beatriz Rocha-Trindade, *op.cit.*, p. 145.

a realidade emigratória”⁵⁹³ em todas as áreas, inclusive na Literatura. Nem os portugueses que nunca abandonaram a “terra nativa”, nem os brasileiros jamais conseguirão “calcular a resistência física e moral” que são necessárias “para aguentar aos ombros o peso vivo de dois continentes! Um, velho, cansado, sáfaro, onde é difícil o pão da boca, que tem de ser procurado para além das ondas; o outro, novo, fecundo, acolhedor, mas onde a generosidade do húmus tem este preço: a hipoteca de metade do ser.”⁵⁹⁴

Nas viagens que efectuaram e em todos os locais onde estabeleceram residência, disseminaram a língua portuguesa, a religião e a cultura. Aí “deram origem a novas gerações de indivíduos que continuam a conservar traços visíveis dessa cultura.”⁵⁹⁵

Entre os espaços que se deixam e os espaços que se procuram, os Homens migrantes estabelecem largos circuitos de comunicação e estruturam redes de contacto que interesses comuns e afinidades culturais, de aquém e de além fronteiras, ajudam a cimentar.⁵⁹⁶

Ferreira de Castro, como Camões, experimentou a dor que é repartir em pedaços a alma, tal como muitos outros compatriotas a experimentaram, sendo que a vontade e o sonho os levaram a procurar essa “terra prometida”, que lhes acenava riquezas do outro lado do atlântico:

... a América é o ideal dos desprotegidos da fortuna. Influidos por alguns que, à custa dos mais rudes sacrifícios, conseguiram alguns centos de francos, hei-los que vão às centenas, em busca da riqueza que julgam achar no Novo Mundo.

Grande Utopia!

Aí, no meio de estranhos desconhecendo a terra e os seus costumes, sofrem as maiores privações. No principio os sarcasmos que lhes atiram e os árduos trabalhos poucos os fazem sentir, porque a vontade de possuir dinheiro domina tudo; porém este entusiasmo ante a rivalidade vai afrouxando e é então que começam as verdadeiras torturas. Chega o arrependimento; mas já é tarde!...⁵⁹⁷

Ditosamente que o fez, pois seu contributo foi inquestionável, para denunciar a verdadeira face da emigração portuguesa, quer na vida quer na ficção, e revelar que, por vezes, o ambicionado *Eldorado* era, frequentemente, apenas uma miragem. A obra fala por si. Nela o autor demonstra a sua inabalável fé na humanidade.

⁵⁹³ Miguel Torga, “O Drama do Emigrante Português” *op.cit.*, p. 145.

⁵⁹⁴ *Idem*, p. 179.

⁵⁹⁵ Maria Beatriz Rocha-Trindade, *op.cit.*, p. 145.

⁵⁹⁶ *Idem*, p. 146.

⁵⁹⁷ Ferreira de Castro, *Criminoso por Ambição*, “Folhetim”, *Portugal*, 30 de Junho de 1917.

Fernando Namora, numa comunicação em homenagem ao escritor Ferreira de Castro, salienta o facto de “o fenómeno literário estar dependente, não só da obra mas de “múltiplos intervenientes” que terão lançado o autor “numa alternância de esquecimentos e devoções”. Como escritor, foi “um exemplo de militância literária e cívica”, apesar das dificuldades que teve que ultrapassar. A mobilidade permanente das correntes literárias terá contribuído para a sua independência, “constância e não menos rara nobreza” ao longo de toda a sua obra e mesmo da sua vida.

Ambas são percorridas por uma continuidade onde “sobressai, hoje como ontem, o propósito de testemunhar agindo, denunciando, exortando, mas sem que por um momento se ponha em causa a fraternidade” fim último que o move. Com ele a literatura reencontrou-se a si própria ao reencontrar a “gente verdadeira”.⁵⁹⁸

Inquestionavelmente, a partir das obras *Emigrantes* e *A Selva*, entrou-se num novo período de criação literária. Ferreira de Castro provocou um ponto de viragem, independentemente das correntes literárias que o tenham inspirado ou que tenha inspirado. A mais importante leitura que podemos fazer da sua obra é a grande mensagem que ele queria transmitir e que deixou em testamento para toda a humanidade. Essa é tão imensa que não cabe num movimento, numa escola, ou mesmo numa época:

Quando visionamos os nossos horizontes já fechados não se escrevem palavras como estas sem uma forte melancolia. Quero, porém, dizer aos amigos com sentimentos fraternais que tenho por eles, neste momento impregnados duma intensa, duma saudosa emoção, que perante a ideia de morte me sinto profundamente confortado pela certeza de que virá, inevitavelmente, a sociedade de justiça e de amor, para todos os seres humanos, que foi a suprema e constante aspiração da minha vida.⁵⁹⁹

Os “amigos” referidos pelo escritor, por extensão, serão aqueles que captaram a mensagem, os seus leitores, as gerações passadas as presentes e as gerações vindouras, que deverão acalantar a sua fé e esperança na humanidade⁶⁰⁰. Por isso, fora das “modas”, todos

⁵⁹⁸ Fernando Namora, “O homem, o escritor”, *In Memoriam*, pp. 53, 54 e 55.

⁵⁹⁹ Ferreira de Castro, cit. por Matilde Rosa Araújo, “O homem, o cidadão, o escritor”, *In Memoriam*, p. 83.

⁶⁰⁰ Numa entrevista realizada por Álvaro Salema, o autor confessa acreditar na “construção de uma sociedade nova”. Nessa mesma entrevista declara a sua grande esperança na humanidade pois a “inteligência humana não tem limites”. Nesse futuro o homem virá a “melhorar os seus sentimentos”, mas para isso “mais do que reprobção merece compreensão”. Cf. Álvaro Salema, registo sonoro, de entrevista realizada a Ferreira de Castro.

temos o dever moral de não deixar morrer Ferreira de Castro, nem a sua obra universal e intemporal. Porque o seu destino é a *Eternidade*.⁶⁰¹

Escritor por vocação, “porque a força de vontade não basta”, continua a lançar à humanidade, ao “irmão-longínquo”, o grito lancinante para que o não deixem morrer, que não deixem morrer a sua mensagem, pois ela continua viva: a fé que tinha de que a humanidade se iria aperfeiçoar no futuro: o advento da “construção de uma sociedade nova”⁶⁰², onde os direitos fossem iguais para todos, uma sociedade que lutasse contra as injustiças: essa mensagem não pode morrer.

“Um grande homem é sempre um grande homem”⁶⁰³, afirma Agustina Bessa-Luís em *In Memoriam de Ferreira de Castro*. Uma grande obra é, e será sempre, uma grande obra. É inquestionável a sua actualidade e a sua universalidade. A obra e o homem não poderão ser esquecidos, pois ambos já conquistaram a sua «Eternidade».

A sua obra fala por si, a sua leitura, a sua reflexão. Ela é o testemunho essencial: linha do horizonte sempre renovada.

⁶⁰¹ No pórtico do romance *Eternidade* o autor inicia com estas palavras: *Nós não queremos morrer! Nós não queremos morrer! Meu irmão longínquo que te perdes na hipótese, sobre o curso de todos os séculos vindouros, escuta! Escuta o nosso desespero de seres efêmeros, esta ansiedade infinita que nos tortura há muitos milénios, este grito doloroso e impotente. Nós não queremos morrer! A nossa vida está pletórica de iniquidades, de misérias, de renúncias e de sofrimentos – e nós, apesar disso, não queremos morrer.* Ferreira de Castro, *Eternidade*, p. 7.

⁶⁰² Álvaro Salema, registo sonoro, de entrevista realizada a Ferreira de Castro.

⁶⁰³ Agustina Bessa-Luís, «Testemunho», *In memoriam de Ferreira de Castro*, Introdução e estruturação de Adelino Vieira Neves, Edição do Arquivo Bibliográfico dos escritores e homens de Letras de Portugal, Braga, 1976, p. 70.

Bibliografia

Bibliografia activa:

CASTRO, José Maria Ferreira de,

-----, *Criminoso por Ambição*, “Folhetim”, in *Portugal*, Anno I, Pará – Brasil, 30 de Junho 1917.

-----, *Emigrantes*, 1ª ed., Lisboa, Livraria Renascença, 1928 (2ª ed., Guimarães & C., Lisboa, 1928; 3ª ed., 1931; 4ª ed., 1936; 5ª ed., 1940; 6ª ed., 1943; 7ª ed., 1946; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume I, Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1949; 10ª ed., 1954; 11ª ed., 1958; 12ª ed., 1962; 13ª ed., 1965; “Posfácio”, Edição comemorativa do Cinquentenário da vida Literária do autor, Portugália Editora, Lisboa, 1966; 14ª ed., 1968; 16ª ed., 1976; 17ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1977; 2ª ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão - Editores, 1977; 18ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1978; 19ª ed., 1979; 20ª ed., 1979; 21ª ed., 1980; 22ª ed., 1982; 4ª ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão – Editores, 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985; 23ª ed., Lisboa, Guimarães & Cª Editores 1986; 24ª ed., 1988; 25ª ed., 2001.)

-----, *A Selva*, 1ª ed., Guimarães & C., Lisboa, 1930 (2ª ed., 1930; 3ª ed., 1933; 4ª ed., 1934; 5ª ed., 1935; 6ª ed., 1937; 7ª ed., 1940; 8ª ed., 1943; 9ª ed., 1945; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume II, Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1949; 14ª ed., 1952; 15ª ed., 1954; 16ª ed., 1955; 17ª ed., 1956; 18ª ed., 1957; 19ª ed., 1960; 20ª ed., 1962; 21ª ed., 1964; 22ª ed., 1966; 23ª ed., 1968; 24ª ed., 1970; 26ª ed., 1973; 27ª ed., 1975; 29ª ed., 1977; Obras de Ferreira de Castro, 2ª ed. Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977; 31ª ed., 1978; 32ª ed., Guimarães & Cª Editores, 1979; 34ª, 1984; Obras de Ferreira de Castro, 4ª ed., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985; 36 ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1986; 37ª ed., 1989; 38ª ed., 1991; 39ª ed., 2000.)

-----, *Eternidade*, 1ª ed., Guimarães & Cª Editores, Lisboa, 1933 (2ª ed., 1933; 3ª ed., 1935; 4ª ed., 1936; 5ª ed., 1942; 6ª ed., 1944; Edição das Obras Completas de Ferreira de

Castro, Volume III, Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1949; 8^a ed., 1953, 9^a ed., 1955; 10^a ed., 1960; 11^a ed., 1965; 12^a ed., 1970; 13^a ed. 1977; Obras de Ferreira de Castro, 2^a ed. Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977; 4^a ed., 1984; 14^a ed., Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1989; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985.)

-----, *Terra Fria*, 1^a ed., Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1934 (2^a ed. 1935; 3^a ed., s/d; 4^a ed., 1941; 5^a ed., 1944; 6^a ed., 1948; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume IV, Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1949; 7^a ed., 1953; 8^a ed., 1959; 9^a ed., 1964; 10^a ed., 1968; 11^a ed., 1974; Obras de Ferreira de Castro, 2^a ed., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977; 12^a ed., Lisboa, Guimarães & C^a Editores; 1980; Obras de Ferreira de Castro, 4^a ed., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985.)

-----, *Pequenos Mundos, Velhas Civilizações*, 1^a ed., Lisboa, Emp. Nac. de Publicidade, 1937 (3^a ed., Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1948; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volumes V e VI, Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1949; 4^a ed., 1951; 5^a ed., 1955; 6^a ed., 1962; 7^a ed., 1969; Obras de Ferreira de Castro, 2^a ed. Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977; 4^aed., 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, 2 volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985.)

-----, *A Volta ao Mundo*, 1^a ed., Emp. Nac. de Publicidade, 1940-1944 (2^a ed., Guimarães & C^a Editores, Lisboa, 1950; 3^a ed., 1950; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume XIII, Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1950; 4^a ed., 1952; 5^aed., 1957; 2^a ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão - Editores, 1977; 4^a ed., 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.)

-----, *A Tempestade*, 1^a ed., Lisboa, Guimarães & C.^a Editores, 1940 (2^a ed., 194?; 3^a ed., 194? ; 4^a ed., 1946; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume VII, Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1949; 6^a ed., 1950; 7^a ed. 1954; 8^a ed., 1963; 9^a ed., 1967; 2^a ed., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977; 10^a ed., Lisboa, Guimarães & C^a Editores, 1980; Obras de Ferreira de Castro, 4^a ed., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985.)

-----, *A Lã e a Neve*, 1ª ed., Lisboa, Guimarães & C.ª, 1947 (2ª ed., 1947; 3ª ed., 1947; 5ª ed., 1949; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume XI, Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1949; 6ª ed., 1951; 7ª ed., 1960; 8ª ed., 1960; 9ª ed., 1964; 10ª ed., 1968; 11ª ed., 1972; 12ª ed., 1976; 2ª ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão - Editores, 1977; 13ª ed., Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1979; 14ª ed., 1982; Obras de Ferreira de Castro, 4ª ed., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985; 15ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1990.)

-----, *A Curva da Estrada*, 1ª ed., Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1950 (2ª ed., 1950; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume XII, Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1950; 3ª ed., 1951; 4ª ed. 1951; 6ª ed. 1957; 7ª ed., 1963; 8ª ed., 1967; 9ª ed. 1974; 2ª ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão - Editores, 1977; 10ª ed., 1982; Obras de Ferreira de Castro, 4ª ed., Porto, Lello e Irmão – Editores, 1984; 11ª ed., Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1985; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1985; 12ª ed., Lisboa, Guimarães & Cª Editores; 2002.)

-----, *As Maravilhas Artísticas do Mundo – ou a prodigiosa aventura do Homem através da Arte*, 1ª ed., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1959-1963 (Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume XV, XVI e XVII, Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1970; 3ª ed., 1972; 2ª ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977; 4ª ed., 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.)

-----, *O Instinto Supremo*, 1ª ed., Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1968; Edição das Obras Completas de Ferreira de Castro, Volume XIV, Lisboa, Guimarães & Cª Editores, 1968; 3ª ed., 1968; 4ª ed., 1970; 5ª ed., 1977; 2ª ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão – Editores, 1977; 4ª ed., 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1986; 6ª ed., Lisboa, Guimarães & Cª Editores; 1988.)

-----, *Os Fragmentos*, 1ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 194?; (2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1974; 2ª ed., Obras de Ferreira de Castro, Porto, Lello e Irmão –

Editores, 1977; 4ª ed., 1984; Obras Completas de Ferreira de Castro, Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.)

———, “Regresso”, *Vária Escrita*, nº 3, Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, Sintra, 1996.

Bibliografia passiva:

AA. VV., *LIVRO do Cinquentenário de Vida Literária de Ferreira de Castro - Edição Comemorativa*, Portugália Editora, Lisboa, 1968.

ALVES, Eurico de Andrade, *Ferreira de Castro – Sonho de uma Humanidade*, No Centenário do seu nascimento: 1898-1998, Associação de Amigos de Ferreira de Castro, Ossela - Oliveira de Azeméis, 1998.

ALVES, Eurico de Andrade, *Ferreira de Castro – Páginas Belas*, Associação de Amigos de Ferreira de Castro, Ossela - Oliveira de Azeméis, 1996.

ALVES, Ricardo António, *100 Cartas a Ferreira de Castro*, Ed. Câmara Municipal de Sintra, Sintra, Museu Ferreira de Castro, 1992.

-----, *Anarquismo e Neo-realismo – Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*, 1ª Edição, Ânfora Editora, Lisboa, 2002.

AMORIM, António, ... *redescobrir Ferreira de Castro*. Caima Press Edições, Oliveira de Azeméis, 2001.

Diário de Notícias, Lisboa, 24 de Maio de 1998.

GUIA de Exposição, Museu Ferreira de Castro. Sintra, 2003.

EMERY, Bernard, *Miscelânea sobre José Maria Ferreira de Castro*, Publicações do Centre de Recherche et Études Lusophones et Intertropicales de Grenoble, 1994.

HOMENAGEM a Ferreira de Castro, pelos escritores da Tertúlia “Rio de Prata”,
Coord. Ulisses Duarte, Universitária Editora, Lda., Lisboa, 1998.

IN MEMORIAM de Ferreira de Castro, Introdução e estruturação de Adelino Vieira
Neves, Edição do Arquivo Bibliográfico dos Escritores e Homens de Letras de Portugal,
Braga, 1976.

FERREIRA de Castro/Viageiro do Mundo Conhecedor dos Homens, Editora Secretaria
de Estado da Comunicação Social, Direcção Geral de Divulgação, Lisboa, 1980.

LOPES, Óscar e SARAIVA, António José, “José Maria Ferreira de Castro”, *História da
Literatura Portuguesa*, Alfa, 7 Vols, Lisboa, 2001 a 2003.

Notícias de Hoje, Nº 5, S. Paulo, 15 de Novembro de 1958.

ROSSI, Carlo Giuseppe, , “Opiniões Críticas” in *Obras de Ferreira de Castro*, Volume
I, 4ª Edição, Lello e Irmão - Editores, Porto, 1984.

SALEMA, Álvaro, *Ferreira de Castro – A sua vida, a sua personalidade, a sua obra*, 1ª
ed., Publicações Europa-América, Póvoa do Varzim, 1974.

Tentativa, Ano 3, Nº 13, Atibaia, Estado de São Paulo – Brasil, Maio de 1951.

Bibliografia crítica citada:

AGUIAR, Cláudio e PAIVA, José Rodrigues. *Literatura e Emigração*, Ed. Associação
de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, Recife, 2001.

FERREIRA, Ana Paula, *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*, Colecção
Universitária, ed. Caminho, Lisboa, 1992.

HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos II*, Organização, introdução e notas de Jorge
Custódio e José Manuel Garcia. Editorial Presença, Porto, 1983.

LOURENÇO, Eduardo, *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*, 2ª ed., Publicações Dom Quixote, Estudos Portugueses, Lisboa, 1983,.

-----, *O Labirinto da Saudade*, 2ª ed., Colecção de Autores de Língua Portuguesa, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1982.

REDOL, Alves, *Arte*, Palestra proferida no primeiro serão de arte, organizado pelo grémio artístico vilafranquense, na noite de dezassete de Junho – ano de mil novecentos e trinta e seis. Cópia do original cedida pelo Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira.

REIS, Carlos, *O Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, Livraria Almedina, Coimbra, 1983

ROCHA, Clara, “A Imagem do Emigrante Na Ficção Portuguesa dos Sécs. XIX e XX.”, *Escritor*, Nº 7, 1996.

SEIXO, Maria Alzira (Direcção de), *Textos Teóricos do Neo-realismo Português*, Colecção Textos Literários, dirigida e coordenada por Maria Alzira Seixas, Seara Nova, Editorial Comunicação, Lisboa, 1981.

SEIXO, Maria Alzira (Coordenação de), *A Viagem na Literatura* (seminários), nº 01, Publicações Europa-América, Lisboa, 1997.

SEIXO, Maria Alzira Seixo, *Poéticas da Viagem na Literatura*, Edições Cosmos e Maria Alzira Seixo, Lisboa, 1998.

SILVA, Garcez da, *Alves Redol e o Grupo Neo-realista de Vila Franca*, Ed. Caminho, Lisboa, 1990

SARAIWA, António José, *Ser ou Não Ser Arte – Estudos e ensaios de metaliteratura*. Gradiva - Publicações, Lda., 1993.

TORGA, Miguel, “O Drama do Emigrante Português”, Conferência realizada no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 19 de Agosto de 1954, *Traço de União in Ensaio e Discursos*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000.

-----, “Lado Português de um Diálogo Luso-Brasileiro”, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1983.

----. *O Neo-realismo Literário Português*, Moraes Editores, Lisboa, 1977.

Outras obras citadas:

A.A.VV., *Emigração/Imigração em Portugal, Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração em Portugal (séculos XIX – XX)*, Editora Fragmentos, Lisboa, 1993.

AA.VV., *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*, Porto Editora, Porto, 2000.

AA.VV., *Filosofia da Saudade*, Selecção e Organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Colecção Pensamento Português, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Maia, 1986.

AA. VV., *História de Portugal em Datas*, Circulo de Leitores, Lda. e Autores, Lisboa, 1994.

“A Censura” In *História*, Março 2000.

ALEGRE, Manuel, *O Canto e as Armas*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1989.

BAL, Mieke. *Narratologie- Les Instances du Récit*. Edições Klincksieck, Paris, 1977.

BOOTH, C. Wayne, *A Retórica da Ficção*, Lisboa, ed. Artes e Letras/Arcádia, 1980.

BOURNEUF, Roland e OUELLET, Réal, *L'Univers du Roman*, Colection Sup, Presses Universitaires de France, 1975.

BRASIL, 1039/40 - *Imigração e Colonização*, Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, s/d.

CAMÕES, Luis Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Porto Editora, Lda., Porto, 1975.

-----, *Sonetos e Canções*, Porto Editora Lda., Porto, 1974.

CEIA, Carlos, *Normas Para Apresentação de Trabalhos Científicos*, 2ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1997.

CUNHA, Celso e Cintra, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 13ª ed., Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1997

CRISTOVÃO, Fernando, *Método, sugestões para a elaboração de um ensaio ou tese*, Edições Colibri, Lisboa, 2001.

FOCUS, Nº 144, 17 DE Julho 2002.

JIMENEZ, José García, *La Imagem Narrativa*, Editorial Paraninfo, Madrid, 1995.

JORNAL de Notícias, Porto, 26 de Julho de 2002.

-----, 23 de Agosto de 2002, Porto.

LACERDA, Roberto Cortes de, et alii, *Dicionário de Provérbios*, Contexto Editora, Lisboa, 2000.

LIMA, Oliveira, *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, Top Books - Editora e Distribuidora de Livros Lda, Rio de Janeiro, s/d.

NETTO, Joaquim da Costa Pinto, “Formação da Sociedade Brasileira” in *Colóquios sobre o Brasil*, nº 79, Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, Lisboa, 1967.

PESSOA, Fernando, *Mensagem*, 17ª Edição, Colecção Poesia, Edições Ática, Lisboa, 1995.

PORTUGAL – Jornal Portuguez, Anno I, nº 1, Pará – Brasil, 1 de Março de 1917.

REDOL, Alves, *Gaibéus*. Editora Caminho, Lisboa, 1989.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 5ª ed., Almedina, Coimbra, 1996,

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, *Sociologia das Migrações*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995.

SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal*, Publicações ALFA, S. A. Lisboa, 1993.

SCHMIDT, Joel, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Edições 70, 1995,

SERRÃO, Joel, *A Emigração Portuguesa - Sondagem Histórica*, 4ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1982

Sociologia – Problemas e Práticas, nº 25, Centro de Estudos de Sociologia, Departamento de Sociologia – ISCTE, 1997.

Super-interessante, Número 63, Julho de 2003.

JOUVE, Vincent, *L'effet-Personnage dans le Roman*, Puf Écriture, 1992.

VISÃO, Sociedade, 14 de Agosto de 2002.

Anexos



"Figura 1"



"Figura 2"

O Emigrante**Caldas da Rainha, MJM****1916**

O Emigrante também intitulado *Partida para o Brasil, Último Olhar à Aldeia*, é um quadro da maturidade de José Malhoa, consagrada a sua aura de pintor do povo português, e que coloca com sentida dramaticidade a relação do homem com a terra, o camponês com a aldeia e a necessidade da partida em procura de trabalho.

É o isolamento pela separação física da terra que o cajado configura, linha separando o caminho do camponês colocado na sombra e a amplidão luminosa do campo e das searas. A aldeia de Bairrão, perto de Figueiró, foi o cenário desta partida, e o modelo foi Francisco Gabriel, verdades documentais do lugar e das gentes que tornam mais sentida e sentimental a situação de afastamento da terra-mãe, lá longe. Entre os dois fica a estrada e o inevitável olhar para trás, contrariando a direcção do caminho que, por necessidade, se deverá seguir. (...)

José Malhoa ultrapassa a narratividade rural e atribui-lhe gravidade de uma gesta modestamente heróica, dando-nos esta imagem sentida da necessidade portuguesa da partida que, forçada embora por imperativos econômicos, se fundamenta no espírito aventureiro e empreendedor contra um fundo geral de saudade. Pertencendo a uma coleção particular brasileira, a obra teve numerosos estudos pintados a óleo e desenhados a carvão, principalmente da figura masculina que não foi sujeita a alterações significativas.

No presente desenho Malhoa aplicou-se na definição do rosto e do olhar da personagem que, quase pontual na composição final, é o centro do significado da obra. O escorço difícil da cabeça que, sendo visível ainda, parece tender a ocultar-se, dá-nos o sentido dividido do momento, entre quem fica e quem parte, o olhar atento e melancólico, dividido também entre a lembrança e a despedida.

Paulo Henriques, *José Malhoa*,

Edições Inapa, S.A.

Colecção Pintura Portuguesa do século XIX

1996, pp. 80/81



“Figura 3”

Só na Aldeia

1911

Lisboa, Colecção Particular

A soturnidade da mancha fechada da arquitectura que faz à meditativa camponesa contrasta, num sistema compositivo frequente em Malhoa, com o espaço claro do caminho da aldeia, a que sucede o arvoredo e, mais além, uma outra aldeia em festa, como indica o foguetório que rebenta no céu. Impedida de aí estar, talvez por um luto que o negro da roupa faz supor, rapariga descansa, o rosto pensativo e vago, mancha de claridade e marca de isolamento. De novo o individual se confronta com o colectivo, a sombra se coteja com a luz e o perto com o longe. Embora circunstancial, a solidão desta figura pode trazer em si o sentido da perca, pela morte e a distância, austeramente significada no lado esquerdo do quadro que, à direita, apresenta a sensualidade da matéria gorda do caminho, os volumes generosos dos arvoredos e a notícia alegre da festa da aldeia.

De um modo absoluto configura o destino doméstico atribuído à mulher e que a ausência do homem torna mais grave, podendo o olhar desta camponesa procurar a do *Emigrante* que Malhoa pintará mais tarde, compondo assim um díptico, entre ficar e partir, pátria e emigração, saudade e descoberta.

Paulo Henriques

José Malhoa,

Edições Inapa, S.A.

Colecção Pintura Portuguesa do século XIX, 1996, pp. 86 e 87.

PORTUGAL
Jornal Portuguez

Anno I nº1

Quinta, 1º de Março 1917

Redacção Rua Paes de Carvalho, 97, Caixa Postal, 477

Propriedade de um Grupo de Portugueses

Editorial

“ O nome que escolhemos para o nosso jornal é o da Pátria. Bastaria simplesmente o invejável título para que todos os nossos patricios adivinhassem o íntimo que nos leva a traçar o programa de Portugal.

Não iremos longe: em poucas palavras delinearemos o nosso fito e, estamos certos de que todos os portuguezes, todos os que se prezam de ser patriotas, todos os que são veras almas luzitanas jamais nos negarão os seus apoios.

Estamos no Brasil. A população lusa emigratória para este paiz é enormíssima. Fallemos dos portuguezes residentes no Pará.

Imprescindivelmente direis vós necessitamos de um orgam official que nos defenda, em terras brasileiras, porque o coração brasileiro é unificado, ao portuguez, e nós acrescentaríamos ainda que, unanimamente, a imprensa d'aqui é coliigada a todos c s filhos da Pátria de Camões.

Ora, sabemos, perfeitamente, que a força de um povo é a imprensa, e esta, pois, ao nosso lado, eis porque somos queridos, confraternizados num laço cordeal, como dois corações amorosos, presos num só elo.

Um principio, porém, justifica a sahida do Portugal : “dede unidos, onde quer que estejais; fazei propaganda de vós mesmos, defendei-vos da menor intriga que seja, estae alerta, livrai-vos dos espiões, cuidado com os traidores; prepara-e-vos, sim, prepara-e-vos.”

Eis porque surgimos.

Somos uma população grande, talvez em número computável aos paraenses. Como nós estrangeiros (sic) aqui domiciliados, outros há também que, dados os momentos gravissimos da conflagrada Europa e na qual, galhardamente, se envolve o nosso tão amado Portugal, são nossos inimigos. Precisamos estar alerta com elle, descobrir alguma das suas façanhas e desvendal-as em tempo opportuno. Lembremo-nos do dictado que diz: ... depois de roubado manda guardar tua casa.

Alerta, pois, nós cá estaremos!

Portugal pugnará sempre pelos direitos quer individuais quer particulares dos nossos concidadãos bem assim por tudo o que referente for ao nosso adorado torrão natal

Todo o compatricio, ao primeiro ultraje, terá, neste jornal, um salvaguardador (sic) da sua honra. Á primeira denúncia levantaremos o nosso brado, cuja voz há de echoar, atravez do Atlântico aos ouvidos das mais altas autoridades do nosso paiz.

Sacrificarmo-nos por vcs, patrícios, é o dever dos que trabalham nesta casa.

Repelliremos forte, energica e altivamente, as bravalas que quiserem atribir aos nossos.

Seremos solodários com os nosso, viveremos com os nossos e morreremos com os nossos.

Uma linha siquer nos desviaremos da norma traçada.

Que todos os portugueses reconheçam a nossa vontade espontânea mas insuperável. O Portugal saúda os seus collegas de imprensa, a colónia portuguesa, os membros de todas as sociedades, o commercio e o público em geral.

Belem teve diversos jornaes que se rotulavam portugueses e todos ou pela sua administração ou por outra coisa qualquer, feneceram após maior ou menor espaço de tempo. Ainda ultimamente O Herado, A Cruzada e a Gazeta Luzitana provaram o que agora affirmamos.

Ora, como por ahi rosna-se que o nosso jornal não persiste e ... “murcha cosa más”, avisamos aos nossos patricios que este jornal não tem e não terá ligação alguma com os outros jornaes que neste genero já circulam e nem tampouco com o pessoal que dele fizeram parte. Temos typographia propria, que qualquer patricio pode examinar à tr. 1º de Março nº 119 e por isso temos o jornal um tanto mais barato: alem disso somos um grupo: quando este orgam não render para a sua existência, sustentál-o-hem-mos nós que vivemos de parques ordenados. Ficam ahi ellucidados os pontos que desde o início espiritos paupérrimos de tudo teem procurado tornar escuros.

O Portugal tem uma feição modesta, mas são os modestos que vencem, porque o espalhafatosos se não decae hoje decae amanhã, enevitavelmente.